

V.T.

22

2

4

V.T.
22
3
4





200
1870

V.T.
22
2
4

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

INGLATERRA

JOHN ELIOT PARSONS, POLITICAL, &c.

VOL. IV.

LONDON

AT THE

V.T.

8
3
3

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.

MOR.

VOL. IV.



LONDRES:

M. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

Conto de compra, que nos expozem os seus

nos.

VOL. IV

LONDRES:

M. GAY, IMPRESSOR, KING-STREET, BLACKMARRIAGE.

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

JUNHO de 1812.

Condo et compono, quæ mox deprimere possim....HOR.

LITERATURA.

CONTINUAÇÃO

Da Historia Geografico-Politica do Reino de Nova
Hespanha, &c.

Descripção particular de Cada Provincia.

Todo o Reino de N. H., inclusas as Provincias internas,
contem de 70 a 80 Cidades, e Villas.

INTENDENCIA DE MEXICO.

O valle de Mexico ou Tenochtitlan tem 224 legoas qua-
VOL. IV. A

dradas, e provavelmente 400,000 almas, ou 2,353 em cada legoa; povoação maior 200 almas por legoa (descontando as legoas) que a das vizinhanças de Madrid, ou sua Provincia. A Cidade de Mexico tem soffrido, depois da conquista, quatro grandes inundações nos annos de 1,553—1,589—1,604, e 1,607. Depois da ultima mandou Felippe III. que se mudasse a Cidade para as alturas de Tacuba, e Tacubaya, o que não se verificou, por valerem nesta epoca as rendas do Mexico vinte milhoens e meio de pezos, mas livrou-se das agoas da banda do O. N. e N. E. pelo desaguadoiro que Enrico Martinez começou no Vice-reinado do Marquez de Salinas, em 28 de Novembro de 1607 por meio de hum canal subterraneo. Suspendeo se o trabalho em 1623, e recommençou-se em 1624 por canal aberto. A 20 de Junho de 1629 por copiozas chuvas, e outras cauzas, que se não tem bastantemente averiguado, se inundou a Cidade de Mexico pela quinta vez, e permaneceu cinco annos neste estado, ficando unicamente livres da inundação as Praças-Maior, del Valador, e Santiago de Haltelolco. Depois de muitos projectos impraticaveis, Enrico Martinez (posto em liberdade) continuou o Desaguadoiro Huehuetoca, que pouco se adiantou ate 1634, epoca, em que o Commissario Geral de S. Francisco o continuou com empenho ate 1637: e por ultimo o Consulado de Mexico o concluiu em 1790.

Este antigo desaguadoiro era somente negativo, isto he, impedia somente que o Rio de Guantitlan desaguasse na Alagoa de Zumpango, que está mais alta que a Praça Maior de Mexico 10 varas 1 pé, e 6 pollegadas. Em 1796, e 1798 se converteo o Desaguadoiro negativo em hum positivo abrindo felismente os canaes de Zumpango, e S. Christovão. Trata-se todavia de fazer o Desaguadoiro da Alagoa de Fescuco, cuja superficie esta huma vara, 1 pe, e 1 pollegada mais baixa, que a Praça-maior de Mexico, para diminuir as pequenas inundações, que o Mexico padece das vertentes do S. e S. E; e para formar huma communicação de canaes desde Chalco ate Huehuetoca, e talvez (se o Rio de Motesuma o permittir) ate Panuco, e Tampico.

Estas obras tem custado desde 1602 ate 1792 a somma de 5,651,000 de pezos. A maior altura da Intendencia he o Picaso no nevado de Toluca; segue-se a este o Cerro de Axurco.

A superficie desta Intendencia he 4 vezes maior que a do Principado de Catalunha: Sua Povoação absoluta he de 1,500,000 almas; maior que a do Reino de Galiza: e Sua Povoação relativa (em cada legua quadrada) igual á Provincia de Estremadura.

Cidades, e Villas Principaes.

A Cidade de Mexico: fundada em 1325 pelos Abstics, conquistada em 13 d'Agosto de 1521: sua Povoação provavelmente não excede de 130 a 140,000. Os diferentes Authores Citados por Clavixero differem entre si de 60,000 até 1,500,000. A enumeração feita em 1793 deo, sem contar a tropa 112,926 almas; ajuntando-lhe $\frac{1}{2}$ que se pode ter occultado, chegam a 129,000: povoação hum pouco menor que a de Madrid, que tinha em 1787 perto de 157,000 almas, e quasi cinco vezes menor que a de Paris, e Londres. Abzate tem pertendido provar pelo numero de mortos, e nascidos comparados aos de Madrid, que Mexico em 1788 tinha 210,000 almas: porem não ha razão para suspeitar, que o erro da numeracao do Conde de Revilla Gigedo chegasse ao dobro; ou a 97,000 pessoas; e não se pode admittir, que as povoaçoens de dois lugares situados em diferentes Continentes, climas, e alturas, sejam proporcionaes ao numero dos nascidos, quando na mesma Europa ha lugares, onde, como em Madrid de 34 nasce hum, e outros onde, como em Bertizi, e varios lugares de França, de 27 nasce hum. Estas duas suppoziçoens produziriaõ sobre o numero de nascidos em Mexico huma differença para mais de 41,000.

Consumo da Cidade em 1791—16,300 bois—2,780,000 carneiros—50,600 porcos—24,000 cabritos, e coelhos—1,255,000 galinhas, e frangos—125,000 patos—130,000 cargas de farinha—117,000 ditas de maiz—294,700 ditas de Pulque—12,000 barriz d'aguardente—4,507 barriz de vinho, e vinagre—5,600 alqueires d'azeite d'Hespanha—40,200 cargas de cevada. O consumo do vinho augmentou muitissimo desde a introducção do systema Browniano, que tem sido mui favoravel ao Commercio da Peninsula.

Na suppozição de 135,000 almas (termo medio entre 130 e 140,000), nasce em Mexico de 22 $\frac{1}{2}$ hum: os nascidos estão para os mortos como 1,2:1. Ja antecedentemente se notou que a grande mortandade he apparente, e provem do concurso de tantos enfermos dos Hospitaes.

Altura de Mexico	- - -	1,163 toezas
Dita de Toluca	- - -	1,338 ditas
Dita de Tasco	- - -	858 ditas
Dita de Pachuca	- - -	1,224 ditas
Dita de Chilpancingo	- - -	663 ditas
Dita de Cuernabaca	- - -	803 ditas
Dita de Zima pan, Cuyoacan, Lerma, Zacatitla, Cade-reyta, não esta medida.	Queretaro—altura 953t: Povoação	—35,000 almas.

Altura de S. Joaõ do Rio - - - 970 ditas
 Dita de Tacuoaya, e de Tacuba, não está medida.

He maior que o Reino d'Aragão—sua povoação absoluta he menor 7,000 almas, que a de Catalunha—sua povoação relativa he igual á da Provincia de Zamora: sua maior altura he o Volcão Popocatepec, a qual he de 2,707 toezas. He a unica Intendencia sem minas, e na qual as manufacturas, e a Agricultura tem feito mais progressos por essa cauza. Tem 138 Parroquias—117 Povos, e 418 Fazendas.

Cidades, e Villas.

La Puerta de los Angeles—sua povoação igual a de Lima ou 67,800 almas.—Hucrocingo—Cholula—Atlixo, celebre pela fertilidade de seos campos em trigo—Tepeaca, ou Tepeyacac—Tehuacan de las Granadas—Haxcala cuja povoação he de 3,365 almas, das quaes 871 são Indios.

Intendencia de Vera Cruz.

He duas vezes maior que a Provincia d'Estremadura: sua povoação absoluta he hum pouco menor que a da Provincia de Segovia; e a relativa quatro vezes menor que a da Provincia mais despovoada d'Hispanha, que he a de Cidade Real: sua maior altura he o Pico de Orizava de 2795 toezas.

Vera Cruz (onde morrem de vomito negro 1802 a 1500 pessoas—Cordova—Orizaba—Aalapa—Parote.

Intendencia de Oaxaca.

He hum pouco maior que tres vezes a Provincia d'Estremadura—sua povoação he de 112,000 almas; conseguintemente a relativa he menor mais de ametade. Esta Provincia tem conservado a Cochenilha, d'antes tao abundante em Puebla, como na Galiza.

O Estado do Marquez del Valle, descendente de Hernan Cortes, contem quatro villas do Marquezado, 49 povos, e 17,700 almas. Todas as rendas remissiveis do Ducado de Monte Leon de Oaxaca, e Toluca-nao excedem a 115,000 pezos.

Oaxaca, ou Antequera, tem 24,400 almas.—Teuantepec—Chilapa—Villa del Marquezado—e Hapacoya.

Intendencia de Merida.

Ha hum pouco maior, e menos povoada, que Oaxaca. A

parte mais saã dos paizes quentes da N. H. he Merlda de Yucatan : sua povoação he de 3,600 almas.

Intendencia de Valladolid.

Era o antigo Reino de Michoacan, cuja capital era Zintzunzat. He sete vezes maior que o Reino de Granada, e sua povoação hum pouco maior que a de Murcia. Sua maior altura he o Cerro de Tanzitaro—tem 205 Parroquias—263 Povos—sua povoação he de 21,800 almas.

Altura de Valladolid	-	-	959 toezas
Dita de Pasquaro	-	-	1,081 ditas
Dita de Charo	-	-	993 ditas
Dita de Zamora, e Citaquaro, não esta medida.			

Intendencia de Guadalajara.

He maior que $\frac{2}{3}$ da Peninsula : sua povoação he igual á do Reino de Aragão—

Guadalajara—Colima—Aguas Calientes—Villa de la Purificacion—Compostela—Lagos.

Intendencia de Zacatecas.

He 300 legoas quadradas maior que o Reino d'Aragão : sua povoação he menor, que a da Provincia de Segovia :

Zacatecas sua povoação he de 33,000 almas—Fresuillo—Sombrerete.

Intendencia de Guanaxuato.

He hum pouco maior que ametade do Reino de Murcia : sua população he maior que hum terço de 174,000 : o numero de habitantes em cada legoa quadrada he a 63, maior que no Reino de Valencia—Sua maior altura he o Cerro dos Llanitos da Serra de Sta. Roza, que tem 1,420 toezas.

Guanaxuato com as minas adjacentes tem 70,600 habitantes.

A Cidade 41,000—Marfil—Santa Anna—Santa Roza—Valenciana—Rayas, e Mellado—29,600.

Sua povoação he maior que o de Lima, Santa Fé, Quito, Caracas, depois de Mexico, e Havana, he provavelmente a maior Povoação da America Hespanhola.

Sua altura he - - - - - 1,020 toezas.

Intendencia de Guanajuato.

Altura de Salamanca	-	854 toezas
D ^a . de Celaya	-	895 ditas.

D^a. de Salvatierra,—Villa de Leon—e S. Miguel el Grande, não está medida.
Parroquias 33, Povos 37, habitantes 448.

Intendencia de S. Luis Potosi.

He sómente 3,000 legoas menor que todo o Vice-Reinado do Peru, e 2,600 maior que a Peninsula, com huma povoação menor que a de Murcia.

Provincia do Novo Santander	3,831 habitantes
Novo Reino de Leão	1,623 ditos
Provincia de Texas	7,006 ditos
Provincia de Coahuila	4,280 ditos

Villas, e Cidades.

S. Luis de Potosi	11,000 ditos
Monte Rey—Linares—Monclova e Villa de S. Fernando de Besar.	

Intendencia de Durango.

Tem dois terços da Peninsula, com huma povoação menor que a da Provincia de Soria—Povos 199—Parroquias 75—Fazendas 152—Missoens 37.

Altura de Durango—1,027 toezas—sua	população—14,200
Chihuahua	dita 15,000
S. Joao del Rio	dita 13,500
Nome de Deos	dita 8,700
Papasquiario	dita 7,200
Mapinci	dita 3,000

Intendencia de Sonora.

He 2,800 leguas quadradas menor, que toda a Hespanha,

com huma povoação menor que a da Villa de Madrid, ou a da Cidade de Mexico. Tem 46 Povos, 15 Parroquias, 43 Missoens, 20 Fazendas—Sinaloa tem 92 Povos, 30 Parroquias, 14 Fazendas.

Povoação d'Arispe	-	-	9,600
Dita de Sonora	-	-	8,200
Dita de Hostimuri	-	-	20,000
Dita de Culiacan	-	-	13,800
Dita de Sinaloa, ou S. Felipe, e Santiago	-	-	12,000
Dita del Rozario	-	-	7,200
Dita de Villa del Fuerte, ou de Montes Claros	-	-	10,100
Dita dos Alamos	-	-	9,000

Provincia do Novo Mexico.

He mais de tres vezes maior que a Catalunha, com huma povoação menor, que a metade da de Barcelona: tem 26 Povos, 3 Parroquias, e 19 Missoens.

Povoação de Santa Fe	-	-	4,600
Dita de Santa Cruz do Canada e Taos	-	-	11,000
Dita d'Albuquerque, e Alameda	-	-	7,700

Provincia da Antiga California.

Esta Provincia tem 9,000 habitantes, 4,000 dos quaes são Indios bravos; 16 Missoens em decadencia.

Provincia da Nova California.

A povoação desta Provincia monta a 15,560. A povoação destas Missoens tem augmentado com tanta rapidez, que em 1793 a numeração dava somente em ambas as Californias 12,666. Nas 13 Missoens da Nova California baptizaram-se em 1801 e 1802.—4728, e morrerão 2,881 pessoas. Desde 1769 baptizaram-se 33,717, e morrerão somente 16,984.

Ha em a Nova California 17,400 Cavallos—Gado vacum 67,780, Ovelhas 107,172: sementeira de trigo 2,089 fanegas, colheita 33,176 ditas. Sementeira de Maiz 66 fanegas—colheita 4,661 fanegas. Fas-se algum vinho, e azeite em S. Diogo.

Reino de Nova Hespanha.

As Provincia sujeitas ao Vice-Rey da Nova Hespanha são as Intendencias de Mexico, Puebla, Vera Cruz, Oaxaca, Merida, Valladolid, Guadalaxara, Zacatecas, Guanaxuato e S. Luiz Potosi, sem Coahuila, e Texas a antiga, e nova California—Provincias sujeitas ao Commando geral das Provincias internas, as duas Intendencias de Durango, e Sonora, as Provincias de Coahuila, Texas, e Novo Mexico. Povoação 378,847—Area 38,545.

 AGRICULTURA.

Os productos da Agricultura de N. H.—Maiz, e Trigo valem annualmente tanto como a Prata, e Oiro das Minas ou 22, a 24,000,000 de pezos. Antes do anno de 1779 chegam apenas a 19 milhoens. Este augmento he effeito do progresso da Agricultura, Industria, e Povoação.

Os dizimos do Clero, que são o Barometro destes progressos eraõ nos Bispados de Mexico—Puebla, Valladolid, Oaxaca, Guadalaxara, e Durango.

De 1771 a 1779	13,357,157 pezos.
De 1779 a 1789	18,353,821 ditos.

Productos da Agricultura em 1790.

No Arcebisado de Mexico	8,500,000 pezos.
No Bisado de Puebla	4,400,000 ditos.
No Bisado de Valladolid	4,000,000 ditos.
No Bisado de Oaxaca	1,000,000 ditos.
No Bisado de Guadalaxara	3,400,000 ditos.
No Bisado de Durango	1,200,000 ditos.

As fabricas de Laã, e Algadao mais consideraveis são as de Puebla, e Queretaro, que tem arruinado as de Feunico.

Em Queretaro consome-se em 20 Fabricas, e 30 Trapiches annualmente 46,000 arrabas de Laã, que produzem 6,000 peças de panno, ou 226,000 varas—280 peças de sarge ou 18,000 varas. Valor total—600,000 pezos.

Em Algodão consome Queretaro em tecidos de mantas, e rebuços 200,000 libras. Estas fabricas fariam progressos muito maiores, se os operarios gozassem do fructo de seu trabalho, e se ellas não fossem huns carcereiros immundos tão contrarios á saúde, como á perfeição do tecido, e das tintas. As fabricas d'algodão poderiam ser o objecto mais interessante deste Reino, se acazo se introduzissem Maquinas simples de o colher nas Costas d'ambos os mares, onde nasce.

COMMERCIO.

PELO mar do Norte por Vera Cruz.

Importação	-	-	14	milhoens	de	pezos.
Exportação	-	-	20	ditos	ditos	
Diferença a favor da exportação	-	-	6	ditos	ditos.	
Objecto total deste Commercio	-	-	34	ditos	ditos.	

Importação de Lima	-	-	4	ditos	ditos.
Exportação	-	-	5½	ditos	ditos.
Diferença a favor da exportação	-	-	1½	ditos	ditos.

Exportação dos Estados Unidos, foi em 1790	19	milhoens.
em 1793	33	ditos.
em 1794	48	ditos.

Os objectos d'exportação de Vera Cruz são Prata, e dois, a dois milhoens, e meio de effeitos da Agricultura da N. H. como Cochinilla 2,300 surroens, ou 22,000 arrobas, a 65 pezos, fazendo hum total de 1,430,000 pezos.

Assucar 430,000 Surroens. Valor da Vaonilha 60,000 pezos.

Entre os objectos d'importancia ha, em tempo de paz 35 a 40,000 barril de vinho da Europa—125,000 resmas de papel a 3 pezos cada huma, e na ultima guerra a 27 pezos. Cannella 100,000 libras a 4 pezos cada huma; na guerra ate 60 pezos.

Da conta publicado pelo consulado de Vera Cruz, unico papel estatistico que se tem publicado sobre a N. H. e que he cheio de clareza, e de vistas patrioticas, rezulta que em 1802, anno, no qual o fim da guerra augmentou todos os ramos, houve—

Commercio de Vera Cruz em 1802.

Importação da Hespanha	Pezos	Pezos.
Em generos Nacionaes	11,539,219	} 20,390,859
Em ditos Estrangeiros	8,851,640	
Exportação para Hespanha		33,866,219
Differença a favor da exportação		13,475,360

—Commercio da Metropole 54 milhoens de pezos.—

Importação da America	- -	1,637,729 pezos.
Exportação para America	- -	4,581,148 ditos.
Differença a favor da exportação		2,973,419 ditos.

—Commercio da America 6 milhoens de pezos.—

Importação Geral	- -	21,998,538 pezos.
Exportação Geral	- -	38,447,367 ditos.

Commercio total de Vera Cruz em 1802

—60½ milhoens de pezos. Feito este
Commercio em 558 Navios, a saber 148
d'Hespanha; para Hespanha 112: da
America 143—para a America 155.

RENDAS DO ESTADO.

Renda total da N. H. 20,000,000 de pezos.

Renda da producto, e beneficio metallico 4,000,000 ditos.

Direitos de Oiro, e prata pagos em 1795.

Nas caxas Reaes a 10 por cento 3,516,000 ditos.

Da renda do Azougue em 1790 536,000 ditos.

A caza da moeda produz a El Rey 1,500,000 ditos.

A caza de moeda de Lima produz a El Rey 250,000 ditos.

Segue-se que o ramo de *Minaria* com a caza de moeda que existe, produz 5½ milhoens de prata, sem contar o influxo que tem sobre a povoação, e por conseguinte sobre o ramo d'alcavala, ramo de Tabaco, &c.

Valor do Tabaco vendido em 1802 7,686,834 pezos.

Dada a população, deque ja se fallou, e attendendo a que os Indios consomem pouco tabaco, vem cada pessoa de toda a idade, e sexo, a gastar neste artigo dois pezos, e dois reales ; consequentemente se na França se fizesse igual uso de Tabaco de todas as qualidades, o consumo deste artigo montaria a 68 milhoens!

Gastos na Fabrica em 1802—1,285,199 pezos. Ordenados dos empregados no ramo do Tabaco no mesmo anno—794,586 pezos, ou 19 por cento do producto liquido : por compra de Tabaco 594,000 pezos. Liquido para El Rey (remissivel para a Hespanha) em 1802—3,993,800 pezos—Em 1801—4,092,600 ditos.

Ramo de polvera em 1792	-	-	145,000 pezos.
Polvera fabricada em 1801	-	-	782,800 ditos.
em 1802	-	-	750,400 ditos.

Polvera vendida aos Mineiros em 1801	255,000 pezos,
Em 1802	340,000 ditos.

Todo o Reino em geral precisa de 700,000 pezos para polvera de minas.

O total das rendas de N. H. em 1712	3,068,400 pezos.
em 1764	6,000,000 ditos.
em 1792	19,800,000 ditos.

Influxo do Commercio livre sobre a renda, em treze annos antes do commercio, a saber desde 1765 a 1777—

1777—	131,135,000 pezos.
Em treze annos depois de 1778 a 1790	239,305,000 ditos.

Outros ramos da renda do Estado.

Cartas de jogar—liquido—120,000 pezos—Pulque* prohibido por Carlos I. e por Felipe III, e convertido depois em hum ramo da Real Fazenda—liquido—800,000 pezos. Neve estancada desde 1719—liquido—26,000 pezos : combates dos Gallos—45,000 pezos.

Polvera, Cartas de jogar, Pulque, Neve, e Gallos (tudo

* He o cumo fermentado de huma planta, que os habitantes da N. H. chamaõ *Manguey*.

junto) 1,096,000. Alcabala liquida, perto de 3,000,000. No quinquenio de 1788 a 1792 productó annual 3,259,504. Ordenados, e mais despezas 371,148 pezos.

Os gastos deste ramo fazem $\frac{1}{7}$ ou 14 $\frac{2}{3}$ do liquido.

Tributos liquidos	900,000 pezos
Soldos, e gastos da Administração, 55,770 pezos, Diversos encargos, pensoens, e alcavalas do Vice-Rey, 102,624	158,394 ditos.
Almoxarifado	500,000 ditos.
Bullas	270,000 ditos.
Meia Annata, e Mezada	100,000 ditos.

Eis aqui a ordem que seguem as rendas da N. H. relativamente ao seu productó.

Renda de Prata, e oiro, juntamente com a renda de Azougue, e caza da moeda. Tabaco, alcavala, polvera, cartas de jogar, e pulque juntos. Tributos do Almoxarifado.

Dividindo todos os ramos da Real Fazenda em 3 Classes; 1. a que comprehende as alcavalas, tributos, direitos de oiro, e prata: 2. Classe que abraça os ramos de Tabaco, Cartas de jogar, e Azougue cujo liquido se separa dos outros, e se remette intacto para a Hespanha: e a 3 Classe que tem destinos particulares para a America, e Hespanha como penas que se impoem, Bulas, Disimos, Vacantes, Meias Annatas, e Mezadas, e outros direitos sobre o clero: juntando a estas tres classes outros ramos como Monte Pio, renda de diferentes Bens Municipaes, que se achão debaixo da inspecção do Soberano—seguinto esta divizão, cujos fundamentos parecem pouco philosophicos, o termo medio de 1784 a 1789 será o seguinte.

	Productó total.	Gastos da administração.	Liquido.
1 Classe	10,747,878 pezos,	1,395,862 pezos,	9,352,016 pezos.
2 Classe	6,899,830 ditos.	3,080,303 ditos.	3,819,527 ditos.
3 Classe	1,530,425 ditos.	113,806 ditos.	516,619 ditos.
Outros direitos	1,897,128 ditos.	1,700,956 ditos.	196,172 ditos.

Daqui se vê que os gastos da administração fazem a terça parte do productó total das rendas, e quasi a ametade do liquido.

Dos 20 milhoens de rendas pouco mais, ou menos, consomem-se no Reino da N. H. dez milhoens, e meio de pezos. Destes gastão-se na Administração da Real Fazenda, e

Justiça seis milhoens, e meio: gastos de guerra quatro milhoens.

Despezas ultramarinas, ou sommas determinadas para a Azia, e Colonias Orientaes da America Hespanholas, tres milhoens, e meio, pelo menos.

Sobras que são remettidas para a Peninsula seis milhoens de pezos.

Estas sobras varião não somente, segundo a renda pessa de vinte milhoens, como acontece muitas vezes; mas tao-bem conforme as despezas ultramarinas, de que acima se fallou, diminuem.

Soldos do Vice-rey commandante General das Provincias internas: Secretaria, Governadores, Intendentes, e outros soldos, dois milhoens. Soldos de Justiça 133,000 pezos. Pensionistas 200,000 ditos. Hospitaes, e reparos de Fabricas Reaes, e pagas de renditos 400,000. Gastos da Repartição da Guerra, Arsenaes, Fortificaçoens, Prezidios, &c. 4,000,000.

Antes de 1793 contaraõ-se unicamente 3,604,000 pezos, dos quaes eraõ para as Milicias 292,000 pezos. Para a tropa regular 1,507,000. Para as Prezidios 1,079,000.

Em 1788, e dahi ate 1792 as consignaçõens ultramarinas se regularaõ por 4,500,000 pezos; dos quaes Havana—1,286,000. Para objectos maritimos 700,000 pezos: para objectos de terra 436,000: para as Fortificaçoens 150,000.

Alem dicto, para compras de Tabacos remissiveis para Hespanha 500,000 pezos.

Luziana 550,000 pezos, Porto Rico 376,000, S. Domingos 274,000, Filipinas 250,000, Trinidade 200,000, Florida 151,000, Pensacola 500,000.

Pela cessão da Trinidade, S. Domingos, e Lusiana se diminuirão as despezas chamadas ultramarinas de 1,024,000 pezos.

Renda total da N. H.	-	20,000,000	pezos.
Do Peru	-	3,500,000	ditos.
De Santa Fé	-	3,500,000	ditos.

El Rey d'Hespanha recebe annualmente de seos dominios da America quando muito 9,000,000 de pezos, dos quaes a N. H. fornece $\frac{3}{4}$.

Renda dos Estados Unidos em 1794, 6,500,000 pezos. A renda total da N. H. he quasi igual á do Reino de Prussia, e excede tres vezes a de El Rey de Suecia.

Valor do producto total em prata, e oiro 22,000,000.

Prata 2,660,000 marcos.

Em prata 21,300,000 pezos: em oiro 700,000. Popaian,

e Santa Fé cunhao em oiro 1,900,000, Chile, 1,500,000. A prata para o oiro esta na razao de 100:3½. O producto da N. H. está para o do Peru como 4:1: este mesmo producto da N. H. está para o das minas d'Alemanha como 20:1. No anno de 1796 cunharao-se na caza da moeda do Mexico 25,644,000 pezos: e em 1797 cunharao-se 25,080,000. Doze annos antes cunhou apenas 18 a 19 milhoens: trinta annos antes apenas 10 a 11 milhoens: e no principio do seculo 18 apenas 5 a 6 milhoens de pezos: tal he o resultado, e effeito do augmento da populaçao, e industria, das luzes espalhadas, da protecçao que se deo a Mina da Valenciana desde 1768; da diminuiçao no preço, do azougue, e mais que tudo do Commercio livre de 1778.

O Reino da N. H. tem produzido em prata, e oiro desde 1690 ate 1803, 1,304,070,807 pezos; ou desde a conquista mais de 1,920 milhoens de pezos; somma que tem cauzado enormes revoluçoens no estado moral, e politico da Europa, que tem destruido as fabricas, e a industria da Peninsula, e a maior parte da qual tem desaparecido, caminhando para o Est.

Moeda cunhada antes do commercio livre deste 1766 ate 1778, 203,882,000 pezos: depois do Commercio livre em 1779 ate 1791, 252,024,000.

A prata beneficiada por Amalgamaçao esta para a beneficiada por fundiçao como 3½:1; e a fundiçao vai diminuindo em tempo de paz, o que he em favor da conservaçao dos bosques carvão de pedra somente se conhece em o Novo Mexico, e no Durasno junto de S. Luis de la Paz, e de la Plata.

Dos 9,732,226 Marcos de prata tirados desde 1785 ate 1789 houverao 7,572,768 Marcos de prata de azougue, e 2,159,457 Marcos de prata de fogo.

A caza da Moeda do Mexico, a maior do mundo, gira seu capital com 59 por cento de proveito, e o Soberano ganha 6½ por 100 sobre toda a quantidade cunhada.

O Rey ganha, quando a caza da Moeda cunha 15 milhoens de pezos, 6 por cento; quando passa de 18 milhoens, ficao para El Rey 7 por cento.

Os operarios empregados andao por 350 a 400. No mez de Abril de 1796 cunharao-se 2,922,185 pezos; e a caza pode cunhar em hum anno sem augmento de maquinas, e gente, 30 milhoens de pezos. D'antes havia huma diminuiçao de tres marcos de prata em cada mil: em 1803 houve somente hum marco, e tres onças em cada mil marcos de prata. O custo de cunhar hum marco de prata, incluzo o valor da diminuiçao respectiva, he de 2 a 3 reales.

Ha no Reino da N. H. mais de 3,000 minas, que se trabalham. Os operarios subterraneos nao excederao a 30,000.

Em 1795, anno em que a Casa da Moeda cunhou 24 milhoens e meio de pezos, pagarao

S. Luis Potosi	-	-	96,000	Marcos de prata.
Zacatecas	-	-	69,000	ditos.
Guanaxuato	-	-	67,000	ditos.
Rozario	-	-	45,000	ditos.
Botanos	-	-	41,000	ditos.
Mexico	-	-	36,000	ditos.
Durango	-	-	33,000	ditos.
Guadalaxara	-	-	19,000	ditos.
Zimapan	-	-	10,000	ditos.
Sombrerete	-	-	7,000	ditos.
Chihuahua	-	-	7,000	ditos.

As minas da N. H. necessitam annualmente de 16,000 quintaes de Azougue; e para beneficiar hum marco de prata destroem-se quasi $\frac{1}{2}$ de huma libra de azougue.

El Rey vendia em 1590 o quintal d'azougue a 187 pezos: ate 1767 a 82: de 1767 ate 1777 a 62 pezos: desde 1777 vende-se o quintal a 42 pezos, e 2 reales: e o azougue d'Alemanha a 63 pezos. El Rey de Hespanha compra 12,000 quintaes d'azougue d'Alemanha.

Toda a America Hespanhola produz 37 milhoens de pezos em prata, e oiro, que destroe annualmente mais de 30,000 quintaes de azougue, que importaõ mais de milhao, e meio de pezos.

As minas da N. H. prezisaõ annualmente de 700,000 pezos de polvera. As minas de cobre da N. H. produzem para a exportação hum objecto de pouca importancia. As de chumbo nao daõ o que he precizo para as fundicoens de prata; e as de ferro, abundantes na Intendencia de Valladolid, Guadalaxara, Zacatecas, e Provincias internas, nao se podem trabalhar em tempo de paz, pelo barato do ferro, e aço Hespanhol, e por falta de combustivel.

FORÇA MILITAR.

Tropa Veterana.

Do exercito de operaçoes	-	6,230	} - 9,924
Que estao em prezidios, e volantes	-	595	
Ditos nas Provincias internas	-	3,099	

Milicias Provinciaes.

Do Vice-Reinado em tempo de paz	-	19,364	} - 21,951
Das Provincias internas	-	2,587	

Em tempo de guerra as Milicias do Vice Reinado augmentao a 21,412.

Milicias Urbanas. 1,059

Força total em tempo de paz - - - - - 22,934

A despeza que faz esta tropa monta annualmente a mais de 1,800,000 pezos, e com as fortificaçoes chega, a 4,000,000 de pezos.

DISCURSO,

Em que se trata o Elogio da Nação Portugueza; Provas da superioridade do seu espirito, e caracter Militar, relativamente aos outros Povos da Peninsula; commemoração das epochas em que o Amor da Independencia tem realçado o lustre, e gloria de suas proezas; e refutação de diversos argumentos allegados contra a possibilidade da defensa do Reino. Escrito, e Dedicado a Nação, e Exercito Portuguez, por hum official do real corpo de engenheiros.

O CARACTER militar da Nação Portugueza, ou se considere geralmente ou em relação aos outros povos da Peninsula, esta hoje tam altamente provado, que julgamos desnecessario addir novas provas a verdade desta asserção. Parece-nos todavia, que a leitura do presente discurso, como o seu author observa, ainda que escripto em 1806, não deixará de interessar a todos os que amaõ a honra e credito do nome Portuguez. Elle o escreveu sem tenção de o dar ao prelo, e somente para ser visto pelos seus amigos, como hum ensaio dos seus estudos, como dezafoço do resentimento produzido pelo menospreço com que os militares Portuguezes foraõ tractados pelos seus compatriotas depois da campanha de 1801; e para responder as razoens que entaõ se allegavaõ para criticar as despezas, que exigia a conservação, e melhoramento do nosso exercito. Hoje a experiencia tem verificado o modo de pensar do author. A gloria da Nação Portugueza se acha restabelecida. Os estrangeiros e nacionaes que olhavaõ incontestavel a opiniaõ, de que nada se devia esperar das nossas tropas, achaõ-se reduzidos a confuzão, e obrigados a admiração. He justo pois que aquelles dos Portuguezes, que sempre pensaraõ a este respeito conforme o verdadeiro espirito nacional, e segundo as regras do bom senso, gozem da satisfação de mostrar victorioza e confirmada, pelos acontecimentos actuaes, a sua opiniaõ fundamentada

nas observaçoens e argumentos expostos neste discurso, para contrastar a opiniaõ d'aquelles, que ajuizavaõ mui superficial e erradamente a respeito do character dos Portuguezes modernos: observaçoens escriptas em huma epoca anterior aos ultimos successos; mas que naõ dependiaõ d'elles, para que a sua exactidaõ e verdade, fosse reconhecida pelos homens sensatos, e imparciaes de todos os tempos e de todas as naçoens."

Taes saõ as expressoens de huma patriota illuminado. He alem disso hum official do real corpo de Engenheiros, quem falla. Ja se ve que pezo e exactiaõ devem ter as suas observaçoens. Sentimos que o author supremisse o seu nome, que de justiça pertence ao catalogo dos benemeritos Portuguezes. Nos recomendamos a leitura deste discurso aos apaixonados dos Leckie's, dos Bell's e dos escriptos dos arengueiros revolucionarios, oraculos da maledicencia, ou de certos jornalistas que a sombra da liberdade da imprensa publicão em Londres as mais affrontozas calumnias contra as naçoens e governos; e sobre tudo contra a nação e Governo Portuguez, e ficaraõ convencidos da negra malignidade de taes escriptores, e da sua propria illuzaõ. Sentimos igualmente que este discurso impresso em Lisboa em 1811 chegasse tam tarde a nossa maõ: ha mais tempo teriamos feito publica a nossa estima e veneraçãõ por hum author que exerce os seos talentos naõ para dezalentar os seus nacionaes, e envilecer o seu soberano, mas para animar os seos compatriotas e revender a sua nação dos aleives, e calumniosos golpes dos seos detractores.

O author começa por traçar ainda que rapidamente hum esboço animado da historia dos Luzitanos. Marca as epocas principaes em que a sua natural coragem e excessivo amor de independencia se tinhaõ mais conspicuamente manifestado. Elle faz ver a maneira brilhante, com que os Luzitanos se distinguiraõ sempre dos outros povos da Peninsula em repellir as invasoens dos Romanos, dos Gothos, e ultimamente dos Mouros. He desnecessario repetir o que todo mundo sabe, as proezas e galhardia dos Luzitanos, quando eraõ commandados por hum chefe da sua confiança ou nacional ou estranho, como no tempo dos Apimanos Viri-

atos e dos Sertorios. Os rivaes de Roma, os Carthaginezes escolherão de preferencia a co-operação do valor Luzitano para affrontar e bater os mais valentes campioens Romanos. Depois de fallar da invazão dos Mouros, o author se expressa da maneira seguinte:---

Estes novos dominadores, conservando as suas leis, religião e costumes oppostos aos dos povos submettidos (que devião por isso ser desprezados) derao lugar áquella antipathia, que fez reviver nestes ultimos tempos o amor da patria e da liberdade. Os habitantes das Asturias e de Navarra acharão nas difficeis montanhas do seu paiz, hum grande meio para se esquivarem ao novo jugo que os opprimia: a Catalunha e Aragão receberam a sua liberdade de Carlos Magno: os Portuguezes que habitavao hum terreno menos forte pela natureza, e mais exposto ás invasoens terrestres e maritimas dos Africanos, nao tinhao para conseguir o mesmo fim senão a intrepidez e o amor da independencia que sempre os tinha caracterizado. Mas como se persuadissem que so expulsariao os Mouros do seu territorio, para ficarem sujeitos á dominação dos Reis de Oviedo; porisso os seus primeiros esforços para recobrem a liberdade, a pesar de serem algumas vezes auxiliados, e dirigidos por estes ultimos Soberanos, erao, ou de pouco effeito, ou brevemente inutilizados pelos seus numerosos inimigos.

Mas apenas o Conde D. Henrique fez conhecer aos Portuguezes, que tinhao hum Governo separado; e erao dirigidos por hum Principe sabio, logo se reproduziraõ entre elles os sentimentos, e virtudes proprias do caracter Lusitano. Assim aquelles, que debaixo do commando de seu filho Affonso Henriques, ganharaõ a memoravel batalha do Campo d'Ourique, erao ja outros tantos heroes, a quem a gloria das Victorias nao podia contentar, se ellas lhes nao assegurassem a sua Liberdade. Porisso as Cortes de Lamego erao necessarias para acabar o começado nos Campos de Ourique. O verdadeiro character, e espirito Nacional, alli se manifestaraõ bem como no tempo dos Veriatos, e Sertorios; isto he, pelo modo, que era proprio de hum Povo, que nao tinha cousa alguma, que mais prezasse, do que a sua Independencia; e cujos coraçoes pareciaõ maiores do que elle mesmo, quando se tratava de a defender, e conservar. "*Nos somos livres,*" (exclamaraõ os Deputados da Nação naquella assemblea) "*o nosso Rei he livre; as nossas maõs nos libertaraõ; aquelle, que consentir em dominio alheio, morra e se for o proprio Rei, nuõ reine, e perca o Senhorio.*"

* Vêde a Europa de Faria; a Monarquia Lusitana; a Historia de Portugal por Damiao Antonio, etc.

Brevemente os que haviaõ pronunciado este voto energico, e taoõ solemne, mostraraoõ que naoõ era huma vaã formalidade, que o havia dictado. Elles, e os seus descendentes, tendo para combater as forças dos Mouros de Hespanha, e Africa, foraoõ tambem repetidas vezes atacados pelos Reis de Leaoõ, e Castella, por motivo da pretendida vassallagem que delles se exigia. Mas pertençoens de similhante natureza, que sempre haviaõ indignado os antigos Lusitanos, e dado origem às grandes acço es de heroismo, com que elles por tantas vezes as fizeraõ desvanecer, continuaraõ entre os Lusitanos Modernos a excitar-lhes hum enthusiasmo que supria á sua grande inferioridade numerica, que os fazia temiveis nos combates, e lhes procurava victorias gloriosas: de modo que, todas estas guerras, algumas das quaes eraõ infelizmente acompanhadas por dissençoens domesticas, longe de abaterem a pequena Monarquia ainda nascente, naoõ fizeraõ mais do que fortifica-la; terminando por fim com a inteira expulsaoõ dos Mouros do territorio Portuguez, com o reconhecimento da sua Independencia pelos poderosos visinhos, que a contestavaõ; em huma palavra, elevando a Naçaoõ ao estado prospero, e brilhante, que caracterizou os Reinados de D. Diniz, D. Affonso IV., e D. Pedro I.

No fim porẽm do decimo quarto seculo as guerras desastradas, e extravagantes, que haviaõ precedido a morte d'El Rei D. Fernando, deviaõ ter humilhado, e enfraquecido os Portuguezes: alem disso as intrigas da Rainha D. Leonor com a principal nobreza; o descontentamento, e murmuraço es do Povo; a justica, que parecia justificar as pertenço es d'El Rei de Castella, casado com a filha unica do dito Rei Fernando; as forças com que elle apoiava estas pertenço es, e os partidos em que o Reino se achava dividido, tudo devia entaoõ fazer acreditar, que Portugal receberia infallivelmente a lei do mais forte, e seguiria o destino commum a tantos outros Reinos da Hespanha, já reunidos debaixo de hum só Governo. Mas bem longe de tal acontecer, he desta mesma época, que os verdadeiros Portuguezes se recordaoõ mais ufanos, e dedazem hum novo testemunho do quanto são formidaveis, principalmente quando peleijaoõ pela sua Liberdade; pois que a paixaoõ Nacional pela Independencia, habilmente aproveitada, e dirigida pelo grande Rei D. Joaoõ III, e pelo famoso Condestavel, naoõ sómente foi a principal, e verdadeira origem das façanhas que entaoõ obramos, mas tambem a que fez desenvolver todas as virtudes guerreiras, e patrioticas, que attrahiraõ á Naçaoõ o respeito de que por muito tempo ella gosou em toda a Europa, e deraõ principio aos seculos brilhantes, em que mais floreceraõ (entre o estrondo das armas, e animadas pelas victorias) a litteratura, as artes, a industria, e commercio Nacionaes.

Com bastante razão porem se pode dizer, que a Providencia, que regula a sorte dos imperios, se comprazia em que os Portuguezes fornecessem provas ainda mais incontestaveis, de que huma ardente paixao pela Independencia, que lhes he innata, e hereditaria, supre a sua falta de forças, e de meios; he o principal fundamento das suas victorias, e o que da motivo a confusao dos que ainda hoje nao sabem comprehender como elles possam ter resistido por tantos seculos ao jugo de huma Potencia visinha tao superior. Era preciso pois que tivesse lugar a imprudente, e infeliz expedicao de Africa, por effeito da qual os Portuguezes parece que nao perderao a sua Liberdade, senao para a recobramos com maior gloria pela famosa revolucao de 1640. Com effeito, a flor da Nobreza morta, ou captiva na batalha de Alcacer; o governo do decrepito Cardeal Rei, que ajuntou a confusao a consternacao do Reino; as intrigas dos emissarios Castelhanos; a irresolucao dos cinco Governadores do Reino, que, parecendo justificar a legitimidade das pertencoes do Rei de Castella, enfraquecia nos Povos a idea de resistencia; em huma palavra a sentenca que elles proferirao a favor deste ultimo Soberano, e a falta de chefes dignos da confianca da Nacao; taes erao as circumstancias, que deviao inutilisar os esforcos dos Portuguezes, e entrega-los a discricao dos seus inimigos. Mas a fatal experiencia que tinhao estes ultimos, de verem desvanecidas na pratica as mais bem fundadas esperanças de nos subjugarem pela força, os fez ainda assim mesmo tao demasiadamente receosos, que elles nao ousarao empregar contra nos o seu poder, senao depois das seducões, e promessas feitas pelo Duque de Ossuna, e D. Christovao de Moura aos Tres Estados do Reino juntos em Cortes na Villa de Almeirim em 1580; confirmadas, e juradas depois pelo Monarca Hespanhol em Lisboa a 15 de Novembro de 1582. Forao, com effeito, estas promessas (talvez ainda mais do que as circumstancias ja ponderadas), que illudindo, ou fazendo irresolutos os animos dos Portuguezes, permittirao aos Hespanhoes a entrada facil do Reino, sem acharem opposicao, que lhes fizesse adquirir a gloria de huma conquista ardua. Assim mesmo porém continuou a lisongear-se quanto foi possivel a paixao, a que os Portuguezes erao mais sensiveis; e em consequencia nos differentes actos, e proposicoes legislativas do novo Governo, houve a cautela de nao fallar na *sugeicao*, mas sim na *uniao de Portugal a Hespanha*; as nossas leis, a nossa constituação civil, nos forao conservadas; privilegios extraordinarios fizeram celebre este acto de uniao, e servirao para disfarçar os grilhoes, com que o prudente Filippe II procurava unir para sempre Portugal aos seus Estados.

Mas quando os seus successores julgáráo desnecessarias estas contemplaçoens, e se resolvêrao a infringir aquelles privilegios, tratando Portugal como huma Provincia conquistada, despresando as suas leis constitucionaes, e o acto de uniaõ que lhas tinha affiançado; os Portuguezes, obrando em consequencia do seu genio natural, deviaõ emprehender a famosa revoluçãõ de 1640, por mais arriscada, ou temeraria que ella parecesse. Tudo concorria na verdade para fazer julgar impossivel, que elles se lembrassem de sacudir hum jugo, que, opprimindo os, lhes havia tirado ao mesmo tempo todos os meios de o evitar. Os Portuguezes daquella época haviaõ quasi todos nascido Vassallos do Monarca Hespanhol, e costumados á sugeiçãõ, naõ tendo alcançado os tempos da gloria, e Independencia da sua Patria, deviaõ por isso sentir menos a sua privaçãõ. Além disto, o Reino se achava falto de gente, cabedaes, armas, e muniçoens; a sua marinha estava aniquilada; o seu commercio arruinado; as suas Colonias, abandonadas ás suas proprias forças, invadidas ou conquistadas pelos inimigos da Hespanha; os Portuguezes de consideraçãõ pela sua nobreza, e pelos seus talentos, ou apartados da sua Patria com differentes pretextos, ou reduzidos a viverem ignorados nas suas casas de campo. Todas estas circumstancias naõ deixáráo de ser ponderadas*; mas naõ erao capazes de reprimir a indignaçãõ, e o enthusiasmo Nacional, logo que os Portuguezes reconhecerãõ que era só a força, e naõ os direitos de successãõ, nem o acto constitucional de 1582, que os tinha unidos á Monarquia Hespanhola. A conformidade de pensar, e de proceder nesta occasiaõ em todos os Povos do Continente Portuguez, e os das suas dispersas, e vastas Colonias†, bastaria para demonstrar quanto he nelles natural o amor da Independencia. A constancia, e resoluçãõ com que elles encarãráo todos os perigos, e souberãõ sustentar hum tal projecto, eraõ proprias do sentimento heroico que o tinha feito conceber, e deviaõ ter o resultado, que já naõ era novo nos fastos desta Naçãõ. Assim depois de huma guerra dilatada, fieis ao celebre juramento pronunciado quinhentos annos antes nas Cortes de Lamego, elles obrigarãõ a Hespanha a respeitar, e a reconhecer pela terceira vez de-

* Veja-se o Discurso de D. Joãõ da Costa, quando foi convidado para a Revoluçãõ de 1640; referido por D. Luiz de Menezes no seu Portugal Restaurado.

† Veja-se no Portugal Restaurado a promptidaõ, e facilidade, com que os Governadores das Colonias, principalmente os da Bahia, e Goa acclamaraõ o Senhor Rei D. Joãõ IV.

pois da Era Christã, a soberania da pequena Nação Portuguesa; e demonstráram serem ainda animados no meio do seculo decimo-setimo, dos mesmos sentimentos, que, no tempo dos Carthaginezes, e Romanos, tanto haviaõ immortalizado, e distinguido os seus valorosos antepassados.

Ainda muitos outros factos da Historia poderião ser indicados como capazes de provar, que a Nação Portuguesa tem no genio, espirito, e character que lhe he particular, os recursos, e os meios de que precisa para a conservação da sua Independencia, e para se equilibrar com a Monarquia Hespanhola, a pesar da grande disporporção Geografica dos seus respectivos dominios. Observar-se-hia por exemplo, que os Portuguezes foraõ os primeiros dos Povos modernos, que levando a guerra, e fazendo conquistas no Continente Africano, vingáram a injuria, que os Sarracenos, e Mouros haviaõ feito á Europa, quando invadiraõ, ou submetteraõ as mais bellas Províncias desta Região. A tomada de Ceuta, e Tanger, cortando as communicações directas entre os Mouros de Africa, e os de Hespanha, decidio a favor desta ultima Potencia, a final expulsaõ dos Mouros de Granada. A sua marinha se distinguia ao mesmo tempo não só da Hespanhola, mas entre todas as da Europa. Os inventos que elles fizeraõ, e a perfeição a que chegáram nas construcções navaes, nos instrumentos, e arte de navegar, lhes facilitáram a descoberta da Costa occidental da Africa, e reunindo a coragem a sabedoria, traçando hum projecto heroico, e executando-o com huma resolução, e constancia pasmosas, elles fizeraõ essa navegação unica nos fastos do genero humano, pela qual mostráram a toda a Europa a communicação maritima, e facil com os Povos numerosos até alli ou desconhecidos, ou que se julgavaõ separados de nós por obstaculos invenciveis. Portugal havia antes desta época tentado o reconhecimento por terra da India, e da Ethiopia. Quando, depois da passagem do Cabo da Boa-Esperança, os seus Capitaens desenvolviao huma actividade extraordinaria, e talentos superiores para vencerem os obstaculos terrestres, e maritimos, que se oppunhao ao estabelecimento da sua dominação, e do seu Commercio naquelles Paizes, o Governo Portuguez não perdia de vista a descoberta do interior de Africa, e dando á Europa os primeiros exemplos das viagens, e investigações scientificas, e commerciaes, fazia procurar a travez daquelles áridos sertoes, e communicação terrestre entre as duas costas oriental, e occidental; fazia reconhecer a natureza, e producções daquelle Paiz incognito, e mandava explorar as origens do Nilo, para explicar o phenomeno das suas enchentes. O Grande Albuquerque, conquistando Goa, Ormuz, e Malaca, fazia voar com respeito o nome

Portuguez pela Ethiopia, Induſtaõ, Persia, e China: asustava o Soldaõ do Egypto, navegando hostilmente pelo golfo Arabico; assolando as suas Costas, ameaçando destruir Suez, Medina, e Méca; projectando mudar o curso do Nilo; e arruinando finalmente nestes mares as forças maritimas dos Arabes, e Turcos, os privou do immenso commercio, que faziaoõ na India; acontecimento que, segundo a expressao de hum celebre Historiador Filosofo*, *salvou a Europa moderna de hum novo jugo barbaro, que se lhe preparava.*

Entretanto a Hespanha não devia a descoberta das suas possessoens n'America senaõ a hum estrangeiro; e alguns annos depois foi o Portuguez Magalhaens, que dobrando o extremo meridional do novo Mundo, lhe mostrou, bem como a toda a Europa, huma nova communicação com a Asia Oriental pelo mar Pacifico; terminando com a vida em huma das Ilhas de Manilha a ametade do grande circulo, que faltava para concluir a primeira navegação á roda do Globo, já principiada em huma direcção opposta pelos seus compatriotas ás ordens dos Gamas, e Abreus†, e, adquirindo por este modo para a sua Patria a gloria de ter produzido o maior numero dos célebres navegantes, que por mares inteiramente desconhecidos, e arrostando immensos perigos, decidiraõ a incerteza dos sabios sobre a verdadeira theoria geografica do Globo terrestre: fizeraõ communicaveis os varios Povos dispersos sobre a sua vasta superficie; e fazendo communs a hum Paiz as producções, os conhecimentos, as riquezas, e os interesses todos os outros, deraoõ principio a esse rápido desenvolvimento, que desde entaõ se observou nas sciencias, nas artes, e no commercio de todas as Naçoens‡.

* O Abbadé Raynal.

† Antonio de Abreu, destacado de Malaca por Affonso de Albuquerque, no anno de 1511, para reconhecer as Ilhas Molucas, chegou até á de Amboino; e Francisco Serrão, hum dos Capitaens seus subordinados, foi o primeiro, que chegou a Ternate.

Barros. Decad. 2. L. 6. Cap. 7.

‡ Se o Imperador Carlos V. illustrou a memoria de Sebastião Cano (hum dos officiaes, que da expedição de Magalhaens conseguiu voltar á Europa pe'o Cabo da Boa-Esperança) com huma medalha, na qual se via hum globo, e huma letra que dizia—*Primus me circumdedisti*—com mais justa razão a Europa inteira deve ainda á Nação Portugueza hum testemunho glorioso de admiração, e reconhecimento, por ter produzido, e sabido formar os Bartholomeus Dias, os Gamas, Albuquerque, Abreus, e Magalhaens, que primeiro descobrirão, e navegáram os mares, por onde o dito Hespanhol por elles conduzido, ou ensinado, adquirio direito a similhante celebridade.

Finalmente observaremos ainda, que os Hespanhoes nao encontráráo n'America Arabes guerreiros, que usassem contra elles das armas de fogo, e dos estratagemas militares da Europa, como succedia aos Portuguezes na India. A navegação das Antilhas, e do mar do Mexico não se podia comparar com os perigos, e extensão daquella dos mares Orientaes. E todavia foi no tempo da uniao de Portugal á poderosa Monarquia Hespanhola, que se confirmou a decadencia do Imperio dos Portuguezes na Asia; sim já abalado antes disso pelos vicios, abuzos, e erros, que ordinariamente acompanháo as grandes riquezas, e o orgulho das victorias; mas que as virtudes, os talentos, e façanhas dos Castros, Constantinos, e Ataides davao ainda esperanças de remediar. Só a Revolução de 1640, restituindo os Portuguezes á sua antiga Independencia, podia reanimar as suas forças, e suspender em parte aquelles males. Com effeito, os Colonos do Brazil executáráo entáo o que unidos aos Hespanhoes, não tinham podido conseguir; isto he, expulsáráo do seu Continente os Hollandezes alli estabelecidos depois de muitos annos, e aguerridos com a guerra da sua Liberdade. Algumas das nossas Colonias de Africa sorprendidas por hum momento, foráo brevemente restauradas: as da India, continuando a serem abandonadas ás suas proprias forças; e além disso soffrendo os males da anarquia, e guerra civil dos seus Governadores, fizerao todavia retardar, e custar mui caro aos Hollandezes o seu estabelecimento naquelles Paizes. A disputada guerra de Ceiláo; a heroica defensa de Colombo, que só succumbe a hum sitio rigoroso que dura oito mezes; Cochim, que só he conquistada depois de cinco annos de bloqueio, e de ataques, fazem ainda reconhecer o caracter militar dos Portuguezes Independentes, e o de que elles seriao capazes, se fossem bem dirigidos.

Taes são os principaes argumentos, que se podem deduzir da experiencia do passado, para refutar a opiniao daquelles, que pertendem achar no genio, e caracter das duas Naçoens, Portugueza, e Hespanhola, a analogia, e disposição necessarias para a sua uniao civil debaixo de hum só Governo; e que partem deste principio para nos persuadirem a pouca probabilidade de conservarmos por mais tempo a nossa Independencia. Quciraó os Portuguezes eruditos, animados pelo verdadeiro patriotismo, desenvolver, e amplificar estes argumentos com a eloquencia digna de hum tal assumpto: eloquencia que falta aos bons desejos, e á pouca instrucção do militar, que não póde fazer mais do que indica-los como capazes de reanimar os seus Compatriotas, e destruir preoccupaçoes, que devem ser a origem de huma inacção defensiva, a mais propria para nos humilhar, e attrair-nos os

grilhoens, que os nossos antepassados só por meio das armas tem podido evitar! Assim elles farão seguramente hum dos mais importantes serviços á Patria, e ao Soberano, o qual sempre superior a suggestoens pérfidas, deseja não só a conservação, mas tambem o melhoramento das suas tropas, a pesar daquelles, que as tem procurado aniquilar.

Passa daqui o author a refutar de hum modo satisfactorio a opiniaõ daquelles que sustentavaõ ser impossivel o defender com armas a nossa tam contestada e tam gloriosa independencia nacional, fundados na authoridade do General Lloyd, e particularmente na do author do systema da guerra moderna, deduzindo das suas theorias, 1. Que o maior numero de combatentes, ainda que indisciplinado tera sempre vantagem sobre o menor numero, posto que disciplinado: em consequencia do que os grandes estados haõ de reunir a si os pequenos, estendendo os seus limites athé as grandes barreiras ou obstaculos naturaes. 2. Que por effeito do mesmo systema de guerra moderna, as sobre ditas barreiras devendo tornar impracticaveis ou mal succedidas as expediçoens militares, que se fizerem alem d'ellas; isto obrigara por fim os Governos a abandonarem todos os projectos de invazaõ e de conquista de que deve seguir-se a paz perpetua entre os povos, separados pelos referidos obstaculos ou limites naturaes.

Observa mui judiciozamente que nem a pequena extençãõ Geografica de Portugal, nem a falta de numerário podem ser cauzas invenciveis da possibilidade da sua defenza; huma vez que se saiba dirigir e aproveitar o caracter militar inato dos Portuguezes. Fazendo finalmente hum paralelo do estado da nação debaixo do Governo dos Philippes, com o estado actual, conclue as suas observaçoens desta maneira.

Em virtude de huma tal consideraçãõ isto he, por julgar necessario que todos hajão de concorrer com os meios, conhecimentos, e serviços de que forem capazes, para ajudar o Governo a restaurar a antiga energia do caracter Nacional, e a fazer reviver aquella instrucção, e sabedoria, sem a qual as riquezas, os bons desejos, e o valor costumão ficar inutilizados; querendo satisfazer pela minha parte (e quanto o permitem as minhas limitadas forças) a huma obrigaçãõ, que tanto interessa o bem publico: por taes motivos eu me re-

solvo a prescindir dos receios de parecer demasiadamente confiado em mim mesmo, escrevendo as minhas reflexoens sobre o systema da defenza das nossas Fronteiras, com relação á natureza Geografica do Paiz, e segundo os principios geraes da sciencia da guerra; reflexoens que, para serem attendidas, eu julguei necessario fazelas preceder do presente Discurso, com o fim de destruir as preoccupaçoens, que tem desanimado a Nação, e dado lugar á fatal persuasão, de que era inutil o occupar-nos de semelhantes assumptos. Em huma segunda Memoria, eu procurarei mostrar que a inutilidade do nosso Exercito, he pela maior parte, o resultado dos vicios, e defeitos da sua Constituição; e consequentemente indicarei os meios, que me parecem proprios para a melhorar.

Empregando nestes trabalhos o tempo que me resta das Comissoens do Serviço, de que sou encarregado, eu não ousou lisongear-me, de que elles sejam capazes de satisfazer ao fim a que são dirigidos: quero dizer, ao bem, utilidade, e defenza da Patria, e do Soberano; mas elles serão pelo menos hum evidente testemunho dos meus desejos, para que pelo concurso de semelhantes esforços elle chegue a ser completamente preenchido.

Não podemos terminar este artigo sem o prazer de notar-mos a coincidência das ideas de hum official tam instruido na arte da guerra, com as que nutrimos a cerca da importancia e necessidade do seu melhora-mente sobre tudo na epoca actual; nem podemos assaz louvar as medidas luminosas e extensas com que S. A. R. foi servido erigir e útilmente amplificar no Rio de Janeiro hum estabelecimento scientifico Militar. Em o No. X. do nosso Jornal, mencionando aquelle novo estabelecimento, cujo decreto de criação nos chegara as mãos por aquelle tempo, nos limitamos somente a juizar daquella parte que diz respeito a economia de estudos, e distribuição das materias que devião preencher o seu curso. Observamos previamente que em sciencias exactas nada exacto se pode dizer sem cabal conhecimento do objecto; e sem passarmos alem dos principios, que adquirimos nas sciencias exactas indispensaveis em toda a profissão scientifica, achamos como qualquer outro achara, que tenha estudado as materias do 1. e 2. anno mathematico em Coimbra, que o methodo de estudos que se adoptou para a Escola Militar do Rio de Janeiro he exacta-

mente, o mesmo que aquelle que se seguia em a universidade de Coimbra, e no collegio dos Nobres em Lisboa, com a differença somente de que o primeiro apresenta mais extensas e practicas applicaçoes; e sendo esta parte practica a unica que faltava, e que indispensavelmente se requeria nos alumnos destinados a profissão militar, elogiamos a instauração de tam util estabelecimento, primeiro em S. A. R. que reconheceo a sua necessidade e o promoveo, e em segundo lugar no ministro organizador deste plano, quem quer que ellé fosse. Mas lendo nos em hum Jornal impresso em Londres hum ataque feito áquelle estabelecimento do Rio de Janeiro, e justamente naquelles pontos em que nos elogiavamos; sorprendidos alem disso da novidade de ver discutidos objectos scientificos em hum Jornal que ate ali nunca apontara de sciencias se não os titulos, ou os nomes; olhamos desde logo esta nova ampliação daquelle Jornal como parte que nos dezia respeito particularmente; pois que dezabonava o nosso elogio. Quando não fosse o amor da verdade, o sentimento imperturbavel da justiça, que o dictou, e que dirige sempre a nossa pena; o respeito que temos pelo nosso soberano, o dever de fidelidade que nos liga ao seu serviço e ao da patria, a veneração que consagramos a memoria de hum ministro tam zeloso no serviço de S. A. R. tam recto nas suas intenções e tam activo em promover a prosperidade nacional, promovendo e cultivando as sciencias, exigião de nos imperiosamente, que revindicassemos a justeza das nossas expressoens, mostrando o dezaresoado daquelle ataque. Se os nossos esforços por manter a causa da justiça e da humanidade o provocaraõ, entãõ desde ja declaramos que estamos em guerra não so com o tyrano e flagelo das naçoens, mas com todos os seos satellites, que saõ todos aquelles que attacaõ directa ou indirectamente os soberanos legitimos e os seos mais fieis servidors.

Dis-se pois naquelle Jornal—“ que he o cumulo de pedantismo em hum ministro, que nunca foi militar e nunca brigou nem com huma mosca, o intronetter-se a escrever direcçoens sobre os estudos da arte militar, e apurar-se a fazer uzo de todos os termos tecnicos, de que hum professor d'arte pode com toda a propriedade uzar, mas que na boca de hum ministro de esta-

do, que não segue nem nunca seguiu a vida militar, não servem senão de mostrar as ideas do *pedante*, a *confusão* do homem publico, e a *arbitrariedade* do ministro.”

O methodo porque o redactor daquelle papel achou o pedantismo a confusão do ministro organizador daquelle plano he o seguinte. Primeiramente, diz elle, “ninguem acreditará que se reuñem naquelle ministro (o Conde de Linhares) os conhecimentos necessarios para formalizar o plano de estudos para todas estas sciencias; logo seria mais conforme a verdade, &c. que o Conde de Linhares havendo consultado os homens instruidos nestas materias, os ajunctasse e lhes mandasse digirir e arranjar aquelle plano, &c. Aproveitando esta occasião sem receio de sermos tachados de aduladores, diremos em honra da memoria deste illustre ministro, que ninguem nem mesmo o escriptor deste ataque, duvidará das luzes que tam amplamente nelle se manifestavaõ. Todo o mundo sabe que a vida do Conde de Linhares fõi huma continuada serie de estudos e trabalhos scientificos, quer empregado no ministerio, quer fora d'elle. Recluzão de annos dados a meditação das verdades e dos principios mais sublimes das sciencias sazouou em seu espirito aquelle ardor inexaurivel pelo bem do seu paiz e gloria do seu soberano. O seu nome será sempre caro aos amigos das sciencias, da patria e de humanidade*. Mas admittindo mesmo, o que julgamos provavel, que o Conde de Linhares, naquelle plano de estudos, havia consultado os mais habéis professores daquellas sciencias, tam longe está por isso de merecer o nome de *pedante* que antes merece louvar pela docilidade de se prestar a conselhos, e pelo dezejo de ser correcto em materias tam ponderosas. Onde está aqui o pedantismo? O outro allegado motivo deste pedantismo, he, não ter sido o Conde de Linhares militar nem ter brigado pelo menos com huma mosca. Isto he ridiculo, injoativo, e abaixo mesmo da mordacidade satirica.

* O Conde de Linhares possuia sem duvida conhecimentos bastantes em sciencias exactas, para poder traçar, hum plano de estudos qualquer em semelhantes objectos. O biographo da sua vida, que o não considerari tam grande philosopho, como Estadista, faltará ao dever mais sagrado do escriptor, á verdade.

Passemos aos argumentos em que elle estriba este ataque, para prova da confusão e arbitrariedade do ministro.

Mas ja que o Conde de Linhares, dis o redactor, “ em vez de figurar de politico quer apparecer como homem de letras ; vejamos algum exemplo deste titulo 2., para conhecer que ideas elle faz das sciencias, para que dá o plano.”

Aqui o analytico redactor faz a enumeração das materias do 1. anno, grita contra a possibilidade de se aprenderem todas em tam pouco tempo ; e da por perdidas as cabeças dos infelizes alumnos que se arrissem a tal empresa.

Confessamos que para as sciencias mathematicas he precisa mais que mediana capacidade, e huma assidua applicação ; e he por isso que nos viamos a continua dezerção das aulas de mathematica na universidade de Coimbra ; sobre tudo pelos estudantes destinados as leis e canones, que de 40 destes que se matriculassem nas aulas do 1. anno mathematico apenas hum ou dous chegavaõ ao fim do anno ; nem admira que sendo o actual escriptor daquelle classe, julgue impossivel a hum rapaz estudar todas as materias d’aquelle anno, apezar de o ver realizado naquelles que se destinavaõ as sciencias naturaes ; e não sendo mais difficil o 1. anno na dita Academia Militar do que em Coimbra. He pois em razão desta difficuldade da parte da sciencia, que o ministro he increpado de confuzo. Procede depois a censurar as direcções que se dão no segundo anno ; em que o professor deve repetir e ampliar as noções de calculo dadas no 1. anno ; e diz “ que esta repetição he de sua natureza inutil, que se no 1. anno o estudante soube o que era bastante de calculo ate as equações do quarto gráo ; não he necessario outra repetição destes elementos, senão na applicação que necessariamente elle he obrigado o fazer ao calculo differencial e integral, que aqui se manda explicar no segundo anno ; he por tanto esta repetição nada mais do que confusão.” Antes de passar-mos adiante, será preciso, para fazer-mos ver o absurdo de tal asserção, recorrer a algumas definições sobre a sciencia de que se tracta.

A mathematica he a sciencia que tracta das relação-

ens da quantidade e da applicação destas relações. A quantidade, susceptível somente de augmento ou diminuição faz o objecto das suas principaes operações. A arithmetica ensina estas operações, e a algebra tambem as ensina, ainda que por differente linguaagem; de maneira que em rigor algebra he huma arithmetica, ainda que mais ampliada e mais simples; ora sendo connexas entre si todas estas operações e dependendo humas das outras como se podera dar huma passo neste estudo sem repetir o mesmo que se tem estudado? Quem dirá por exemplo que repetir as operações de sumar e diminuir para multiplicar e dividir, absolutamente essenciaes e as mesmas, he lançar a confusão neste objecto? Ninguem sem dizer hum absurdo. Pois tal he a censura que se faz sobre a recomendada e precisa repetição e amplificação no segundo anno das noções de calculo, dadas no 1. A quem imporá pois de scientifica a sobredita censura? Nem a hum rapaz que aprende taboada, que conhece a necessidade de a repetir mil vezes, para se poder servir d'ella. Achar por tanto confusão no que constitue a clareza do objecto, he ver com os olhos tapados, como pertende ver o escriptor.

Athe qui não se encontra nesta pertendida censura mais que hum total desconhecimento dos principios elementares da sciencia, o que não he para admirar em quem os não estudou; mas o que realmente pasma, o que revolta, he ver a ousadia com que hum escriptor levanta hum aleive ou falso testemunho por que assim lhe convem para mostrar a pedanteria dos outros, em materias onde elle a não pode distinctamente achar. Eis aqui o grande golpe que huma malicia extravagante e desparatada assentou que tinha dado áquella sabia instituição. Ordena o Conde de Linhares, diselle, "que no primeiro anno se mostre aos estudantes toda a extensão da Geodesia dando-se lhes noticia das medidas deduzidas da grandeza do grao terrestre. O conhecimento das medidas do grao terrestre suppoem a sciencia da trigometria espherica, e esta não se mandar explicar ao alumno *se nao* no quarto anno, juncto com os principios de optica, catoptrica, e dioptrica, para o que se não precisa de nenhum modo a trigometria espherica, bastando a rectilinia," e conclue

repetindo a mesma couza, elle inimigo de repetiçoens.

“Assim a optica, catoptrica e dioptrica que somente precizaõ da trigonometria rectilinia, seraõ estudadas no quarto anno com a trigonometria espherica, e a geodesia que necessita do previo conhecimento da trigonometria espherica se manda estudar no primeiro anno, onde o alumno não conhece *se não* a trigonometria rectilinea.” Paremos, e transcrevamos aqui as palavras formaes do titulo 2. daquelle instituição, sobre os estudos do primeiro anno.

“O lente do primeiro anno ensinará arithmetica e algebra até as equaçoens do 3. e 4. grao, a Geometria a Trigonometria rectilinia, dando tambem as primeiras noçoens da espherica,”—e mais abaixo acrescenta—“e depois explicará a excellente geometria, e trigonometria de le Gendre, dando tambem as primeiras noçoens da sua trigonometria espherica.” Isto he no primeiro anno “onde o alumno não conhece senão a trigonometria rectilinea.” Parece impossivel! pois he de facto. Tal he o rigor mathematico do escriptor que fez a descoberta da pedanteria, confuzaõ e arbitrariedade do ministro. Que impostura! que malignidade! que aleivozia!

Mas deixando a parte *calumniosamente* scientifica da sua censura, volta o escriptor do ataque as suas vistas para o alvo que principalmente fitava, e cuidando ter mostrado a futilidade daquelle instituto, descobrindo a pedanteria, confuzaõ e arbitrariedade do ministro, que o arranjou, remata na *burlesca* comparação dos 7 annos que trabalhou Jacob para alcançar a filha de Labaõ com o tempo preciso para formar o alumno desta Escola militar—“dando-se-lhe mais outro anno de appendix, para a historia militar; projecto phantastico,” dis elle, “inaplicavel na practica, e que reduziria os militares a homens de pena, em vez de serem homens de espada; se jamais este systema se continuasse, do que não pode haver nenhum receio, visto que taes projectos aerios, raras vezes passao ao tempo de seu successor.”

Eis aqui porque se enxovalharaõ as sciencias, se calumniou o ministro que as cultivara, e se atacou indirectamente o Principe que sancionou com sua appro-

vação aquelle plano. Deve-se abolir ou descontinuar todo o estabelecimento scientifico indispensavel a independencia do Estado, como he huma Escola militar; não se deve reformar a disciplina, não deve haver officiaescapazes de organizar hum exercito; em caso de urgencia devem se pedir a huma nação alliada; os soberanos não nasceraõ para estudos, mas sim para mandar. Tal he a lingoagem de todo o escriptor que busca demolir as bazes da segurança publica, rediculizando os estabelecimentos uteis, os homens de merito, e os soberanos que querem ser independentes, para impune-mente lhes fulminar ataques ignominiosos, cobrilos de irrizoens e improperios; e vingar-se na ruina dos sceptros e das naçoens da sua propria insufficiencia; mas projecto phantastico. Os triumphos da malignidade e da inveja estereis sempre em vantagens, terminaõ somente em confuzaõ dosseos mesmos sectarios, dando pelo contraste hum maior realce a verdade. As sciencias pore m e os sabios superiores a toda a calumnia, opporaõ sempre huma barreira ás suggestoens do erro e da impostura, e mostraraõ aos soberanos o caminho para a sua verdadeira gloria, a independencia. S. A. R. he assas esclarecido para não conhecer os seos melhores interesses, e os da sua nação; empenhada na mais heroica lucta para os manter; assas recto para dar ouvidos a insinuaçoens subversivas da ordem e dos estabelecimentos scientificos começados debaixo de felizes auspicios; sobre tudo o que he relativo ao departamento da guerra; e estamos persuadidõs, qual quer que seja o ministro daquella repartizaõ, que nem elle, nem S. A. R. descontinuará hum plano tam con-nexo com a segurança do throno e independencia nacional.

O GIGANTE ADAMASTOR VINGADO, OU O GAMA CONVERTIDO EM GAMELLADA.

No xorrilho dos disparates, com que nestes ultimos tempos se tem vilipendiado a Literatura Portugueza, appareceo mais hum que ao nosso modo de ver, posto que digno do maior desprezo, deve ser mencionado, para cantella do publico, em razão da pestillencia que dezenvolve. Que insultante illiterato será este, que aborrecendo o nome a lingoa e a gloria Portugueza, quer levar as trevas e abjecção, em que vive, o que ha de mais illustre entre os seos nacionaes, e não satisfeito de insultar os respeitaveis mortos, pertende manchar os vivos com o bafo pestifero de seos erros e do seu opprobrio? Joze Agostinho de Macedo, author de hum poema *nugatorio* que ella intitula Gama, ou poema narrativo, e hum critico judicioso com mais propriedade chama *versalhada* ou *Gamellada*, sahio ultimamente a campo com os seos bracinhos de pygmeo para deitar por terra o formidavel gigante Adamastor. Ainda que faria rir ver huma formiga pertender atracar-se com hum monte para o levar as costas, sabendo-se comtudo que este pequeno insecto possuia hum aguilhão yenemoso, todo o mundo espectador folgaria a a inutilidade dos seos esforços, mas todo o mundo se arredaria hum pouco para evitar a sua mordedella. O mesmo diremos da lucta pygmea com aquelle Gigante. Na carta que aquelle author, ou antes *reo* de Literatura escreveo e publicou *sobre as incoherencias de Luiz de Camoens no Episodio de Adamastor*, notaremos portanto não a futelidade da sua tentativa, em querer aviltar o mais bello epizodio que jamais se traçara em poesia; por que essa por si mesmo se manifesta, e assas a ridiculizou, como merecia, o judicioso critico de quem fallamos, o professor Antonio Maria do Couto, na impugnação que fez ate a evidencia das ineptias do dito *reo* de Literatura Macedo; mas faremos ver a tenção maligna, e fins sinistros que lhe dictaraõ aquella carta, que nos olhamos como hum Libello contra o gosto, contra as bellas artes, e proh pudor!

contra a gloria nacional. Quando aquelle *poema* chegou a Inglaterra e as nossas mãos, attendendo a ser huma obra Portugueza, que abordava a hum paiz extranho, onde tanto se tinha increpado o nosso atrazamento em literatura moderna, quizemos ver se ali tinhamos que recomendar, principalmente aos extranhos, e com toda a moderação fizemos hum curto exame daquella obra, quanto era bastante para que o seu author conhecendo alguns defeitos que lhe apontavamos, omittindo nos verdadeiras *incoherencias* e monstruosidades atterradoras para todo o aspirante em poesia, corrigisse aquelle orgulho literario que o cegava, e convertesse os seus esforços em alguma couza util senão em sciencias, em literatura, senão em poesia e versos, em proza e algum sermaõ. Mas não aconteceu, como esperavamos. Este louco emprehendedor, qual outro *Empccinado* em fazer incursoens, *nas montanhas da literatura*, com observa aquelle professor; animoso somente para calcar os seus compatriotas, e mui timido para se elevar por si mesmo, se obstinou cada vez mais em sua ceguira, e arrojou do seu cerebro vertiginoso o mais informe parto que tem brotado o espirito humano; a sua carta sobre as *incoherencias do Episodio de Adamastor de Camoens*. Não he este o primeiro dezastre da sua faculdade pensante, mas he de certo hum dos seus mais vergonhosos. Na historia dos dezaranjos cerebrinos não se acha delirio semelhante a este. Quiz elle acazo assemelhar-se aos Titoens, e pondo montanha sobre montanha, escalar os astros? Ou sonhando que abraçava Juno por *entre hum Ceo nocturno e nebuloso* pensou acazo estar convertido em Numen, e poder effectuar prodigios? A julgar-mos pelos effectos, elle parece ter soffrido a pena de igual temeridade. Elle se ancea como hum Titaõ *sutto posto a duro monte*, e delira como na roda o vertiginoso Ixion.

Para conhecer-mos bem a natureza deste attentado em literatura, e os fins odiosos do seu perpetrador, voltemos os olhos para objecto mais digno; para hum objecto do mais refinado gosto, do mais vivo interesse, e da recreação mais sublime para a sensibilidade que o sabe apreciar, o bello episodio de Adamastor de Camoens. Seja nos licito fazer algumas observações sobre aquella passagem do nosso immortal poeta, a que

naturalmente nos leva não o dezejo de revindicar huma gloria, que nenhum zoilo lhe pode tirar, mas a admiração que temos pelas suas bellezas. Os literatos de todas as naçoens civilizadas, em cujas lingoas se acha traduzido a poema das Lusíadas, concordão em que esta passagem de Camoens he hum chefe de obra do genio, pela sublime originalidade, que a caracteriza. Nos acrescentamos que o nosso poeta, não so excedeo naquella parte aos poetas mais celebres antigos, mas tirou aos modernos a esperanza de chegarem aquella sublimidade; o que vamos mostrar sem precisar-mos de apoios extranhos, que não faltaõ, para sustentar a nossa asserção.

Toda a descoberta, rigorosamente fallando, não se faz senão huma vez; a das Indias Orientaes effectuada por Vasco da Gama, pode considerar-se como hum dos maiores arrojões da ousadia humana. Nenhum povo sobre a terra a chegou mesmo a emprehender. Os Phenícios que são olhados como o povo que mais se distinguio em maritimas emprezas, nunca passou de viajar costa a costa. Os mais celebres viajantes modernos não fizeraõ mais que seguir o exemplo ate ali nunca dado do valeroso Gama. Esta descoberta pois, ou acção sem paralelo nos annaes do mundo, carecia, para ser tractada poeticamente, de hum genio se não superior, pelo menos igual a grandeza do objecto. Este genio foi Luiz de Camoens. Conhecendo theorica e practicamente a natureza do trabalho a que se arriscava, medio bem as suas forças com a materia, que tinha a tractar, e não se dezalentou a vista da novidade, que se lhe offerecia. Todas as expediçoens que ate ao seu tempo, tinhaõ sido assumpto da mais elevada poesia, eraõ mais terrestres que maritimas. Mas que differença entre as difficuldades de humas e outras. As de terra de nenhuma sorte se podem comparar as do mar em grandeza. Com effecto, a superficie desconhecida de hum elemento instavel, ameaçando engulir a todo o aventureiro que tentasse envadilo; era capaz de aterrar a mais impetuosa imaginação. Os phenomenos terriveis deste elemento, as suas continuas tempestades, e os seos illimitados dezertos oppunhaõ huma barreira impenetravel as incurçoens do esforço humano. Vasco de Gama quebrou esta barreira, subjū-

gou este elemento, affrontou as suas tempestades e devassou seos dezertos. Luiz de Camoens, que vio aquelles mesmos mares, e aquellas tormentas, e as comparou com as do Atlantico, e com as descripçoens daquellas que se haviaõ feito do Meditteraneo, nada achou de semelhante nos quadros que lhe forneciaõ os poetas antes d'elle. Tendo portanto que traçar o esforço, do maior accomettimento humano, para que não achava prototypo nem na poesia nem na historia antiga; recorreo as suas proprias facultades, e a sua grande e creadora imaginação lhe suggerio o gigante Adamastor, o Gigante das tempestades do oceano austral, que do baixo de hum so ponto de vista, apresentasse o novo terrivel, e pavoroso daquelles mares innaccessiveis; tempestades que vencidas huma vez indicavaõ a maior coragem do homem, a coragem dos Portuguezes. Eis aqui o que era preciso descrever com as suas verdadeiras cores. Huma coragem nunca d'antes desenvolvida, pedia huma pintura nunca d'antes vista, magestosa e terrivel, como aquella mesma coragem. Eis aqui o que Luiz de Camoens soube dignamente pintar, no episodio do gigante Adamastor, episodio, que por mais incorreçoens que tivesse na sua parte descriptiva, que não tem, será sempre grande em poesia, entre todas as naçoens civilizadas, e em todos os tempos.

O gigante Adamastor, excede o Poliphemo de Homero, e o Caco de Vergilio, não so no sublime, no original, mas ate no grandeza de estylo, na energia da pintura. As incoherencias achadas pelos detractores, ou zoilos, que semelhantes ao maniac destruidor de Epheso, querem huma celebridade ainda que seja impia, arguem somente a mais crassa ignorancia, ou a mais criminosa malicia. Com effeito, quaes são estas pertentidas *incoherencias*? A *incoherencia* de copiar a parte historica que entra n'aquelle episodio? A imitação de alguns poetas Italianos? Se o descobridor de taes incoherencias, que nos diz ter lido todas as logicas desde Aristoteles ate Condilhac, e que mostra pelo seu modo de enunciar-se não as ter percebido, tivesse as menos ideas claras sobre poetica, não cahiria em taes absurdos. Quaes são os objectos da poesia epica se não historicos? A parte do sublime, do transcendente funda-se mesmo no historico sagrado, ou profano. A

grande arte de Camoens no episodio do Adamastor he servir-se do historico para a base de sua ficção. O seu sublime graduado pela esphera visual, não se perde no labarinho da imaginação, que não sabe assignar-lhe os limites. A sua originalidade consiste em personalizar o Cabo das Tormentas do baixo do nome do gigante Adamastor. Qual he pois o poeta Italiano que deo esta idea ao grande Camoens? Este aleive he igual ao que representasse a viagem do Gama como ja feita antes d'elle. Esta idea he original de Camoens, original como aquella viagem, magestosa e grande como ella. A sagacidade do poeta não he menos conspicua em escolher da mythologia hum gigante não que tivesse escalado os ceos, mas que tivesse accometido o imperio das ondas, e que mui propriamente increpa da maneira mais energica e tocante os Portuguezes da mesma temeridade, e os ameaça com o seu castigo, e mais terriveis dezastres. Isto he que se chama crear; isto he apresentar o sublime em todas as suas relações, para lhe fazer sobre-sahir o character.

A *incoherencia* que observa o censor, quando diz que a vizaõ fora de noite, que o ceo estava escuro, e que era impossivel ver os dentes amarellos do gigante Adamastor, he disparate que não tem nome. Camoens que não obstante o atrazamento da sciencia no seu tempo, sabia mais physica, do que o nosso critico sabe de logica, (a pezar de ter lido tantas) não se contradiz, nem representa impossiveis, quando faz apparecer no meio de huma noite tempestuosa e sombria,—a boca negra e os dentes amarellos—do gigante Adamastor. Por huma lei de optica, he sabido, que a distincção dos objectos depende muito da remoção dos intermediarios. He por isso que nas appariçoens phantasmagoricas, na camara obscura, os objectos ferem mais; e he por isso que o sabio poeta Camoens representou o seu gigante n'hum ceo obscuro, onde o seu monstruoso tamanho deveria ser mais sensivel, onde a sua boca negra devia ser mais escura e mais horrenda pelo contraste dos dentes amarellos, cuja cor ou luz reflectida nenhum outro objecto corado amortecia.

Isto posto, quem se não indignará ao ver a ignorancia, e charlatenaria com que se attaca o immortal author das Lusíadas naquella parte do seu poema, em que

elle realça mais a gloria Portugueza? Qual he o fim pois deste ataque? Se não he o dezejo perfido de amortecer aquella gloria, e tornar com isso a nação desprezivel, ludibrio e preza dos seos inimigos. O valor Portuguez que hoje se desenvolve no campo da honra, está tam connexo com a memoria illustre dos seos passados, que todo o escriptor que tentar diminuir aquella, da golpes neste para o fazer recuar. Mais do que se pensa, o entusiasmo do soldado, o patriotismo da nação depende da celebridade da sua gloria, e por conseguinte dos illustres poetas nacionaes. Sem as *Lusiadas*, que testemunho podiamos produzir tam authentico contra as invectivas e calumnias que nos tem representado como hum povo ignobil e sem grandeza? Mas de balde sé cança o odio e a Inveja. O Gigante Adamastor de Camoens, tendo por baze a immortalidade, vingará os insultos dos pygmeos que pertendem abalalo; e firme rochedo entre as ruinas dos seculos, erguerá sua fronte magestosa, e sublime; em quantos esses atomos que para o eclypsar o rodeaõ, serão sumidos pela noite dos tempos, sem deixar vestigio algum da sua existencia.

SCIENCIAS.

CHYMICA.

Sobre algumas Combinações do Gaz Oxymuriatico, e Oxygenio, e sobre as Relações Chymicas destes Principios com os Corpos Inflamaveis. Por Humphrey Davy, &c.

(Continuada de p. 226.)

DA serie das proporções que eu communiquei no meu ultimo papel, he evidente, que 1 grao de potassium deve absorver 1.08 polegadas cubicas de gaz acido oxymuriatico; e esta estimativa approxima-se muito ao resultado das experiencias.

A estimativa da composição da soda, como deduzi das experiencias na minha ultima preleção Bakeriana, he 25.4 de oxygenio para 74.6 de metal, e esta dava o numero representativo da proporção em que o sodium se combina com os corpos; do que se vê claramente, que hum grao de sodium deve absorver quasi 2 polegadas cubicas de gaz acido oxymuriatico; e que a mesma quantidade, convertida em soda, decompoem quasi quatro polegadas cubicas de gaz muriatico. O muriato de soda deve conter por este principio huma porção de sodium, a saber 22, e huma de gaz oxymuriatico, a sober 32.9; e esta estimativa he quasi a mesma que a do Dr. Marcet na analyse desta substancia. O hydrato de potassa deve constar de huma porção de potassa, representada por 48, e huma de agoa, representada 8.5. Deste modo, a sua composição inclue 15.1 de agoa, e 84.9 de potassa. O hydrato de soda, segundo esta theoria, deve conter huma proporção de soda, isto he, 29.5, e huma de agoa ou 8.5 da mesma, o que dará em 100 partes 22.4 de agoa; e as experiencias que tenho circumstanciado, conforma-se muito bem com estas conclusões, como era de esperar.

As proporções da potassa e soda indicadas, em

differentes combinaçoens neutras, se achará, por estes calculos, concordarem com aquelles que se derivão da mais rigorosa analyse, sobre tudo com os de Mr. Bertholet; ou as differenças são taes que mui facilmente se podem explicar.

Eu estabeleci na minha ultima communicação a probabilidade de que o oxygenio no hyperoxymuriato de potassa existia em tripla combinação com o metal, e gaz oxymuriatico; os novos factos a respeito da peroxyde confirmão esta idea. O potassium, perfeitamente saturado com oxygenio, contem provavelmente seis proporçoens; por quanto, segundo a analyse de Mr. Chevenix, que he confirmada por huma que Mr. E. Davy fez no Laboratorio da Instituição Regia, o hyperoxymuriato de potassa deve constar de 40.5 de potassium, 32.9 de gaz oxymuriatico, e 45 de oxygenio.

Eu tenho mencionado que aquecendo fortemente a peroxyde de potassium em acido oxymuriatico, se expelle todo o oxygenio, e so se forma huma combinação de gaz oxymuriatico e potassium. Julguei, que se poderia effectuar esta combinação a huma baixa temperatura, e tenho razões para o crer. Fiz a peroxyde de potassium, por meio do potassium aquecido com quasi o dobro de nitro, e admetti gaz oxymuriatico, o qual se absorveo: expellio-se algum oxygenio pela fuzaõ da peroxyde, e ficou hum sal, que deo gaz oxymuriatico, e acido muriatico, pela acção do acido sulphurico.

Parece evidente, que na formação do hyperoxymuriato de potassa, huma quantidade de potassa se decompoem pela attração do gaz oxymuriatico para formar muriato de potassa; mas o oxygenio em vez de se desenvolver no estado nascente, entra em combinação com outra porção de potassa, para formar a peroxyde, e com gaz oxymuriatico.

As proporçoens requeridas para estas mudanças podem facilmente deduzir-se dos dados que se tem estabelecido nas paginas precedentes. 5 proporçoens de potassa, iguaes a 240 graõs, devem decompor-se, para formar com igual numero de proporçoens de gaz oxymuriatico, iguaes a 160.5 graõs, 5 proporçoens de muriato de potassa iguaes a 367 graõs; e 5 de oxygenio iguaes a 37.5 graõs combinados com hum de

potassa, iguaes a 48, devem unir-se em tripla uniaõ com hum de gaz oxymuriatico igual a 32.9, para formar huma proporçaõ, igual a 118.4 graõs de hyperoxymuriato de potassa.

Sobre as Combinaçoens dos Metaes das Terras com Oxygenio, e Gaz Oxymuriatico.

Os muriatos de barytes, cal, e strontia, depois de estarem longo tempo n'hum fogo candente, não se decompoem por simplices attracçoens quaesquer: assim, não se alteraõ elles pelo acido boracico, e so pela addiçaõ d'agoa, produzem rapidamente acido muriatico, e as suas terras particulares.

Por esta circumstancia, fui induzido a crer que estes compostos constaõ meramente de huma baze metallica particular, que eu tenho denominado bariium, calcium, strontium, e de gaz oxymuriatico; e as experiencias que fiz confirmaõ esta concluzãõ.

Quando se aquece barytes, strontia ou cal em gaz oxymuriatico até á vermelhidaõ, forma-se hum corpo precizamente o mesmo que hum muriato seco, e expelle-se o oxygenio da terra. Nunca pude effectuar huma decomposiçaõ destas terras tan completa pelo gaz oxymuriatico, que determinasse a quantidade de oxygenio produzida de huma dada quantidade de terra. Mas em tres experiencias feitas com grande cuidado achei, que hum de oxygenio se desenvolvea por cada dous em volume de gaz oxymuriatico absorvido.

Inda não fiz a experiencia de operar sobre o gaz oxymuriatico pelas bases das terras alcalinas; mas não tenho a menor duvida, que estes corpos se combinem directamente com aquella substancia, e formem muriatos secos.

Na ultima experiencia que fiz sobre a metallizaçaõ das terras por amalgamaçaõ, prestei huma attençaõ particular ao estado dos productos formados expondo o reziduo das amalgamas ao ar. Achei, que a barytes formada por este modo não era fuzivel a hum intenso fogo candente, e que a strontia e a cal assim formadas não davaõ agoa durante a igniçaõ. A barytes feita de crystaes da terra, como Mr. Bertholet mostrou, he hum hydrato fuzivel; e eu achei que esta

terra dá humidade, quando he decomposta pelo gaz oxymuriatico ; e a cal, no hydrato de cal, se decompunha mais rapidamente pelo gaz oxymuriatico que a cal viva, expellindo-se rapidamente o seu oxygenio com agoa.

Aqueceo-se n'huma retorta cal viva seca, cheia de gaz acido muriatico : formou-se instantaneamente agoa em grande abundancia, e mal se pode duvidar, que esta procedeo do hydrogenio do acido combinando-se com o oxygenio da cal.

Como o potassium tam facilmente decompoem o sal commum, julguei ser possivel decompor o muriato de cal, e por este modo fornecer meios faceis de obter calcium. A rapidez, com que o muriato de cal absorve agoa, e a difficuldade de a separar mesmo a hum fogo candente das ultimas porçoens, não favoreciaõ as circumstancias desta experiencia. Achei, todavia, que aquecendo fortemente o potassium, em contacto com o sal, n'huma retorta de vidro difficultozamente fuzivel, obtinha huma substancia escura diffundida pela massa vitrea, aqual effervescia fortemente com agoa. O potassium tinha totalmente dezaparecido, e a retorta tinha recebido hum calor a que se volatelize inteiramente o potassium. Tive os mesmos rezultados com muriato de strontia, e (posto que menos distinctos sabindo mais potassium sem alteração) com o muriato de barytes. Ou as bazes das terras foraõ total ou parcialmente privadas de gaz oxymuriatico nestes processos ou o potassium entrou em tripla combinação com os muriatos. Espero ter occasiaõ para o futuro de decidir este ponto.

Combinaçoens de gaz acido muriatico com magnesia, alumina e silex, decompoem-se todas ao calor, expelle-se o acido, e a terra fica livre. Conjecturei desta circumstancia, que o gaz oxymuriatico não expellera o oxygenio destas terras, e as experiencias confirmaraõ a conjectura. Aqueci magnesia*, alu-

* De algumas experiencias de Messrs. Gay-Lussac e Thenard, *Bullet. de la Societ. Phil.* May 7, 1810, parece, que se obtem oxygenio, passando gaz oxymuriatico sobre magnesia a huma alta temperatura, e se forma hum muriato, que se não decompoem ao fogo. Elles attribuem a presença deste oxygenio á decomposição do acido ; mas segundo todas as analogias, elle deve proceder da decomposição das terras.

mina, e silex até a vermelhidaõ no gaz oxymuriatico, mas nenhuma mudança teve lugar.

Messrs. Gay-Lussac e Thenard mostraraõ que a barytes he capaz de absorver oxygenio; e he provavel que existãõ peroxides de outras terras; pois que segundo as experiencias de Chevenix, muitas d'ellas sao capazes de se formarem hyperoxymuriatos.

Eu tentei mas debalde combinar a cal com mais oxygenio, aquecendo-a n'hum hyperoxymuriato de potassa; pelo menos depois deste processo ella não deo oxygenio combinando-se com agoa. O sal, chamado oxymuriato de cal, feito para uzo dos branqueadores, achei eu dar oxygenio ao calor, e formar muriato de cal.

Das proporçoens que eu dei na ultima preleçaõ Bakeriana, mas que se calcularãõ das analyses dos sulphatos, segue-se, que, se os muriatos de barytes, strontia, e cal, se olbarem como contendo huma proporçaõ de gaz oxymuriatico, e outra do metal, elles devem entãõ constar de 71 de barium, 46 de strontium, e 21 de calcium, para 32.9 de gaz oxymuriatico.

Para determinar ate que ponto estes numeros são exactos, 50 graõs de cada hum destes muriatos, que se tinhaõ aquecido até a alvura, foraõ decompostos pelo nitrato de prata, colligio-se o precipitado, lavouse, aqueceo-se, e pezou-se.

O muriato de barytes, tractado deste modo, produzio 68 graõs de luna cornea. O muriato de strontia 83 graõs. O muriato de cal 125 graõs.

Das experiencias que haõ de circumstanciar-se na proxima sessaõ, parece, que a luna cornea contem 12 de prata para 3.9 de gaz oxymuriatico, e consequentemente, que o barium deve ser representado por 65.1, e strontium por 46.1, e o calcium por 20.8.

Sobre as Combinaçoens dos Metaes communs com Oxygenio, e Gaz Oxymuriatico.

Nos limites que adoptei nesta preleçaõ, não cabe mais que hum esboço das numerosas experiencias que fiz sobre as combinaçoens do gaz oxymuriatico com metaes; devo portanto limitar-me a relaçaõ geral do

modo de operar, e resultados. Uzei em todos os cazos de retortas de vidro verde, contendo de 3 ate 6 polegadas cubicas, fornecidas com torneiras. Introduziraõ-se as substancias metallicas, exhauro se a retorta, e encheo-se do gaz sobre que se devia obrar, applicou-se calor por meio da chama alcoholica, e depois do resfriamento, examinaraõ-se os resultados, e analysou-se o gaz remanescente.

Todos os metaes, que experimentei, excepto prata, chumbo, nikel, cobalto, e ouro, sendo aquecidos, no gaz oxymuriatico ardiaõ, e os metaes volateis com chama. O arsenico, antimonio, tellurium e zinco ardiaõ com chama branca, e o mercurio com vermelha; a platina era apenas affectada ao calor da fuzaõ do vidro.

O producto do arsenico era manteiga de arsenico, hum fluido denso, limpido, altamente volatil, naõ conductor da electricidade, e de huma extrema gravidade especifica, e que decomposto pela agoa, dava oxyde de arsenico e acido muriatico. O de antimonio era manteiga de antimonio, hum solido nimiamente fusivel e volatil, cor da luna cornea de grande densidade, crystallizando-se pelo resfriamento em laminas hexaedras, e dando, na sua decomposiçaõ pela agoa, oxyde branca.

O producto do tellurium, nas suas qualidades sensiveis, assemelhava-se ao de antimonio, e dava pela acçaõ d'agoa tambem oxyde branca.

O producto do mercurio era sublimado corrosivo. O de zinco era semelhante em cor ao de antimonio, porem muito menos volatil.

A combinaçaõ do gaz oxymuriatico e ferro era de hum pardo claro, approximando-se a lustre metallico, e irridescente como a mina de ferro chamada Elba. Volatilizava-se a hum calor moderado, enchendo o vazo de bellos miudos crystaes de extraordinario esplendor, e laminas brilhantes, cuja forma naõ pude determinar. Pela acçaõ d'agoa, elle dava vermelho muriato de ferro.

O cobre formava huma substancia de hum vermelho pardo brilhante, fusivel ao hum calor abaixo da vermelhidaõ, e que pelo resfriamento se tornava crys-

tallina e semitransparente, a qual dava hum fluido verde, e hum precipitado verde pela acção d'agoa*.

A substancia do manganez não era volatil a hum pezado calor vermelho, era de huma cor parda escura, e pela acção d'agoa se tornava de hum pardo mais claro: ficava na solução hum muriato de manganez, que não avermelhava as cores vegetaes, e huma substancia insolúvel de cor de chocolate†.

O Tungsten produzia hum sublimado cor de laranja, que, decomposto pela agoa, produzia acido muriatico, e a oxyde amarella de tungsten.

O estanho produzia licor de Libavio, que dava pela acção d'agoa hum muriato, contendo a oxyde de estanho, no maximo da oxydação.

A prata produzia luna cornea, e o bismuth, monteiça de bismuth. A absorção do gaz oxymuriatico era nas seguintes proporções para cada hum dos metaes; para o arsenico 3.6 polegadas cubicas: para o antimónio 3.1, para o tellurium 2.4, para o mercurio 1.05, para o zinco 3.2, para o ferro 5.8, para o estanho 4, para o bismuth 1.5, para o cobre 3.4; quanto a prata; a absorção do volume era 8.9 e o augmento de pezo da prata era equivalente a 0.6 de hum grão.

Operando sobre as oxydes metallicas pelo gaz oxymuriatico, achei que as de chumbo, prata, estanho, cobre, antimónio, bismuth, e tellurium, se decompunhaõ a hum calor abaixo da vermelhidaõ, e mais rapidamente as oxydes dos metaes volateis, que os dos

* He digno de indagação, se acazo o precipitado de cobre pela agoa não he hum muriato hydratado, analogo na sua composição ao muriato crystallizado do Peru. Este ultimo, segundo acho, produz acido muriatico e agoa pelo calor.

A rezina de cobre descoberta por Boyle, formada pelo cobre aquecido com sublimado corrosivo, provavelmente contem so huma proporção de gaz oxymuriatico, em quanto a referida supra deve conter 2.

†. Quando se faz o muriato de manganez pela solução da sua oxyde no acido muriatico, obtem-se huma combinação neutra; mas esta he decomposta ao calor, dissipa-se o gaz muriatico, e fica huma oxyde parda de manganez. A este respeito parece o manganez como argola entre os metaes antigos, e os novamente descobertos. O seu muriato se decompoeu como o de magnesia; e a sua oxyde he a unica entre as conhecidas, tanto quanto as minhas experiencias tem podido alcançar, que neutraliza a energia acida do gaz acido muriatico, a ponto de fazer que a sua solução não affecte as cores vegetaes.

fixos. As oxydes de cobalto e nickel eraõ apenas affectadas a hum calor vermelho carregado. A oxyde vermelha de ferro naõ era affectada naquelle calor, em quanto a negra se decompunha rapidamente a mais baixa temperatura; o acido arsenical naõ soffria mudança ao maior calor, que se lhe podia dar na retorta de vidro, ao passo que a oxyde branca facilmente se decompunha.

Nos cazos em que o oxygenio se expellia, achava-se exactamente a mesma quantidade que fora absorvida pelo metal. Assim 2 graõs de oxyde vermelha de mercurio absorberaõ 0.9 de huma polegada cubica de gaz oxymuriatico, e produziraõ 0.45 de oxygenio*. Dous graõs da oxyde verde negra de calomelanos decompostos pela potassa, absorberaõ quasi 0.94 de gaz oxymuriatico, e produziraõ 0.24 de oxygenio, e produzio-se sublimado corrosivo em ambos os cazos.

Na decomposiçaõ da oxyde branca de zinco, ex-

* Fiz duas analyses do sublimado corrosivo, e calomelanos, com grande cuidado. Decompoem 100 graõs de sublimado corrosivo com 90 graõs de hydrato de potassa. Isto produzio 79.5 de oxyde cor de laranja de mercurio, dos quaes 40 graõs produziraõ 9.15 polegadas cubicas de gaz oxygenio; o muriato de prata formado de 100 graõs era 02.5.

100 graõs de calomelanos, decompostos por 90 graõs de potassa, produziraõ 82 graõs de oxyde verde negra de mercurio, dos quaes 40 graõs deiraõ pela decomposiçaõ ao calor 4.8 polegadas cubicas de oxygenio. A quantidade de luna cornea formada de 100 graõs foi 58.75 graõs.

Na segunda analyse, a quantidade da oxyde obtida do sublimado corrosivo foi 78.7; a quantidade de muriato de prata formado foi 103.4; a oxyde produzida dos calomelanos pezou 83 graõs; a luna cornea formada foi 57½ graõs. Sinto-me inclinado a pôr mais confiança na ultima analyse; mas o theor de ambas mostrará, que a quantidade do gaz oxymuriatico no sublimado corrosivo he exactamente o dobro da dos calomelanos, e que a oxyde cor de laranja contem duas vezes tanto oxygenio como a negra, considerando se o mercurio o mesmo em todos. A cor verde escura da oxyde formada dos calomelanos he devida á ligeira mistura da oxyde cor de laranja, formada pelo oxygenio d'agua uzada na precipitaçaõ; a cor, acho eu, he quasi negra, quando se emprega huma soluçaõ fervente de potassa; e a trituraçaõ com oxyde cor de Laranja traz a cor verde escura. Tem-se dito que a oxyde verde escura precipitada dos calomelanos pela potassa he hum submuriato; mas eu nunca pude achar nem vestigio de acido muriatico n'ella, por mais que a lavasse. Naõ he facil obter huma perfeita precizaõ em a analyse da oxyde mercurial, por quanto se lhes adhere a agoa, a qual naõ pode inteiramente expellir-se sem expulsaõ de algum oxygenio.

pellio-se oxygenio exactamente igual a metade em volume do acido oxymuriatico absorvido. Na decomposiçãõ da oxyde negra de ferro, e oxyde branca de arsenico, as mudanças que occurreraõ foraõ de huma bella especie; nenhum oxygenio se desenvolveo em ambos os cazos, mas n'hum se formou manteiga de arsenico e acido arsenical, e n'outro o sublimado ferrugineo, e oxyde vermelha de ferro. Dous graõs de oxyde branca de arsenico absorveraõ 0.8 de gaz oxymuriatico*.

Naõ duvido que os mesmos phenomenos se achem occorrer em outros cazos, em que o metal tem comparativamente huma ligeira attracçãõ para o gaz oxymuriatico; da mesma sorte quando elle he susceptivel de graõs diversos de oxydaçãõ, e quando se emprega a peroxyde.

A unica substancia, em que tentei decompor huma oxyde metallica commum pelo acido muriatico, foi na oxyde flava de estanhõ; o composto que se separou, foi agoa e licor de Libavio.

Das proporçoens que se podem alcançar considerando os volumes do gaz oxymuriatico absorvido pelos differentes metaes, na sua relaçaõ á quantidade de oxygenio que seria necessário para os converter em oxydes, se vera, que nas experiencias a que me tenho referido, huma, duas, ou tres proporçoens de gaz oxymuriatico se combinaõ eom huma de metal, e por consequente, da combinaçãõ dos muriatos, será facil obter os numeros que representem as proporçoens em que os metaes se podem conceber entrar em outros compostos.

Conclusoens geraes e Observaçoens illustradas por experiencias.

Todas as conclusoens que eu me tenho abalançado a expor na minha ultima communiçaõ a sociedade,

* Hum singular exemplo da tendencia da oxyde de arsenico a tornar-se acido arsenical, occorre na sua açãõ sobre o fundido hydrato de potassa. A sua agoa se decompoe rapidamente, desenvolve-se hydrogenio arseniurado, e forma-se arseniato de potassa.

se acharão confirmadas, como espero, pela serie total destas novas indagaçoens.

O gaz oxymuriatico combina-se com os corpos inflamaveis, para formar simplices compostos binarios; e quando obra sobre oxydes, ou produz a expulsaõ do seu oxygenio, ou faz que elle entre em novas combinaçoens.

Se acazo se disser, que o oxygenio procede da decomposiçaõ do gaz oxymuriatico, e não das oxydes, pode perguntar se, porque razaõ elle he sempre a quantidade contida na oxyde, e porque em alguns cazos, como nas peroxydes de potassium e sodium, elle não tem relaçaõ com a quantidade do gaz?

Se houvesse alguma substancia acida no gaz oxymuriatico, combinada com oxygenio, elle devia mostrar-se no fluido composto de huma porçaõ de phosphoro, e duas de gaz oxymuriatico; por quanto este (pelo antiga hypothese, livre d'agoa) devia constar de acido muriatico e acido phosphorico; mas esta substancia não tem effeito nas cores vegetaes, e não obra em circumstancias ordinarias, sobre as bazes alkalinas fixas como a cal seca e a magnesia. O gaz oxymuriatico, como oxygenio, deve combinar-se em grande quantidade com substancias inflamaveis particulares para formar substancias acidas. Na sua uniaõ com hydrogenio, elle o vermelha as cores vegetaes mais secas, posto que seja corpo gazoso. Em contrario dos acidos, elle expelle o oxygenio das protoxydes, e combina-se com as peroxydes.

Quando se queima potassium no gaz oxymuriatico, obtem-se hum composto seco. Empregando-se potassium combinado com oxygenio, o total do oxygenio he expellido, e forma-se o mesmo composto. He contrario a huma sam logica dizer, que esta quantidade de oxygenio provem de hum corpo que se não sabe ser composto; quando estamos certos da sua existencia n'outro; e todos os cazos são parallelos.

Hum argumento a favor da existencia do oxygenio no gaz oxymuriatico pode derivar-se por algumas pessoas das circumstancias da sua formaçaõ, pela acçaõ do acido muriatico sobre as peroxydes, ou sobre o hyperoxymuriato de potassa; mas huma investigação minuciosa do objecto, não tenho duvida,

mostrará que os phenomenos desta acção inteiramente se conformaõ com as vistas que tenho avançado. Aquecendo gaz muriatico em contacto com a peroxyde seca de manganez, achei que se formava rapidamente agoa, produzia-se gaz oxymuriatico, e a peroxyde se tornava parda. Ora, como o gaz acido muriatico consta de gaz oxymuriatico, e hydrogenio, a explicação do resultado não he facil, excepto dizendo-se, que o hydrogenio do acido muriatico se combinou com o oxygenio da peroxyde para produzir agoa.

Scheele explicou a virtude *branqueante* do gaz oxymuriatico suppondo que elle destroia as cores combinando-se com o phlogisto. Berthollet considerou-o como supprindo oxygenio pela sua acção. Eu fiz huma experiencia, que parece provar, que o gaz puro he incapaz de alterar as cores vegetaes, e que a sua virtude de branquear depende inteiramente da sua propriedade de decompor a agoa, e a por livre o seu oxygenio.

Enchi de gaz oxymuriatico hum globo de vidro, contendo seco muriato de cal em po. Introduzi algum papel seco tincto das cores vegetaes que se acabava de aquecer em outro globo, contendo seco muriato de cal; passado algum tempo se exaurio este globo, e se combinou com o globo que encerrava gaz oxymuriatico, e pelo operação de torneiras, o papel se expoz a acção do gaz. Não houve mudança de cor, e passados dous dias era apenas perceptivel a alteração. O mesmo papel seco se introduzio no gaz não exposto ao muriato de cal, e fez-se instantaneamente branco. Papel não seco previamente, e trazido a contacto com o gaz seco, soffreo a mesma mudança, posto que mais lentamente.

Os hyperoxymuriatos parecem dever a sua virtude branqueante ao oxygenio que tem levemente combinado: ha huma grande tendencia no metal dos que se empregão em uzos communs, a formar combinaçoens simples com gaz oxymuriatico, e a largar facilmente o oxygenio.

Diz-se em geral nos livros chymicos que o gaz oxymuriatico he capaz de se condensar e crystallizar a huma baixa temperatura, eu tenho achado por varias experiencias que isto não he assim. A soluçãõ do gaz

oxymuriatico n'agoa gela-se mais promptamente que agoa pura, mas o gaz puro seco pelo muriato de cal não soffre mudança alguma, á temperatura de 40 abaixo de 0 no thermometro de Fahrenheit. O engano parece ter nascido de expor o gaz ao frio em garrafas contendo humidade.

Eu tentei mas debalde decompor os acidos boracico e phosphorico pelo gaz oxymuriatico; do que parece provavel, que as attracçoens do boracium e phosphoro para o oxygenio são mais fortes do que para o gaz oxymuriatico. Pelas experiencias que ja detalhei, o ferro e arsenico são analogos neste ponto, e provavelmente alguns dos outros metaes.

O potassium, sodium, calcium, strontium, barium, zinco, mercurio, estanho, chumbo, e provavelmente prata, antimonio, e ouro, parecem ter huma mais forte attracção para o gaz oxymuriatico do que para o oxygenio.

Das poucas experiencias que tenho feito sobre as combinaçoens dos compostos oxymuriaticos entre si ou com as oxydes, tenho visto, que o licor de arsenico é e o de estanho misturados, produzem augmento de temperatura, os liquidos sulphurados e phosphurados se unem entre si, e com o licor de Libavio, mas sem notaveis phenomenos.

Aqueitei cal brandamente n'hum tubo de vidro verde, e passei, por elle em vapor o sublimado phosphorico saturado; houve huma acção violenta com producção de calor e luz, e formou-se huma massa parda fundida; que, pela acção d'agoa, produzio muriato e phosphato de cal.

Introduzi vapor do sublimado phosphorico aquecido n'hum retorta exhausta que continha papel seco tinto das cores vegetaes; a cor passou lentamente para hum vermelho pallido. Este facto parece indicar que esta substancia he hum acido, mas como alguma pequena porção de vapor aquoso podia existir no recipiente, não pode a experiencia olhar-se como deciziva; a força da sua attracção para o ammoniaco he talvez em favor desta opiniaõ. Todos os oxymuriatos que eu tenho experimentado, formaõ, com effeito, compostos triplos com este alkale; mas o phosphoro he expellido a hum calor brando dos outros compostos de gaz

oxymuriatico e phosphoroso com ammoniaco, e a substancia remanescente em combinaçãõ he o sublimado phosphórico.

Algumas Reflexoens sobre a Nomenclatura dos Compostos Oxymuriaticos.

Chamar hum corpo que se não sabe conter oxygenio, e que não pode conter acido muriatico, acido oxymuriatico, he contrario aos principios daquella nomenclatura em que elle se adopta; huma alteraçãõ portanto parece necessaria para auxiliar os progressos da discussãõ, e diffundir justas ideas sobre este objecto. Se o grande descobridor desta substancia a tivesse designado por algum nome simplez, seria proprio recorrer a elle; mas acido marinho dephlogisticado he termo que apenas pode adoptar-se na prezente avançada era da sciencia.

Depois de consultar algum dos mais eminentes chymicos philosophos deste paiz, julgou-se mais proprio suggerir hum nome que expremisse alguma das suas propriedades obvias, e caracteristicas—e como a sua cor amarellada he huma destas, conveio-se chamar-lhe *chlorin* ou gaz *chlorico**.

Se para o futuro se descobrir ser hum composto esta substancia, e conter mesmo oxygenio, este nome não envolve erro, e não requer precisamente ser mudado.

Muitos saes, que se tem chamado muriatos, não contem, que se saiba, acido algum muriatico, ou algum oxygenio. Assim o licor de Libavio, ainda que convertido em muriato pela agoa, contem somente estanho, e gaz oxymuriatico, e a luna cornea parece incapaz de se converter em verdadeiro muriato.

Ouzo propor para os compostos do gaz oxymuriatico e substancias inflamaveis, o nome das suas bases, com a terminaçãõ em *ano*. Assim *argentano* pode significar luna cornea; *stanano*, o licor de libavio, *antimoniano*, manteiga de antimonio; *sulphurano*, o licor sulphurado do Dr. Thompson; e assim por diante.

O nome de acido muriatico, applicado ao composto de hydrogenio e gaz oxymuriatico, não ha razaõ para

* Gaz *chlorico*, *chlorin* ou *chlorino*, do termo Grego *χλωρος*, donde e deriva Davy, chamando-lhe em Inglez *chlorine*.

que se altere. E os compostos desta substancia com oxydes deveraõ ser caracteriza-los da maneira uzual, como os outros saes neutros. Deste modo, muriato do ammoniaco, e muriato do magnezia, sãõ expressoens perfeitamente correctas.

Naõ me demorarei mais tempo sobre este objecto :— O que tenho avancado he so como suggestaõ, e principalmente para chamar a attençaõ dos philosophos para este ponto. A' medida que a chymica se adiantar, novas alteraçõens seraõ necessarias; e he de esperar que onde quer que ellas se façaõ, sejaõ independentes de todas as vistas especulativas; que os novos nomes se derivem de alguma propriedade simples e invariavel, e que as designaçõens arbitrarias se empreguem so para significar a classe a que os compostos ou corpos simplicies pertencem.*

* Com este rigor methodico, tem ultimamente Davy denominado algumas substancias, e corrigido o nome de outras. Assim elle chama *Exchlorin* a combinaçaõ do *chlorin* com o oxygenio, pela sua cor amarella mais carregada; e *boron*, a baze do acido boracico, que ultieiores experiencias lhe fizeraõ ver que naõ era hum metal, como suppunha, a que chamou *boracium*, mas sim huma substancia particular.

CORRESPONDENCIA.

CARTA

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ
EM INGLATERRA.

Lisboa, 16 de Março 1812.

LI a sua resposta á Carta, ou observaçoens, que tive a honra de lhes remetter em 28 de Septembro ultimo, as quaes não assignei por extenso, por me persuadir, que não seria necessario, e porque Vm^{es} não declararaõ tal condiçao no Prospecto do seu Jornal, exigindo somente que as Memorias que se lhe remettenssem sobre literatura, sciencias, ou Politica fossem escritas com decencia; e eu quero persuadir-me, que esta essencial qualidade não falta nas observaçoens que lhes refmeti. Concordando para com Vm^{es}, e parecendo-me bem judiciozas as suas reflexoens, e assas ponderozas as razoens, que apontaõ para não inserir no seu Jornal papeis anonymos desta natureza; por isso; e porque, torno a dizer, não receio ser contradicto lhes torno a enviar as mesmas observaçoens por mim assignadas, esperando da sua conhecida probidade, e solemne promessa as queiraõ inserir por inteiro no seu Jornal; assegurando a Vm^{es}, que nisso interessa mais a sua propia reputaçao, que a mesma reputaçao de quem faz o objeto das mesmas observaçoens, e de quem eu nada dependo, nunca depende, nem espero depender: Lisboa inteira o sabe: e se me rezolvi a escrever as citadas observaçoens, he porque me custa muito ver abocanhado a torto e a direito por intrigantes detestaveis hum homem que está, e deve com muita razao estar nas boas graças do nosso amavel Soberano; e que por isso mesmo os seus miseraveis inimigos o não querem poupar, dando-lhe não pouca força o que se escreveo bem que de boa

fê, inconsideradamente na historia da invazão das Francezes em Portugal.

Eu sou Senhores com muita consideração
De Vm^{ces.}

Respeitozo e obrigado Venerador
Manoel Pereira de Faria.

CARTA

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ
EM INGLATERRA.

Lisboa, 28 de Setembro, 1811.

NA breve analyze feita pela Redactor do Correio Braziliense ao 1. Tomo da Historia Geral da invazão dos Francezes em Portugal por Jozé Acurso das Neves, e nesta mesma obra encontraõ se algumas noçoens que nao são exactas sobre a paz negociada pelo Excellentissimo Antonio de Araújo em Paris, e a respeito da conducta deste Negociador quando os Francezes entraraõ na Hollanda. Persuadido, como estou, de que tanto o Author da Historia geral da invazão dos Francezes em Portugal, como o Redactor do Correio Braziliense, só tem por fim expôr ao Publico a verdade; por isso tomo a rezolução de remetter a Vm^{ces.} as seguintes observaçoens, bem seguro de que nao heide ser contradicto.

A injustiça com que a meu modo de ver, o Excellentissimo Antonio d'Araujo tem sido calumniado pelos seos inimigos, e pela populaça de Lisboa, cujos dictos tem algumas vezes sido tomados por opiniao publica, donde tem rêsultado injustiças, que eu creio involuntarias, e que merecem indulgencia nestes tempos difficeis; excitou em mim a rezolução de fazer estas observaçoens, e de as enviar a Vm^{ces.}, em cujo excellente Jornal se devizao ate agora dezejões do bem Publico, imparcialidade, e decoro.

Alem disto, o ter aqui apparecido a traducção da Historia Secreta do Gabinete de Bonaparte feita, e mandada imprimir por Vm^{ces.} em Londres, naqual se acha avancada hum propozicao (sem a menor prova), que os malevolos podem attribuir ao Excellentissimo Antonio d'Araujo; foi hum motivo de mais para enviar as minhas observaçoens antes a Vm^{ces.} do que ao Redactor do Correio Braziliense.

Eu quero persuadir-me, que se Vm^{tes} tivessem lido as observaçoens, que vou fazer, terião supprimido aquella passagem, assim como supprimirião outras coizas, reflectindo, que assim como o Excellentissimo Antonio d'Araujo foi calumniado pela sua ficada em Hollanda, pela sua conducta ali, e pelo Tratado de paz concluido por elle em Paris, epoca em que principiaraõ os inimigos deste celebre Diplomatico; era, pelo menos, provavel, que tudo o que se tem dito delle, desde aquella epoca para ca, vagamente, e, sem a menor prova, não sejam mais doque meras calumnias; ou que quando não quizessem supprimir aquella calumnioza passagem (pois que assim se deve reputar, visto que se não produz huma prova), Vm^{tes} se dariaõ o trabalho de refutar aquella propozição gratuita, e infame, avancada por hum homem, que foi creatura de Bonaparte, e que sabe o Ceu porque razao, porque interesses, e com que vistas voltou para huma patria de que foi ate agora inimigo. Entremos em materia.

OBSERVAÇÃO I.

O A. da Historia Geral da invazao dos Francezes em Portugal está completamente illudido quando diz, ou dá a entender, que o Excellentissimo Antonio d'Araujo se achou accidentalmente em Paris, quando se negociou o tratado de paz, que a Corte de Lisboa não ratificou: e o Redactor do Correio Braziliense he muito exacto asseverando, que o Excellentissimo Antonio d'Araujo fora positivamente mandado pelo Governo Portuguez tratar daquella negociação: mas o mesmo Redactor se engana, dizendo, que esta negociação começara por huma acção criminoza. Não foi em hum jantar em casa do Excellentissimo Antonio d'Araujo, que se abriu aquella negociação. O Excellentissimo Antonio d'Araujo não deo naquelle tempo jantares nem a Francezes, nem a outras pessoas: pelo contrario, reduzio-se a viver muito parcamente, e com a maior economia possivel, suspendendo a despeza de carruagem, e outras; e foi naquelle tempo, que elle pôde comprar muitos, e preciosos livros, que eraõ entao muito baratos: foi entao muito principalmente, que elle completou a sua numeroza, e escolhida Bibliotheca; e nem elle, nem pessoa alguma podia prever em 1796 que os Vandalos da nossa era haviaõ de ir roubar-lha, e destruir-lha a Lisboa em 1807.

OBSERVAÇÃO 2.

Em hum juntar dado em caza de Mr. Schubach, Ministro de Dinamarca, he que os entao chamados *Representantes do Povo* fallaraõ pela primeira vez ao Excellentissimo Antonio d'Araujo, para que este houvesse de escrever á Sua Corte a ver se ella quereria communicar á de Madrid, que o Governo Francez estava disposto a tratar a paz com ella. O Excellentissimo Antonio d'Araujo encarregou-se desta communicação; e era preciso ser destituído de senso commum, para nao ver nesta abertura hum modo de ficarmos taobem em boa correspondencia com a França, visto que a nossa guerra nao era senao do contingente a que estavamos obrigados em cazo de guerra defensiva. He hum facto, que o Excellentissimo Antonio de Araujo expedio logo o seu Secretario (com quem tive intimas relaçoens) para Lisboa: mas ainda nao era chegado a sta Corte, quando os mesmos *Representantes do Povo* declararaõ ao Excellentissimo Antonio d'Araujo, que tinhao recebido do seu Governo officios em que lhes dizia, que ja nao era precisa a diligencia do Ministro Portuguez, porque a Hespanha tinha proposto a paz pelo Marquez de Irlanda nos Perineos.

OBSERVAÇÃO 3.

He hum facto que o Excellentissima Antonio de Araujo tinha aconselhado á sua Côte, que era justo, antes de alguma outra marcha, participar as suas intençoens á Inglaterra, e fazer hum accommodamento juntamente com a Hespanha; o que se fez; e como esta declarou, que fazia a sua negociação separadamente; entao a nossa Corte remetteo plenos poderes ao Excellentissimo Antonio de Araujo, para ir sem perda de tempo negociar a Paris, os quaes lhe foraõ enviados pelo seu Secretario, de quem fallei na observação 2.

OBSERVAÇÃO 4.

A Hespanha deo-se tanta pressa a concluir a sua paz, que antes do Excellentissimo Antonio de Araujo chegar a Paris, ja ella a tinha concluido em Basilea, e com maiores sacrificios do que faria se nao tivesse feito aquella propozição nos

Perineos; porque he constante que os Francezes tinhaõ vi-vissimos dezejõs de fazer a paz, e com menos concessõens do que aquellas que se estipularaõ. O Excellentissimo Antonio de Araujo chegou a Paris, e concluiu o tratado de paz entre Portugal, e a República Franceza.

OBSERVAÇÃO 5.

O A. da Historia Geral da Invazão dos Francezes em Portugal engana-se quando diz que—*eraõ taes os sacrificios que a Corte de Portugal não julgou conveniente o rateficalo.* Eu passo assegurar a Vm^{ces.}, aos inimigos do Excellentissimo Antonio de Araujo, e ao mundo inteiro, que se este Negociador faltou ás instrucçoens da sua Corte foi em não fazer os sacrificios para que estava authorizado; e que a concluzão do tratado foi taobem por ordens depois de ser visto na sua totalidade, e approvado pela nossa Corte. Nada disto he hoje hum misterio, nem o saõ taobem os motivos porque a Corte de Portugal não ratificou aquelle tratado, que estava taõ longe de ser onerozo para nos, que pelo contrario todo o mundo se espantou de que naquellas circumstancias se podesse concluir com tanta vantagem nossa.

Eu confesso que me não cauza pequeno espanto ver as proposiçoens que o Author avança em 1810 quando em 1797 todo o mundo sabia que o Excellentissimo Antonio de Araujo não se tinha achado accidentalmente em Paris; mas que tinha sido mandado pela nossa Corte; e que o concluiu com muito menos sacrificios do que aquelles para que estava authorizado. Cauza ainda maior espanto dizer o Author que aquelle tratado nunca chegara a fazer-se publico; pois que he huma verdade inquestionavel, como bem adverte o Correio Braziliense, que elle se acha em muitas Gazetas Inglezas; e eu posso acrescentar, que elle se publicou taobem em muitos papeis Francezes.

OBSERVAÇÃO 6.

O A. não diz huma palavra sobre os verdadeiros motivos, que fizeraõ com que o Tratado concluido pelo Excellentissimo Antonio d'Araujo não fosse ratificado. Taobem eu os não posso assignar com certeza phisica; mas o que foi constante em Lisboa he, que D. Lourenço de Lima tinha sido nomeado taobem para vir de Vienna a Paris, para junto

com o Excellentissimo Antonio d'Araujo negociar aquelle Tratado; o que se fez a instancias de Seu Pai o Marquez de Ponte de Lima, entao Primeiro Ministro. Foi igualmente constante, que se expedirao ordens ao Excellentissimo Antonio d'Araujo para que no caso de que chegasse primeiro, como era natural, e achasse occasiao favoravel de concluir a negociacao d'huma maneira decoroza, util, e vantajoza, o fizesse, sem esperar pelo o outro. O Excellentissimo Antonio d'Araujo chegou primeiro: consta que La Croix o mandara chamar, e lhe propozera, que se queria concluir o Tratado de Paz, aproveitasse a occasiao; porque dentro em poucas semanas a nao teria; poisque era provavel que houvesse mudanca no Governo, e consequentemente no systema. O Excellentissimo Antonio d'Araujo seguindo as Instrucçoens da sua Corte, aproveitou a occasiao, e concluiu o Tratado infinitamente mais vantajoza, e com sacrificios infinitamente menores do que o Tratado de Badajoz, e de Madrid. D. Lourenço de Lima irritou-se sobre maneira contra o Excellentissimo Antonio d'Araujo; seu Pai ainda mais; e foi esta, na opiniao de todos os intelligentes, e dos que tinhao mais razao para o saber, que fez com que se nao ratificasse o Tratado concluido pelo Excellentissimo Antonio d'Araujo, por nao ter tido parte nelle seu filho; e o que foi inda peor, fez com que senao respondesse em tempo, e que expirasse o primeiro prazo ajustado, e ainda segundo alcançado a rogos do Excellentissimo Antonio d'Araujo.

Eu sei isto de boa, e muito boa fonte Diplomatica; eu sei isto de Pessoa que trabalhou na Alemanha por esclarecer D. Lourenço de Lima, que nao sabia da clauzula, que havia nas Instrucçoens do Excellentissimo Antonio d'Araujo, nem do Avizo, que recebeu de M. La Croix, entao Ministro dos Negocios Estrangeiros em Paris; e esta mesma Pessoa conseguiu reconciliar aquelle Fidalgo chamado *Puritano* com o Excellentissimo Antonio d'Araujo, que o nao he, o que nao custou pouco.

OBSERVAÇÃO 7.

Nao he taobem exacto o que diz o Redactor do Correio Braziliense tachando de criminoza a ficada do Excellentissimo Antonio de Araujo na Hollanda depois da retirada do infeliz Principe de Orange. O Governo Hollandez nao era o Principe de Orange; erao os Estados Geraes, perante os quaes costumavao ser, e erao de facto acreditadas

os Ministros Estrangeiros. Eu sei igualmente de boa fonte, que o Excellentissimo Antonio de Araujo no momento da entrada dos Francezes na Hollanda, foi ter com o Embaixador Inglez para saber qual era a sua intençaõ, e communicar-lhe a delle (Araujo). O Embaixador Inglez respondeo-lhe, que elle devia acompanhar na sua retirada o Principe de Orange, e as razoes que para isso tinha: O Excellentissimo Antonio de Araujo declarou-lhe, que elle não tinha os mesmos motivos, e que so devia seguir os Estados Geraes, se elles se auzentassem. He hum factõ que o Excellentissimo Antonio de Araujo lhe fallou nas instrucçoens, que tinha, e de que aquelle Ministro ja tinha noçao; e este lhe respondeo que tinha razao, e que devia permanecer junto dos Estados Geraes. Eu nao sei se ainda vive aquelle Ministro Inglez: se elle existe elle poderá certificar a verdade de tudo isto; alias he natural, que na Secretaria Ingleza dos Negocios Estrangeiros haja documentos a este respeito.

OBSERVAÇÃO 8.

He muito sabido que a Corte de Lisboa havia declarado ao Excellentissimo Antonio de Araujo, que a sua categoria na guerra de Hespanha com Franca era so de auxiliar, e de resto neutra. Parece pois que o Excellentissimo Antonio de Araujo fez bem em ficar junto do Governo Hollandez. Este meu parecer torna-se n'humã verdade; por isso que he innegavel, que a rezoluçao, que elle tomou foi approvada pela Corte de Lisboa; e não so approvada, mas ate com a expressao de que S. A. R. lhe mandava agradecer positivamente.

Pelo que fica dito se conclue, que a ficada do Excellentissimo Antonio de Araujo na Hollanda não foi *criminoza*: deixaria mesmo de o ser logo que ella mereceo a approvao de S. A. R. Vê se igualmente que o Excellentissimo Antonio d'Araujo nem obrou com ligeireza em Hollanda, nem fez abertura de paz com a vontade indiscreta de brilhar, nem *com o despejo* de figurar em hum *Tratado com a Franca*, como diz o Redactor do Correio Braziliense, que tem mais de huma vez tido a candura de se retractar, mesmo a respeito do Excellentissimo Antonio d'Araujo (de quem fallou com tanta imprudencia), o qual no meu modo de pensar, e pelo muito que sei da sua conducta Politica, tem sido victima da maledicencia, da calumnia, e da intriga. Mas o meu fim unico he mostrar que as

noçoes do A. da Historia Geral da invazão dos Francezes em Portugal, e as do Redactor do Correio Braziliense a respeito da ficada do Excellentissimo Antonio d'Araujo na Hollanda, quando o desgraçado Pichegru ali entrou, e do Tratado de paz, que foi negociar a Paris, não são exactas.

OBSERVAÇÃO 9.

Alem destas observaçoens, sobre as quaes poderia ser muito extenso, se não omittisse muitas circumstancias, alias dignas de saber se, devo notar, que da ficada do Excellentissimo Antonio d'Araujo na Hollanda rezultou a continuação da amizade, e do Commercio daquelle Paiz, ainda nesse tempo tao feliz, quanto he hoje desgraçado, com Portugal; amizade que não foi interrompida, ou perturbada, senão por hum instante com o celebre Edital da Junta do Commercio, de que Vm^{cc.} necessariamente haõ de ter noticia, e de huma má intelligencia, que fez com que o nosso Ministerio ordenasse ao Excellentissimo Antonio d'Araujo, que sahisse da Hollanda, sem se despedir, e dahi a dois, ou tres dias, que se não retirasse, antes agradecesse ao Governo o que tinha praticado.

OBSERVAÇÃO 10.

O Governo Batavo parece que participou com anticipação ao Excellentissimo Antonio d'Araujo, ou este teve meios de o saber, que os Estados Geraes se hão brevemente converter em Assembleia Nacional; e que os Ministros Estrangeiros continuariaõ a sua residencia, se as suas respectivas Cortes o quizessem: fosse como fosse, o Excellentissimo Antonio d'Araujo participou-o immediatamente á nossa Corte; e esta ordenou-lhe que permanecesse naquelle lugar. O Governo Hollandez mostrou pela sua conducta dezejos de conservar amizade, paz, e harmonia com o Governo Portuguez.

OBSERVAÇÃO 11.

Aprezando os Francezes hum navio Portuguez, que ficara no gello, a sua carga, e mais fazendas Portuguezas, que se achavaõ em Hollanda, foi tudo comprado aos Francezes pelo Governo Batavo, e restituído, indemnizando-se a demora do Navio, mediante as incessantes, e urgentes requiziçoens do Excellentissimo Antonio d'Araujo.

OBSERVAÇÃO 12.

Eu não fallarei dos trabalhos, e perigos a que o Excellentissimo Antonio de Araujo se expoz para salvar a sua Patria de huma erupção; direi com tudo que o Publico saberá hum dia por documentos authenticos, que o projecto de Carnot, premeditando-se a expedição do Egipto, era primeiramente a conquista de Portugal, a fim de que as Inglezes não podessem fazer huma campanha maritima no Mediterraneo, não tendo entao onde se áprovisionarem

Por esta occasião o Excellentissimo Antonio de Araujo fez huma falla a Carnot, que equivalia a hum desafio, e que produzio bom effeito. O Publico, torno a dizer saberá tudo isto hum dia: entretanto este facto foi muito sabido em Paris, e ainda em Lisboa; e he impossivel que não chegasse ao conhecimento de L. Goldsmith, cuja obra tem tanto merecimento por desmascarar o mais malvado de todas as homens, Napoleao Bonaparte, como execração merece por atacar indignamente algumas pessoas, sem produzir hum unico facto, huma so prova.

Se eu não receara offender S. A. R. este Modelo Augusto de Bons Principes, e prejudicar talvez os interesses do mesmo Excellentissimo Antonio de Araujo, que está nas boas Graças de S. A. R. e a quem o mesmo Augusto Senhor tem condecorado de hum modo tão distincto, e honroso, como para o vingar dos insultos, e das calumnias dos seus inimigos; eu poderia fallar da conducta do Excellentissimo Antonio de Araujo posterior ao anno de 1797, e produzir mil provas em abono da sua honra*;

* As reflexões que Vmces fazem a este respeito na resposta, que se dignaraõ dar-me, parecem-me muito Sensatas. Com effeito entre nos ninguem tem direito de julgar os Ministros d'Estado, senão o Soberano; nem eu concebo, que se possa criminalar hum Ministro d'Estado em Portugal, sem atacar o mesmo Soberano: porque tudo o que o Ministro faz he, pelo menos suppoem-se ser por ordem do Principe, por sua vontade, e com conhecimento de cauza.

Os Ministros em Inglaterra, pe'o contrario, respondem por tudo, e o Rey por nada. Quando pois se vê que S. A. R. conserva na sua Graça o Excellentissimo Antonio d'Araujo, que lhe conserva o maior emprego da Monarquia, que he o de Conselheiro d'Estado, e a maior distincção, que he a de Graõ-Cruz he evidente, que S. A. R. está seguro da sua honra, da sua fidelidade, e das suas luzes. Desgraçadamente isto não basta nestes tempos calamitozos, em que não ha senão intrigas, odios, calumnias, e ate huma liberdade de escrever que passa a licença, em Portugal, onde se tem deixado imprimir escritos vergonhozos que não tem feito mais que excitar divisoens, e injustiças, e que serviraõ de eterno desdoiro para a Nação, ou pelo menos para o Tribunal que lhes tem dado a permissão de se imprimir, e vender.

mas o meu objecto foi somente mostrar como ja disse, que o Author da Historia Geral da invazão dos Francezes em Portugal, ou não tinha noçoens exactas quando fallou do Tractado de Paz concluido em Paris pelo Excellētissimo Antonio de Araujo, ou não foi sincero; e que o Redactor do Correio Braziliense, ainda que mais bem informado a alguns respeitoes, não o estava em tudo, e não tem razão em chamar criminoza a ficada do Excellētissimo Antonio de Araujo na Hollanda, quando o infeliz Principe de Orange se retirou.

Espero pois da sua imparcialidade, e do seo conhecido amor pela verdade, qualidades sem as quaes todo o escriptor publico merece o odio das seos contemporaneos, e terá a execração das Vindoiros, que se dignem pôr no seu excellentē Jornal estas observaçoens, que a ninguem podem offender, senão aos inimigos da verdade, e da justiça: observaçoens que eu não faria, se, como disse, aqui não apparecesse a tradueção de Goldsmith, escriptor tao abominavel quando calumnia; como benemerito, quando desmascara o emblema de todas os crimes, como Vm^{tes}. chamao, e com justiça, a Napoleao Bonaparte.

Eu sou Senhores com muito particular consideração,

De Vm^{tes}.

Venerador attento, e muito admirador

Manoel Pereira de Faria.

Nos não conhecemos pessoalmente o Author desta Carta: inserindo-a em nosso Jornal, comprimos o que solemnemente promettemos no 6. No. pag. 243. Se ella pode concorrer de algum modo para justificar a conducta do Excellētissimo Antonio d'Araujo e fazer callar seos inimigos, nos o estimamos infinito; porque, repetindo o que ja dissemos no citado No. 6. do nosso Jornal—"Os Redactores estimaõ, e aproveitarão sempre com mui particular, e vivo interesse toda a occasião de confirmar a justa opiniaõ dos Vassallos Portuguezes, que estaõ nas boas Graças do Soberano." O que não queremos, nem jamais faremos, he servir intrigas: deixamos essa vil tarefa a outros, que achão nisso o seu prazer, e o seu interesse. Nos rogamos aos nossos Leitores, que tornem a ler com attenção

tudo o que na citada pagina, e na seguinte do No. 6. dissemos. Se os nossos inimigos a tivessem lido com a reflexão que ella merece; e conservassem ainda alguns restos de probidade (que certamente não tem), não terião feimado em accuzar d'ingratidaõ a hum dos Redactores, que he incapaz de praticar acçoens infames, e para quem a ingratidaõ he o mais infame de todos os vicios.

Nos recebemos dois preciosos manuscriptos a saber o *Testamento Politico* do Grande D. Luis da Cunha, nosso Embaixador em França, onde morreo; e a *Propozicão* feita nas cortes celebradas em 1653 diante da Magestade do Senhor Rey D. João IV., pelo sabio, e virtuozo D. Manoel da Cunha Bispo d'Elvas, e nomeado Arcebispo de Lisboa. Nos vamos inserir esta; e nos seguintes Nos. daremos aos nossos Leitores aquelle manuscripto, que he de summa instrucção, e importancia.

A multiplicidade de artigos que temos tido para inserir na parte—*Correspondencia* do nosso Jornal, nos tem impossibilitado de continuar com as interessantes Cartas de Alexandre de Gosmaõ, o que faremos nos seguintes Nos. e com tanto melhor vontade, quanto sabemos, que aquellas que temos publicado, tem merecido a geral approvação dos nossos Leitores, não só pelo seu excellento estilo; mas taobem pelos sentimentos moraes, e politicos que ellas encerraõ: e em publicaçoens taes julgamos fazer hum importante serviço á literatura Portugueza, e aos amantes della.

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

JULHO de 1812.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA.

*Indagaçoens Christans na Azia; e Noticia da Tradução das
Escripturas nas Lingoas Orientaes. Pelo Reverendo Claudio
Buchanan.*

No anno de 1800 se fundou em Bengala hum estabelecimento chamado o Collegio de Fort-William, cujo fim principal era fazer a tradução da Biblia nas lingoas Orientaes, para promover o Christianismo. Este

Collegio floreceo por espaço de sete annos, em cujo periodo deo a luz quasi cem volumes de literatura Oriental. Foi debaixo dos venturosos auspicios do Marquez de Wellesley, entãõ governador da India, que elle fez tam brilhantes progressos ; e não obstante ter decahido hum pouco depois d'essa epocha, os Superintendentes do Collegio de Fort-William rezolverãõ-se a proseguir no mesmo plano de instruçãõ ; e para examinar o estado do Christianismo, na Azia, e obter huma idea exacta das Superstiçoens e Idolatria daquelle paiz, entraraõ em correspondencia com pessoas intelligentes daquellas partes do mundo. Mas como se recebessem noticias contradictorias a este respeito, sobre tudo nos Estados da India, o Author desta celebrada obra, de que ja em tam breve tempo se tem publicado até quinta edijaõ, concebeo o projecto de empregar os dous ultimos annos da sua residencia no Oriente, em exame e investigaçãõ local. Para este fim, viajou pela Peninsula da India por terra, desde Calcuttã ate ao Cabo Comorin, vezitou Ceylaõ tres vezes, e descobrio não mui tarde que huma pessoa pode rezidir toda a vida em Bengala, e saber tam pouco dos outros paizes da India, das suas maneiras costumes, habitos, e Religiaõ, como se nunca tivesse sahido da Europa. O principal objecto desta viagem, foi investigar o estado de Superstiçaõ nos mais celebres templos do Hindostan ; examinar as Igrejas e Livrarias dos Christaõs Romapos, Syrios e Protestantes ; determinar o presente estado e historia recente dos Judeos no oriente ; e descobrir que pessoas seriaõ aptos instrumentos para promover a instruçãõ nos seos respectivos paizes, e manter huma futura correspondencia para dissiminar a Escriptura na India. Com estas vistas, o author vizitou Cuttack, Ganjaõ, Vizagapataõ, Samalcattã, Rajamandry, Ellor, Ongol, Nellor, Madras, Meliapor, Pondechery, Guadalor, Tranquebar, Tanjor, Tritchinopoly, Aughoor, Madurã, Palamcottã, Ramnad, Jafnapataõ, Columbo, Manaar, Tutecorin, Augengo, Guilon, Cochin, Cranganor, Verapoli, Calecut, Tellichery, Goa, costa Pirata, e outros lugares entre Cabo Comorin e Bombaia ; o interior de Travancor e Malabar, assim como

os sete principaes templos do Hindostan, a saber, Semachalum no paiz de Tellinga, Chillumbrum, Seringhaõ, Madurá, Ramisseraõ, Elephanta, e Juggernot.

O author começa por observar, que na promulgaçaõ do Christianismo, alguns escriptores limitaraõ somente as suas vistas á India, pelas suas connexoens politicas com a Graã-Bretanha. “Com tudo a India,” dis elle, “contem so huma pequena parte das naçoens que buscaõ a revelaçãõ de Deus. O Archipelago Malayo inclue mais territorio e maior populaçaõ que o Continente da India. A China he campo ainda muito mais extenso, e a muitos respeitoes mais importante. A Igreja Romana manteve hum longo e inutil conflicto com aquelle imperio porque, nunca pensou em dar-lhe o verdadeiro presente, que era a Biblia bem traduzida nas lingoas Orientaes; e por descuido de seos agentes veio a doutrina da Cruz a misturar-se com os ritos Paçaõs.

Deixemos a historia das traduçoens da Biblia em lingoa Chinezã, que o Collegio de Fort-William em Bengalla conseguiu fazer depois de muito trabalho, e indagaçaõ; e sigamos o author n’alguma das suas peregrinagens. Eis aqui o diario da sua viagem ao templo de Juggernot em Orissa no anno de 1806.

Buddruck em Orissa, 30 de Maio, 1806.

“Nos sabemos que nos approximamos de Juggernot, (e distamos com tudo mais de cincoenta milhas) pelos ossos humanos de que temos visto juncados os caminhos por espaço de alguns dias. Neste lugar se juntaraõ com nosco varios e grandes corpos de peregrinos, talvez 2000 em numero, vindos de varias partes da India septentrional. Alguns d’elles, com quem tenho conversado, dizem que estaõ em marcha a dous mezes, caminhando lentamente na mais calida estaçaõ do anno, com suas mulheres e creanças. Ha entre elles pessoas velhas que dezejaõ morrer em Juggernot. Inumeraveis peregrinos morrem no caminho, e em geral os seos corpos ficaõ por enterrar. N’huma planicie as bordas do rio, perto da Caravansara ou pouzada dos Perigrinos neste lugar, ha mais de cem caveiras. Os caens, *jackals*, e abutres parece aqui viverem de preza humana. Os abutres mostraõ huma *chocante* mansidaõ. Os animaes obscenos

nao largao o cadaver sem que as pessoas se cheguem de mui perto. Este Buddruck he hum horrido lugar. Seguramente Juggernot nao pode ser peor que Buddruck.

“ *A vista de Juggernot, 12 de Junho, 1806.* ”

“ Milhares de peregrinos nos acompanharaõ por estes dias. Elles cobrem a estrada adiante e atraz alem do alcance de vista. Esta manham as nove horas, o templo de Juggernot appareceo aos olhos, a huma grande distancia. Logo que a multidaõ o vio, rompeo n’huma gritaria, lançou-se por terra, e adorou. Nada ouvi hoje senao gritos e acelamaçoens pelos corpos successivos de peregrinos. Do lugar onde estou agora, devizo huma hoste de gente como hum exercito postado a porta exterior da cidade de Juggernot: onde está postada huma guarda de soldados para prevenir a entrada da cidade, sem que se pague primeiro a taxa de peregrinagem.—Passei hoje por hum devoto, que a cada passo se lançava por terra, medindo o caminho para Juggernot *com o proprio corpo*, como hum castigo meritorio para agradar ao Deus.”

“ *Porta exterior de Juggernot.* ”

“ Acaba de occorrer hum dezastrre.—Ao tempo que me approximava á porta, os peregrinos se atropellaraõ de toda a parte a roda de mim, como soiaõ fazer, quando passava por elles na estrada em signal de saudaçaõ e respeito. Assustei-me hum pouco com o seu numero, e olhei a roda pela minha guarda. Huma guarda de soldados me tinha acompanhado desde Cuttack, ultima paragem militar, mas ella estava hum quarto de milha atraz com os meos creados e baggagem. Os peregrinos clamavaõ que tinhaõ direito a concessõens algumas, pois que eraõ pobres e nao podiaõ pagar taxas; mas eu nao desconfiava dos seos designios. Neste momento, estando poucas varas da porta, hum velho Sanyasse (ou hum homem santo) que veio por alguns dias sempre ao lado do meu cavallo, chegou-se perto de mim, e disse, “ Senhor, voõ estais

em perigo ; o povo vai entrar de tropel pela porta, logo que ella se abrir para voz. Immediatamente me desmontei ; e tentei desviar-me para hum lado ; mas era ja tarde. A chusma estava ja em movimento, e com grito tumultuoso carregava violentamente para a porta. O guarda de dentro vendo o meu perigo abrio-a, e a multidão correndo por ella em tropel, me empuchou na torrente por consideravel espaço, de maneira que eu fui literalmente levado a Juggernot pelos mesmos Hindoos. Seguiu-se huma scena calamitosa. Como o numero e a força da multidão crescia, o caminho estreito foi atulhado pela massa do povo ; e reciei que muitas pessoas fossem soffocadas, ou esmagadas e mortas. O meu cavallo estava ainda entre elles. Mas subitamente hum dos pillares da porta, que era de pau, deo de si, e cahio por terra. Esta circumstancia talvez prevenio a perda de muitas vidas. Deo-se parte immediatamente deste acontecimento a Mr. Hunter, superintendente do templo, que veio ali ter, e mandou huma guarda addicional para a porta interior, receando que o povo forçasse tambem aquella ; porquanto a cidade de Juggernot tem huma porta exterior e outra interior ; mas ambas ellas são levemente construidas. Mr. Hunter disse-me que semilhantes accidentes occorrem muitas vezes, e que muitos morrem esmagados pelo aperto da multidão. Elle acrescentou, que muitas vezes hum corpo de peregrinos (constando principalmente de mulheres, creanças, e velhos) fiado na força physica da sua massa, faz huma carga, como elles lhe chamao, sobre as guardas armadas, e as supplantaõ nao querendo ellas, em taes circumstancias oppor as suas bayonetas.”

“Juggernot, 14 de Junho, 1806.

“Vi Juggernot. A scena de Buddruck he so o vestibulo de Juggernot. Os annaes tanto d’antiga como da historia moderna, nao podem dar, segundo penso, huma idea adequada deste valle de morte, que se pode mui bem comparar ao valle de Hinnon.” “O Idolo chamado Juggernot tem se considerado como o Moloch do tempo presente : e com razão se lhe da este nome, porquanto os sacrificios, que lhe offerece huma voluntaria devoção, são igualmente criminaes,

e não menos numerosos talvez, que os que se fazião ao Moloch de Canaan. Dous Idolos mais acompanhão Juggernot, a saber, Bolorão, e Xubudra, seu irmão e irmã: são tres as Divindades que aqui se venerão. Ellas recebem igual adoração e se assentão em thronos de quasi igual altura.”

“Esta manhaõ visitei o templo, fabrica estupenda, e realmente proporcional ao extenso poder deste *horrido rei*. Como os outros templos são uzualmente adornados com figuras emblematicas da sua religião, assim Juggernot tem representaçoens (numerosas e variadas) daquelle vicio, que constitue a essencia do seu culto. As paredes e portas são cobertas de indecentes emblemas, em escultura massica e duravel. — Eu tenho tambem vizitado os areaes junto ao mar, que n’alguns lugares alvejaõ com ossos de peregrinos, e outro lugar hum pouco fora da cidade, chamado pelos Inglezes Golgotha, onde se lançaõ uzualmente os cadaveres e onde se ve sempre quantidade de caens e abutres*.

A grande festa chamada *Rutt Jattrá* tem lugar aos 18 do corrente, em que o idolo he trazido perante o povo. Eu estou aqui residindo em caza de James Hunter, collector de Companhia das taxas sobre os peregrinos, e superintendento do Templo, estudante em outro tempo do Collegio de Fort-William, onde fez progressos nas lingoas orientaes. Mr. Hunter he de polidas maneiras e de hum gosto classico; hospedarão-me tambem o Capitão Patton, e Tenente Woodcock, commandante da força militar. A sua agradavel sociedade he de consolação para o meu espirito no meio das presentes scenas. Eu fui surpreendido de ver o pouco que elles parecião mover-se ás scenas de Juggernot. Elles disserão, que estavaõ tam acostumados a velas que ja se lhes não dava. Tinhaõ quasi esquecido as suas primeiras impressoens. As suas

* Os abutres descobrem de ordinario a preza; e começão pelos intestinos, porque a carne do corpo he mui dura para os seus bicos, logo depois da morte. Mas os caens recebem depressa noticia desta circumstancia, vendo em geral os *Hurries*, (conductores dos cadaveres) voltar do sitio. A’ chegada dos caens, os abutres retiraõ-se hum pouco, e esperaõ que o corpo seja bastante dilacerado para facil deglutição. Os abutres e caens pateaõ juntos, e algumas vezes começão o seu ataque antes da peregrino estar morto. Vem-se ordinariamente quatro animaes differentes a roda do cadaver, a saber, o caõ, o jackal, o abutre, e a *Hurzeela* ou Ajudante, que *Penbar* chama, o Grou Gigantico.

cazas estão na costa do mar, quasi huma milha do templo. Elles não podem viver mais perto, em consequencia dos fetidos effluvios da cidade. Porque alem das enormidades da superstição, ha outras circumstancias que fazem Juggernot nociva em extremo. Os sentidos são assaltados pela esqualida e hedionda presença de esfaimados peregrinos, muitos dos quaes morrem a necessidade pelas ruas, em quanto os devotos com cabello empastado, e pintura nas carnes se vem praticando as suas diversas austeridades e modos de turtura em si mesmos. Pessoas de ambos os sexos, cuidando pouco em recatar-se, se assentão sobre a area á vista publica perto da cidade, e os *touros sagrados* passeão por entre ellas, e comem a *çujidade*.

A vizinhança de Juggernot ao mar previne talvez o contagio, que aliás seria produzido pelas putrefações do lugar.—Não ha verdura junto á Juggernot, para refrescar a vista. O templo e a cidade estão cercados de outeiros de area, que ali tem sido arrojada no lapso das idades pela regurgitação do oceano. Tudo quanto se apresenta aos olhos he esteril e desolado; e ouve-se continuamente o som nunca interrompido do mar bramidor.

Prezenciei huma scena de que nunca me esquecerei. Hoje, 18 de Junho, sendo o grande dia da festa, o Moloch do Hindostan foi tirado do templo para fora entre as aclamações de centos de milhares de seus adoradores. Quando se poz o idolo sobre o seu throno, levantou-se hum grito pela multidão, tal como eu nunca dantes ouvira. Durou por alguns minutos, e foi-se gradualmente extinguindo. Depois de hum pequeno intervallo de silencio, ouviu-se hum burborinho ao longe; todos os olhos se voltarão para aquelle lugar, e virão avançar-se hum *bosque*. Hum corpo de homens trazendo ramos verdes, ou palmeiras nas mãos, se approximarão com grande celeridade. O povo abriu caminho para elles, e chegados ao pé do throno se prostrarão diante do que estava sentado sobre elle e o adorarão. Tornou a multidão a erguer huma vozaria semelhante ao estrepito do trovão.—Os sons porem que eu ouvia, não erao de melodiosa, ou festiva aclamação. Não tem harmonia os louvores dados no culto de Moloch. A sua variedade fez me lembrar da multidão innumeravel das Revelações, mas aquellas vozes não produziao cadentes Hosannas ou Hal-

leuias; mas sim hum guincho de approvaçãõ, unido a huma especie de *sibilante* applauso.

Eu não podia explicar este ultimo accento, ate que se me disse que reparasse nas mulheres, que derramavaõ hum som como de *assobio* com os beiços circulares e a lingua vibrando: como se huma serpente fallasse pelos seus orgaos, expremindo sons humanos.

O throno do idolo estava posto n'hum estupendo carro ou torre 60 pez de altura, com rodas que se cravavaõ profundamente no chaõ, a proporçãõ que giravaõ do baixo daquella maquina ponderosa. Seis amarras como de navio, estavaõ a ella prezas, pelas quaes o povo a tirava. Milhares de homens, mulheres, e creanças puxavaõ por cada amarra, atropelando-se tam apertadamente, que alguns so com huma maõ lhe chegavaõ. Meninos se fazem exercitar seu vigor nesta tarefa, pois se julga açãõ meritoria mover o deus. Sobre a torre estavaõ os sacerdotes e satellites do idolo, cercando o throno. Ouvi que eraõ quasi 120 pessoas as que hiaõ sobre o carro. O idolo he de madeira, tendo hum semblante horrendo pintado de negro, e a boca prolongada e cor de sangue. Seus braços saõ de ouro, e elle está vestido com apparato esplendido. Os outros dous idolos saõ de cor branca e amarella.—Cinco elephantes precediaõ as tres torres trazendo elevadas bandeiras, ajaezados com gualdrapas carmezim, de que pendiaõ guizos que soavaõ muzicamente, a medida que elles se moviao.

Eu fui na procissãõ junto a torre de Moloch, que sendo tirada com difficuldade, fazia hum estrondo com as suas muitas rodas, que se assemelhava ao trovaõ. Passados alguns minutos parou, e deo-se principio logo ao culto do Deus.—Hum pontifice subio ao carro de frente do idolo, e proferio as suas obscenas estanças aos ouvidos do povo, que respondia aos intervallos na mesma cantilena. “Estes cantos,” disse elle, “saõ o deleite do Deus. Seu carro so pode mover se, quando elle gosta do canto.” O carro moveo-se hum pouco mais, e parou logo. Hum rapaz de douze annos foi entãõ trazido para tentar alguma couza mais lasciva, se por acaso q Deus se movesse. O pequeno exprinio o louvor do seu idolo de huma maneira e gestos tam ardentes, que o Deus gostou, e a multidãõ derramando hum guincho de sensual deleite, empuxou o carro mais longe. Depois de alguns minutos tornou a parar. Entãõ hum ministro idoso do idolo se levantou, e com huma vara na maõ, que elle movia de huma maneira indecente, completou a variedade desta abor-

recida scena.—Confesso que senti remorsos em prezencia-la. Tambem me aterrou hum pouco a magnitude e horror do espetaculo. Senti-me como hum culpado em quem todos tem os olhos fitos; e estava quasi a retirar-me. Mas huma scena de diversa especie se hia apresentar. As characteristics do culto de Moloch saõ a obscenidade e o sangue. Nos tinhamos visto a primeira. Era chegado o sangue.

Depois que a torre caminhou por algum espaço, hum peregrino annunciou que elle estava prompto a offerecer-se em sacrificio ao idolo. Estendeo-se portanto na estrada por onde a torre havia de passar, ficando deitado debruços e os braços estendidos para diante. A multidão passou a roda d'elle, dezenpedindo a passagem. Elle entao foi esborrachado do baixo das rodas da torre. Hum grito de alegria se ergueo ate ao Deus. Dis-se que elle *surri*, quando se faz libação de sangue. O povo lançou *couries* ou pequenas moedas sobre o corpo da victima, em signal de approvaçãõ daquelle obra. Elle foi deixado a vista por tempo consideravel, e depois levado pelos *Hurries* para Golgotha onde acabo de ver os seos restos. Eu quizera que os Proprietarios dos fundos da Companhia da India, acompanhassem as rodas de Juggernot, e vissem a nascente particular das suas rendas!

“ Juggernot, 20 de Junho, 1806,

“ Moloch, horrido rei, cujo do sangue
De humanos sacrificios, e do pranto
Paterno—

MILTON.

“ As horridas solemnidades ainda continuoã.—Hontem huma mulher se sacrificou ao idolo. Ella se estendeo no caminho n'huma direçaõ obliqua, para que a roda a naõ matasse instantaneamente, como de ordinario acontecia; mas ella morreo em poucas horas. Esta manha passei pelo lugar das caveiras, nada existia d'ella senao ossos.

E este, pensava eu, he o culto dos Brahmines do Hindostan, e o seu culto no mais sublime grao! Que pensaremos nos das suas maneiras particulares, e dos seos principios mo-

raes! Porque na India he como na Europa. Se dezessem conhecer o estado do povo, olhai para o estado do templo. Fiquei suprendido de ver os Bramines com a cabeça descoberta prostrar-se na planicie ante a horrida figura, no meio dos *Sooders*, e misturar-se complacientemente com esta poluta casta. Mas isto provava o que eu tinha ouvido, que este Deus he tam grande que a dignidade das mais altas classes dezaparece diante d'elle. Este grande rei não reconhece distincões e differenças entre os seus vassallos, todos os homens são iguaes na sua presença.

“As precissoens idolatras ainda continuão por alguns dias, mas os meos espiritos estão exauridos pela constante vista destas enormidades, de maneira que intento sahir deste lugar mais cedo que imaginava. Vi outra calamitosa scena esta manhã no lugar das caveiras;—huma pobre mulher jazendo morta ou quasi morta, e duas creanças junto d’ella, olhando para os caens e abutres, que estavam proximos. A gente passava sem dar fé das creanças. Eu perguntei-lhes, onde era a sua caza, disserão que não tinham caza, que estavam onde sua mãe estava.—Oh não ha piedade em Juggernot, não ha compaixão, nem misericordia no reino de Moloch. Aquelles que sustentão o seu reino, errão, creio eu, por ignorancia. Não sabem o que fazem.

“O numero dos adoradores que aqui se ajuntão por este tempo não pode exactamente calcular-se. Os naturaes falando deste concurso dizem que huma falta de 100,000 pessoas não se perceberia. Perguntei a hum Bramine quantos soppunha elle presentes nas mais numerosas festividades. Como posso eu dizer, replicou elle, “quantos graõs ha n’hum punhado de area?”

Chilka, 24 de Junho.

“Eu senti o meu espirito aliviado e satisfeito quando me vi fora dos limites de Juggernot. Certamente eu não estava preparado para aquella scena. Mas quem a não vio, não pode fazer idea d’ella.—De huma eminencia, sobre as bordas agradaveis do lago de Chilka, (onde se não vem ossos humanos) eu vi a huma grande distancia a levantada torre de Juggernot, e em quanto a olhava, as suas abominações occorrerão no meu espirito. Era hum sabado pela manhã.

Meditando sobre o vasto, e extenso imperio de Moloch no mundo pagão, eu amava em meos pensamentos o projecto de algum Instituto Christão, que sendo nutrido pela Grã-Bretanha, meu paiz Christão, gradualmente proscrevesse esta desgraçada idolatria, e para sempre extinguisse a sua memoria.”

O idolo de Juggernot mais devorante que o de Baal, ou que o velho Saturno, não somente se nutre do sangue de seos filhos, mas he lhes de pezo enorme pelas immensas taxas que requer o seu culto. A lista das suas annuaes despezas, apresentada ao Governo Inglez em Bengala, monta a 69,616 rupias. O author observa com pezar esta imposição de taxas sobre os romeiros de Juggernot pelo Governo Britanico, que o Marquez de Wellesley tinha abolido na sua administração, governando a Índia. Orissa nao he so templo de Juggernot; as suas abominaçoens e idolatria se estendem por todo o paiz de Bengala, ate as vizinhanças de Calcutta. Moloch tem por toda a parte ali templos; e o sangue das suas victimas he derramado as portas mesmo dos Inglezes, quasi a vista do governo supremo. Aquella bella e fertil provincia chamada “o jardim das naçoens” junto a Ixera, que fora residencia do Governador Hastings, he hum templo deste idolo, dos não menos manchados de sangue humano.

Os horrores do paganiſmo não se limitão so a effusão do sangue. O sacrificio das mulheres que annualmente se queimaõ, o infantecidio das creanças femeas practicado como observancia religiosa, não menos infamaõ aquelle paiz idolatra. Entre as tribus chamadas Tarejas, nas provincias de Cutch e Guzarate, no oeste da India, o costume de matar as femeas que nadem he mais predominante. “A may he de ordinario o algoz da sua propria creança. As mulheres das classes distinctas tem servos ou escravos, para executar este officio, mas a maior parte d’ellas o executão por suas proprias mãos. O modo ordina-

rio de fazer esta operação, he por na boca da creança, immediatamente depois da nacença, algum *opio*, ou tapar-lha com o cordão umbilical, o que impede a respiração. A morte de tam tenra e recente creatura não he difficil, e he effectuada sem a mais pequena palpitacão do seio materno! O Cor. Walker estando na India, perguntou a *Dadaji* Chefe de Raikut como se matavaõ as creanças, ao que elle respondeo emphaticamente." E que difficuldade pode haver em esmagar huma flor? Esta atrocidade he repetida diariamente desde tempo immemorial; pois que ja os historiadores Gregos e Romanos a mencionão; o numero das victimas que foraõ assim sacrificadas so nestas duas provincias, pelo mais baixo computo, anda por tres mil annualmente. Não he menor a devastação das mulheres que são queimadas vivas. So nas vizinhanças de Calcutta, no espaço de seis mezes, se queimaraõ 115. A seguinte descripção darã huma idea das abominaveis circumstancias, que de ordinario acompanhaõ estes sacrificios.

Calcutta, 30 de Setembro de 1807.

"Reprezentou-se huma horrorosa tragedia, a 12 do corrente, junto a Barganore (huma Legoa de Calcutta.) Hum Brahmine Koolin de Cammar-katti, chamado Kristo Deb Mukerji, morreo na avançada idade de noventa e dous annos. Elle tinha doze mulheres, e tres d'ellas foraõ queimadas vivas com o seu cadaver. Huma d'ellas era huma Senhora veneranda, de cabellos brancos, conhecida havia muitos annos na vezinhança. Não podendo andar foi levada n'hum palanquin ao lugar do holocausto, e colocada pelos Brahmines sobre a pilha funeral. As outras duas eraõ mais moças, e huma d'ellas tinha huma physiognomia agradavel e interessante. A velha matrona foi colocada a hum lado de seu defunto marido, e as outras duas damas suas mulheres foraõ postas do outro lado. Entaõ hum velho Brahmine o filho mais velho do morto, applicou a sua toxa aceza á fogueira sem voltar o semblante. A fogueira ardeo rapidamente, sendo de materias mui combustiveis, e este sacrifi-

cio humano se concluiu nomeio do estrondo do cymbalos e tambores e aclamaçoens dos Brahmines.—

A extinçãõ deste uzo criminal e supersticiozo he necessaria, e deve ser objecto de serias consideraçoens. Se as vistas salutaes e philantropicas do Marquez de Wellesly se tivessem plenamente executado; a estas horas o sacrificio das mulheres na India estaria acabado, assim como, em virtude do seu zelo pela humanidade, cessou o Infanticidio. Depois de dar hum esboço das superstiçoens do Paganismo na India—

Tristius haud illis monstrum, nec sævior ulla
Pestis et ira Deum Stygiis sese extulit undis.

VIRG.

Passa o author a tractar da Inquisiçaõ de Goa. Eis aqui como elle começa a dar-nos huma idea daquelle estabelecimento. “Em todos os tempos da Igreja de Roma,” diz elle, “tem havido individuos de exclarecida piedade, que derivaraõ a sua religiaõ das doutrinas da Biblia, e não dos mandamentos dos homens. Ha hoje na India e na Inglaterra membros daquella communhaõ, que merecem o affecto e respeito de todos os homens bons, e cujo espirito cultivado accuzará os abuzos da sua propria religiaõ, com mais severidade que o author que os vai descrever. He na verdade doloroso dizer couzas que pareçaõ dezabridas a espiritos nobres e sensiveis, mas elles teraõ o prazer de que a verdade não he sacrificada a respeitos pessoases, ou a falsa candura.

“Vemos actualmente a Religiaõ Romana sem dominio na Europa; e he por isso olhada pelo mero philosopho com indiferença, ou desprezo. Elle gosta de ver que se tem removido as *sete cabeças e os dez cornos*; e nada pensa dos *nomes da Blasphemia*. Mas nas seguintes paginas se verá o que he Roma tendo dominio e possuindo o dentro dos limites do imperio Britanico. Passando pelas provincias Romanas, o author posto que tivesse ouvido fallar muito dos defeitos da corte de Roma, não esperava de certo ver o Christianismo, na degradaçaõ em que o achou. Dos Ecclesiasticos pode dizer-se, que em geral conhecem mais o Yeda de Brahma, que o Evangelho de Christo. Em

alguns lugares as doutrinas estão confundidas. Em Aughor elle vezitou huma Igreja Christam (em Outubro de 1806) e vio junto d'ella huma torre de Jugger-not, que se emprega em solemnidades Christians. Vezitando a Igreja, achou sobre o altar hum volume que abrio, e com bastante surpresa vio que era em Syriaco, e pertencia, como lhe informara Ecceziastico que o acompanhava, ao serviço daquella Igreja, chamada Syro-Romana.—Assim pela intervenção do Poder Romano, ou da sua influencia, dis o author, as ceremonias de Moloch são celebradas na lingua Syriaca. Que pezada responsabilidade não cahe sobre os agentes de Roma, por ter deixado corromper a pureza da Igreja antiga!"

Em quanto via estas corrupçoens do Christianismo nos differentes lugares, e em differentes formas, o author se referia sempre a Inquizição de Goa, que suppunha ser a sua nascente principal; e rezolveo-se portanto a vizitar Goa, para examinar os objectos seguintes.

1. Determinar, se a Inquizição recuzava actualmente reconhecer a Biblia entre as Igrejas Romanas nos Estados da India pertencentes á Grã-Bretanha.
2. Indagar o estado e jurisdicção da Inquizição, sobre tudo no que dis respeito a vassallos Britanicos.
3. Inquerir que systema de educação seguiaõ os Ecceziasticos Catholicos, e
4. Examinar as livrarias da Igreja antiga de Goa, que se dizia conterem todos os livros da primeira impressão.

Transcreveremos neste lugar o seu diario. Elle ouvira, que este tribunal, tam conhecido outrora pelas suas fogueiras, obrava ainda agora, posto que debaixo de algumas restricçoens relativas aos seus procedimentos *publicos*, e que o seu poder se extendia até aos confins do Indostan. Parecerá extranho, que no estado actual de civilização entre naçoens Europeas Christians, exista huma Inquizição debaixo das suas authoridades; mas que hum tribunal desta natureza exista debaixo da tolerancia e apoio do Governo Britanico; entre Christaõs vassallos do imperio Britanico, e habitantes de territorio Britanico, parece factó

apenas crível, mas como verdadeiro requer a mais publica e solemne exposição.

GOA, CONVENTO DOS AGOSTINHOS.

Jan. 23 de 1808.

“ Na minha chegada a Goa, fui recebido em caza do Capitão Schuyler, Residente Britanico. A força Britanica he aqui commandada pelo Cor. Adams, do Regimento 78 de sua Magestade, que eu conhecia de Bengala*. No outro dia fui introduzido por estes Senhores ao Vice-Rei de Goa, o Conde de Cabral. Expuz a sua Excellencia o dezejo que tinha de hir pelo rio acima até Goa a Velha † (onde esta a Inquizição) a que elle civilmente accedeo. O Major Pereira, do estabelecimento Portuguez, que estava presente, e para quem tinha levado cartas de recommendação de Bengala, se offereceo para me acompanhar á cidade, e introduzir-me ao Arcebispo de Goa, o Primaz do Oriente.

“ Eu tinha communicado ao Cor. Adams; e ao Residente Britanico, o meu projecto de indagar o estado da Inquizição. Elles me disserão, que eu não poderia facilmente executar meu designio; pois que tudo o que pertencia a Inquizição, era conduzido em segredo; e o mais respeitavel dos seculares Portuguezes ignorava mesmo os seus procedimentos, e que se os Ecclziasticos descobrissem as minhas intenoens, o seu grande ciume e receio preveniria a sua communicação comigo, e não me deixaria satisfazer as minhas indagaçoens sobre objecto qualquer.

“ Ouvindo isto, precebi ser indispensavel obrar com cautela. De facto, ou tinha a vizitar huma republica de Sacerdotes, cujo dominio, existira por quasi tres seculos; cujo departamento era proseguir hereges, e particularmente mestres de herezia; e de cuja authoridade e sentenças não havia apelação na India.

“ Acconteceo que o Tenente Kempthorne, Commandante

* Os fortes do molhe de Goa, estavaõ occupados por tropas Britanicas, (dous regimentos do Rei, e dous de infantaria do paiz,) par evitar a sua queda nas mãos dos Francezes.

† Ha Goa Velha e Nova. A velha he quasi oito milhas pelo rio acima. O Vice-Rei, e os principaes habitantes Portuguezes residem em Goa a Nova, que está na boca do rio, dentro das fortes do molhe. A cidade velha, onde esta a Inquizição e as Igrejas, está quasi dezerta de Portuguezes Seculares, e he unicamente habitada por ecclziasticos. A insalubridade do sitio, e ascendencia do clero, saõ as cauzas assignadas de se abandonar a antiga cidade.

do brig Diana, de sua Magestade, meu remoto parente, estava neste tempo no molhe. Dizendo-lhe que pertendia vizitar Goa a Velha, elle se offerceo para acompanhar-me; assim como o Capitão Stirling do regimento 84 de Sua Magestade, que esta agora estacionado nos fortes.

“Fomos pelo rio acima no batel do Rezidente Britanico, acompanhados do Major Pereira, que nos podia informar a respeito de circumstancias locais, havendo trinta annos que ali rezidia. D'elle sube que havia para cima de duzentas Igrejas e Capellas na provincia de Goa, e para cima de dous mil sacerdotes.

“Chegamos a cidade passado meio dia; todas as Igrejas estavam fechadas, e disserão-nos que so se abrião ás duas horas. Eu disse ao Major Pereira que pertendia demorar-me alguns dias em Goa a velha, e que lhe ficaria obrigado se me procurasse huma caza para dormir. Elle ficou admirado desta proposição, e observou-me que era difficil obter huma recepção em qualquer das Igrejas ou Conventos, e que não havia cazas particulares onde podesse ser admittido. Respondi que eu podia dormir fosse onde fosse; trazia dous creados comigo e huma cama de viajar. Quando elle vio que eu fallava serio, deo ordens a hum official para apromptar hum quarto n'humas cazas que a muito se não habitavao, e serviao so de armazem. As circumstancias neste tempo apresentavao hum sombrio aspecto, e eu estava na idea de voltar com meos companheiros deste lugar inhospito*. Entretanto sentamo nos em o quarto que mencionei para tomar algum refresco, em quanto a Major Pereira foi ver alguns dos seus amigos. Durante este intervallo, eu communiquei ao Tenente Kempthorne o objecto da minha visita†. Eu tinha na minha algibeira “A noticia da Inquizição de Goa,”

* Eu fui informado que o Vice-Rey de Goa não tem authoridade sobre a Inquizição, e que elle mesmo está sujeito a sua censura. O mesmo Governo Britanico, cazo de fazer alguma representação ao Governo Portuguez em Goa contra a Inquizição, não obteria dazagravo. Pelo instituto da Inquizição, não ha poder na India, que possa entrar na sua jurisdicção, nem mesmo fazer lhe pergunta alguma a qualquer respeito.

† Nos entramos na cidade pela porta do palacio, sobre a qual esta a estatua de Vasco da Gama, que abriu primeiro a India as vistas da Europa. Eu tinha visto em Calecut, poucas semanas antes as ruinas do palacio de Samorin, em que Vasco da Gama fora primeiro recebido. O Samorin foi o primeiro Principe nativo, a quem os Europeos fizerao guerra. O imperio de Samorin passou, passou o imperio de seus conquistadores; e agora o imperio Britanico exerce o seu dominio. Possa o imperio Britanico preparar-se para dar huma boa conta da sua superintendencia, quando se lhe disser, tu não podese ser mais superintendente.

por Dellon*, e mencionei alguns particulares. Em quanto, nos estavamos conversando sobre isto, o grande sino começou a dobrar, o mesmo que sempre se toca antes de amanhecer nas manhãs de Auto do Fé, como observa Dellon. Eu não fiz pergunta alguma a cerca da Inquisição a ninguém; mas Mr. Kempthorne felas por mim: e depressa achou que a Santa Caza, ou Santo Officio era junto a caza, onde estavamos sentados. Elle e outro official Inglez que vinha comigo, correrão a Janella para ver aquella temida habitação, e eu vi a indignação de homens livres e esclarecidos brillar nas faces dos dous officiaes Britanicos, em quanto contemplavão hum lugar, onde outrora seos proprios concidadaons tinhão sido condemnados as chamas, e em que elles mesmos podião agora ser lançados sem possibilidade de livramento.

“As duas horas sahimos para ver as Igrejas, que se abrião entao para o serviço da tarde; e os sinos começavão a assaltaros ouvidos de toda a parte.

“A magnificencia das Igrejas de Goa excedeo toda a idea que formava de previas descripçoens. Goa he propriamente a cidade das Igrejas, e parece que a riqueza das provincias se tem gasto na sua ereção. As amostras de architectura antiga neste lugar excedem tudo o que se tem feito de semelhante nas outras partes do Oriente em tempos modernos, tanto em grandeza, como em gosto. A capella do Palacio he edificada segundo o plano de S. Pedro em Roma, e dis-se ser hum exacto modello daquella incomparavel architectura. A Igreja de S. Domingos, fundador da Inquisição, he decorada com pinturas dos mestres da Italia. S. Francisco Xavier jas encerrado em hum bello monumento de arte, e o seu caixão he marchetado de prata e pedras preciozas. A Cathedral de Goa he digna de huma das principaes cidades da Europa! e a Igreja, e Convento dos Agostinhos, onde rezido he hum nobre edificio situado sobre huma eminencia, e faz de longe huma vista magnifica.

“O dia estava acabado, e meos companheiros hião deixarme. Eu considerava entanto se voltaria com elles quando o Major Pereira me disse que me queria intróduzir a hum ecclesiastico de alta esphera, e hum dos homens mais instruido daquelle lugar. Fomos por conseguinte ao Convento dos Agostinhos, onde fui apresentado á hum ecclesiastico

* Monsieur Dellon, medico, esteve prezo nos carceres da Inquisição em Goa pelo espaço de dous annos, e sabio nella em hum *Auto do fé*, em que algumas pessoas acuzadas de herezia forão queimadas, e em que elle foi descalço. Depois de solto, escreveu a historia da sua prizaõ. As suas descripçoens são exactas.

por nome Jozephus a Doloribus, homem adiantado em idade, de semblante palido, e vista penetrante, de huma apparencia reverenda, e possuindo grande copia de lingua-gem, e urbanidade de maneiras. A primeira vista, elle me apresentou o aspecto de hum d'aquelles agudos e prudentes homens do mundo, os instruidos e respeitaveis Jezuitas de Italia, alguns dos quaes se achao ainda, depois da extinção da sua ordem, repousando em tranquilla obscuridade, nas diversas partes do Oriente. Depois de meia hora de conversação em lingua Latina, durante a qual tocou rapidamente em variedade de objectos, e inquirio de alguns homens instruidos da sua Igreja que eu vezitara em minhas viagens, elle polidamente me convidou a residir com elle durante a minha estada em Goa a Velha. Eu folguei immenso com este convite; mas o Tenente Kempthorne nao approvou deixar-me nas maos do *Inquisidor*. Julgai da nossa surpresa quando descobrimos que o nosso erudito hospede era hum dos Inquisidores do Santo Officio, o segundo membro em posto daquelle augusto tribunal, mas o primeiro e mais activo agente nos negocios daquelle departamento. Destinaraõ-me quartos no Collegio, junto ao Convento, e contiguos aos do mesmo Inquizidor, e aqui tenho estado quatro dias na mesma fonte da informaçao a cerca dos objectos que dezejava indagar. Eu almoço e janto com o Inquizidor quasi todos os dias, e elle geralmente passa as tardes no meu quarto. Como elle considera as minhas indagaçoens meramente literarias, he perfeitamente candido e communicativo em todos os objectos.

“No dia seguinte depois da minha chegada, foi introduzido pelo meu instruido conductor ao Archebispo de Goa. Acharno-lo lendo as cartas Latinas de S. Francisco Xavier. Observando lhe a longa duraçao da cidade de Goa, em quanto outras cidades de Europeos na India tinhaõ soffrido pela guerra ou revolução, o Archebispo respondeo, que a conservação de Goa era devida ás oraçoens de S. Francisco Xavier. O Inquizidor olhou para mim para ver o que eu pensava a este respeito. Eu confessei que Xavier era considerado pelos Inglezes doutos como hum grande homem: o que elle escreveo, mostra seguramente o homem de saber, hum genio original, e hum espirito de grande energia; mas o que outros escreveraõ d'elle, ou para elle, marchava a sua reputaçao, fazendo o inventor de fabulas. O Archebispo—mostrou assentir. Conduzio-me depois á suacapella privada que he decorada com imagens de prata e depois a livraria Archiepiscopal, que possui huma colleção preciosa de livros.—Depois do que voltei ao nosso convento, e reparando nas pinturas do claustro, vi hum retrato do famoso

Aleixo de Menézes, Archebispo de Goa, que teve o Synodo de Diamper, junto a Cochim, em 1599, e queimou os Livros dos Christaons Syriacos. Da inscripção em baixo da pintura, sabe que elle era o fundador da magnifica Igreja e Convento onde eu residio agora.

“No mesmo dia recebi hum convite para jantar com o Inquisidor Mor, na sua caza de campo. O segundo Inquisidor me acompanhou, e achamos huma respeitosa companhia de Padres, e hum sumptuoso banquete. Passamos a sua livraria, onde vi hum registro, contendo o presente estabelecimento da Inquisição em Goa, e os nomes de todos os officiaes. Perguntando ao Inquisidor Mor, se o estabelecimento era tam extenso como algum dia, disse que era quasi o mesmo. Pouco tinha eu dito atéqui á pessoa alguma relativamente a Inquisição, mas tinha indirectamente apanhado algumas informações a este respeito, nao so dos Inquisidores, mas de certos Padres que vezitei nos seus respectivos conventos, particularmente de hum Padre do Convento de S. Francisco, que tinha visto muitas vezes Autos da Fé.”

Goa, Convento dos Agostinhos, 27 de Janeiro, 1808.

Na segunda manham depois da minha chegada fui surpreendido pelo meu patrao, o Inquisidor, vindo ao meu quarto vestido com *tunica preta* desde os pez ate a cabeça: por quanto o vestido ordinario da sua ordem he branco. Elle disse que hia para o tribunal do Santo Officio. Eu presumo, Reverendissimo, que o vosso augusto Officio vos nao toma muito tempo? Oh muito, respondeo elle. Temos tribunal trez ou quatro vezes por semana.

Eu tinha pensado por alguns dias pôr nas maons do Inquisidor a obra de Dellon sobre a Inquizição de Goa, por que se eu conseguisse fazelo notar os factos referidos naquelle livro, eu poderia vir a saber por comparação, o verdadeiro estado da Inquizição no tempo presente. Segundo o costume, elle veio de manham passar huma hora no meu quarto. Depois de conversar-mos hum pouco, tomei a pena para escrever algumas notas no meu Diario: e como se fosse para o entreter, em quanto eu escrevia, peguei do livro de Dellon que estava sobre a meza com outros. Apresentando-lho, perguntei-lhe se acaso tinha visto aquelle livro. Elle era escripto em Francez que elle mui bem entendia. “*Relation de la Inquization de Goa*, pronunciou elle, com voz lentamente articulada. Disse que inda o nao tinha visto, e começou a

a ler com avidéz. Não continuou muito tempo sem dar signaes de displicencia. Folheou com pressa ate ao meio do livro, e dali ate ao fim, e depois correu a taboa dos contentos em o principio, como para determinar a plena extençaõ do mal. Compoz-se entao para ler, em quanto eu continuava a escrever. Elle voltava as folhas com rapidez, e chegando a certo lugar, exclamou, com accento perfeitamente Italiano, "Mendacium, Mendacium." Eu pedi lhe que marcasse elle as passagens que não eraõ verdadeiras, e que depois as discutiríamos, pois que eu tinha outros livros sobre aquelle assumpto. "Outros Livros," disse elle, e olhou com vista inquisidora para os que estavaõ na meza. Continuou a ler ate retirar-se, e pediu-me que lhe deixasse levar o livro.

Nesta noite, aconteceu huma circumstancia, que motivou o meu primeiro susto em Goa. Os meos creados dormiaõ todas as noites a porta do meu quarto, e não mui distantes dos creados do Convento, em hum longo corredor commum a todos os quartos. Perto da meia noite fui acordado pelos gritos e expressoens de terror, de pessoa que estava no corredor. No primeiro instante da surpresa conclui que eraõ os *Esbirros* do Santo Officio, que vinhaõ agarrar os meos creados para os levar para a Inquiziçaõ. Mas sahindo fora, achei os meos creados de pe a porta; e a pessoa que tinha cauzado aquelle motim era hum rapaz de perto de quinze annos, que estava a huma pequena distancia, rodeado de alguns dos Padres, que tinhaõ sahido das suas cellas ouvindo a bulha. O rapaz disse que tinha visto hum fanthasma, e levou muito tempo, primeiro que as agitaçoens do seu corpo e voz se aquietassem.—Na manham seguinte o Inquizidor pediu excuzas pela dezordem, e disse que o medo do rapaz procedera a *phantasma animi*.

Depois do almoço, voltamos ao assumpto da Inquiziçaõ. O Inquizidor admetteria que as descripçoens que Dellon fazia dos carcerees, da tortura, e do modo do processo, e do Auto da Fé, eraõ em geral justas; mas disse que o escriptor julgava falsamente dos motivos dos Inquizidores, e sem caridade alguma do Character da Santa Igreja; e eu admetti que na urgencia dos seus soffrimentos, podia muito bem acontecer que assim fosse. O Inquizidor estava ancioso por saber até que ponto o livro de Dellon tinha circulado na Europa. Eu disse lhe que Picart tinha publicado ao mundo extractos della na sua celebrada obra por nome, "Ceremonias Religiosas." Com estampas do systema de tortura e *queimamento* no Auto da Fé. Acrescentei que ja se não acreditava na Europa que existissem semelhantes enormidades; e que a mesma Inquiziçaõ tinha sido totalmente suppressa; mas que

eu sentia achar que não era assim. Aqui começou elle huma grave narração para mostrar que a Inquizição tinha soffrido grandes mudanças, e que os seus terrores estavam muito moderados*.

Eu tinha ja descoberto em documentos escriptos ou impressos, que a Inquizição de Goa fora supprimida por Alvará Regio no anno de 1775, e restabelecida outra vez em 1779. O Reverendo Franciscano que ja mencionei, prezenciou os annuaes Autos da Fé desde 1770 até 1775. “Foi a humanidade, a terna compaixão de hum bom Rei,” disse o velho Reverendo, “que abolio a Inquizição.” Mas logo depois da sua morte, o poder do Clero adquerio o ascendente sobre a Rainha, e o Tribunal foi restabelecido, depois de hum intervallo sem sangue de cinco annos. Elle continuou depois disso as suas operaçoens. Foi restaurado em 1779, sugeito a certas restricçoens, de que as principaes eraõ. “Que se deviaõ requerer mais testemunhas para convencer hum criminoso do que eraõ antes necessarias; e que os Autos da Fé se nao fizessem mais em publico como d’antes, mas que as sentenças do Tribunal se executassem secretamente dentro dos muros da Inquizição.”

Neste particular, o Instituto da nova Inquizição he mais reprehensivel que o d’antiga; por quanto, segundo se explicava o Reverendo, “*Nunc sigillum non revelat Inquisitio.*”—Antigamente os amigos daquellas desgraçadas pessoas que eraõ lançadas nos carceres da Inquizição tinhaõ o melancholico prazer de os ver huma vez no anno passar na procissão do Auto da Fé, e se ellas eraõ condemnadas a morrer, prezenciavaõ a sua morte e deitavaõ lucto pelo morto. Mas agora nao tem meios de saber se esses desgraçados sao vivos ou mortos. A politica deste novo modo de proceder encoberto parece ser este: conservar o poder da Inquizição, e ao mesmo tempo diminuir o odio publico dos seus procedimentos na presença do dominio Britanico, e civilização. Perguntei ao Reverendissimo a sua opiniaõ sobre a natureza e frequencia dos castigos dentro dos paredes da Inquizição. Disse que nao tinha meios certos para dar huma resposta satisfactoria, porque tudo o que ali se passava se declarava ser “*sacrum et secretum.*” Mas que elle sabia de certo que

* As seguintes eraõ as passagens da narrativa de Dellon, a que eu dezejava attrahir particularmente a attençaõ do Inquizidor.—Dellon tinha sido lançado na Inquizição de Goa, metido n’hum carcere de dez pez de comprido, onde esteve mais de dous annos, sem ver ninguem excepto o carcereiro que lhe trazia a comida, e quando hia ser perguntado, esperando diariamente ser levado ao supplicio. Seu allegado crime era accusar a Inquizição de crueldade, n’huma conversação que teve com hum slerigo em Damaõ, cidade Portugueza n’outra parte da India.

havia prezos nos carcerees, que alguns d'elles erao' soltos depois, mas que nunca deziao' o que la se passava. Elle acrescentou que das pessoas de seu conhecimento que se tinhao' soltado, nenhuma deixava de mostrar na gravidade do rosto, no seu porte rezervado, e no seu terror pelos Ecleziasticos, que tinha estado naquelle terrivel lugar.

O principal argumento do Inquizidor para provar o melhoramento da Inquizaõ era a superior *humanidade* dos Inquizidores. Eu observei-lhe que nao' duvidava da humanidade dos officiaes existentes; mas de que servia a humanidade n'hum Inquizidor, se era obrigado a sentenciar segundo as Leis do Tribunal, que erao' assas notorias? e se huma pessoa *relapsa* em *heresia* deve ser queimada ou preza n'hum carcere toda a vida, quer o Inquizidor seja humano, ou nao'? "Mas se vos dezejais, disse eu, completamente satisfazer o meu espirito sobre este ponto, mostrai-me a Inquizaõ. Elle disse que nao' era permitido a ninguem ver a Inquizaõ. Repliquei que o meu cazo poderia considerar-se como excepção, que o caracter da Inquizaõ, e a continuacão do seu expediente erao' objecto duvidozo, que eu tinha escripto sobre a civilizaõ da India, e podia ser que publicasse alguma couza sobre isso, e nao' era de esperar que passasse em silencio a Inquizaõ, sabendo o que sabia dos seos procedimentos; ao mesmo tempo nao' dezejava referir hum so facto sem a sua authoridade, ou pelo menos sem a sua admissao' por verdadeiro. Eu acrescentei que elle mesmo se havia dignado communicar conmigo em pleno sobre este assumpto, e que em todas as nossas discussõens ambos tinhamos obrado por bom fim, como eu dezejava. O aspecto do Inquizidor evidentemente se alterou ao receber esta intimacão, e nunca depois tornou a recobrar a sua costumada lizura, e placidez. Depois de alguma hesitaõ, com tudo, elle disse, que me levaria a ver a Inquizaõ no dia seguinte.

Goa, Convento dos Agostinhos, 28 de Janeiro, 1808.

Quando eu deixei os fortes para hir a Inquizaõ, o Cor. Adams pedio-me que lhe eserevesse; acrescentando meio rindo e meio serio. "Se eu nao' tiver noticias vossas em tres dias, marcharei com o 78 e escalarei a Inquizaõ." Prometti escrever-lhe; mas estando tam entertido com o Inquizidor, esqueci a minha promessa. Conseguintemente, antes de hontem, fui surpreendido por huma vizita do Major Braamcamp, Ajudante de Campo de Sua Excellencia o Vice-Rei, o qual trazia huma carta do Cor. Adams, e hum recado do Vice-Rei, propondo que eu devia voltar todas as noites a dormir nos Fortes, em razao' do ar pouco sadio de Goa.

Esta manhã depois de almoço o meu patrão foi vestir-se para hir para o Santo Officio, e voltou logo com seu vestido Inquisitorial. Disse-me que hiria meia hora antes do tempo uzual, para mostrar-me a Inquizição. Pareceo-me que o seu aspecto era hum pouco mais severo do que o costume, e que os seus pages não eraõ tam civis como d'antes. He verdade, que a *scena nocturna* estava ainda presente ao meu espirito. A Inquizição he quasi hum quarto de milha distante do Convento, e fomos para la nos nossos *Manjis* (especie de Palanquin). A nossa chegada, disse-me o Inquizador, quando subiamos os graos da escada exterior, que elle esperava que eu me contentasse com huma vista passageira da Inquizição, e que eu me retiraria logo que elle me pedisse. Tomei isto por hum bom agoiro, e segui o meu conductor com toleravel confiança.

Elle me conduzio primeiro á Grande Sala da Inquizição. Encontramos na porta huma quantidade de pessoas bem vestidas, que, segundo ouvi depois, erao os familiares e pages do Santo Officio. Fizerao huma profunda zumbaia ao Inquizador, e olharao para mim com surpresa. A Grande Sala he o lugar em que os prezos se ajuntao para a procissão do Auto da Fé. Na procissão descripta por Dellon, em que elle mesmo foi descalço, vestido com o habito pintado, havia acima de 150 prezos. Passei nesta sala por algum tempo, com passo vagaroso, reflectindo nas suas antigas scenas; o Inquizador marchava a meu lado em silencio. Eu pensava na sorte da multidão dos meos semelhantes, que tinham passado por este lugar condemnados por hum tribunal de pecadores seos semelhantes, para seos corpos serem entregues as chamas, e as suas almas á perdição. Eu não pude deixar de dizer-lhe, "Não dezeria a Santa Igreja, na sua misericordia, que tornassem ao mundo aquellas almas, para lhes conceder mais algum tempo de prova?" O Inquizador nada respondeo, acenou-me que fosse com elle para a porta de huma das extremidades da Sala. Por esta porta elle me conduzio a pequenos quartos, e dali a outros mais espaçosos, que erao do Grande Inquizador. Tendo visto estes elle me reconduzio a Grande Sala, e pareceo-me que elle dezeria que eu partisse. "Agora, reverendissimo," lhe disse eu, "conduzi me embaixo as prizoens; quero ver os presos."—"Não," disse elle, "isso não pode ser." Suspeitei logo que era tenção do Inquizador, desde o principio, mostrar-me so certa parte da Inquizição, para satisfazer de hum modo geral ás minhas indagaçoens. Insistei seriamente com elle, mas elle reestia com firmeza, e parecia escandalizar-se ou antes inquietar-se com a minha

importanidade. Intimei-lhe plenamente, que o unico meio de fazer justiça a suas asserções e argumentos tocante ao prezente estado da Inquisição, era mostrar-me as prizoens e os prezos. Era deste modo que eu podia descrever o que tinha visto, alias o objecto da minha viagem ficaria n'uma terrivel obscuridade. Conduzi-me baixo, disse eu, ao interior do edificio, e deixai-me passar pelos duzentos carcerees, de dez pez quadrados, descriptos pelos vossos antigos prezos. Deixai-me contar o numero dos vossos prezentes captivos, e conversar com elles. Quero ver se ha alguns vassallos do Governo Britanico, a quem devemos proteaõ. Quero perguntar-lhes a quanto tempo ali estao, a quanto tempo nao tem visto a luz do dia, e se acazo esperaraõ jamais tornar a vela. Mostrai-me a Camara da Tortura; e declarai-me que modos de execuçaõ ou de castigo se practicaõ agora dentro dos muros da Inquisição, em vez do publico *Auto da Fé*. Se depois de tudo isto, reverendissimo, vos rezestis a este racionavel peditorio, eu serei justificado em crer, que vos receaes de relatar o verdadeiro estado da Inquisição na India." A estas observaçoens o Inquisidor nao replicou; mss deo a entender a sua impaciencia para que eu me retirasse. "Meu bom Padre, lhe disse, eu vou deixar vos; e agradecer-vos as vossas hospitaveis intençoens, (tinha-se-me dito antes, que me despediria a final a porta da Inquisição, depois de ter visto o interior) e eu dezejo sempre conservar no meu espirito hum sentimento favoravel da vossa bondade e candura. Vos dizeis que vos nao he possivel mostrar-me os prezos e as enxovias; dignai vos meramente responder a esta pergunta, e eu darei credito a vossa palavra. Quantos prezos ha agora nas cellas da Inquisição? O Inquisidor replicou, Isso he pergunta a que eu nao posso responder. Ao proferir destas palavras retirei-me apressadamente para a porta, e despedi-me delle. Apertamos as maõs com tanta cordialidade, quanta podiamos ter naquelle momento, e ambos nos, creio eu, sentimos que a nossa separaçãõ fosse acompanhada de tam sombria continencia

"Da Inquisição fui ao lugar da queima no *Campo de São Lazaro*, no lado do rio, onde as victimas eraõ sacrificadas no *Auto da Fé*. He junto ao palacio, para que o Vice Rei e a sua Corte possaõ testemunhar a execuçaõ; pois que foi sempre a politica da Inquisição representar estas execuçoens espirituaes como execuçoens do Estado. Hum Padre velho me acompanhou, que me fez ver o lugar, e descreveo a scena. A medida que passava por esta melancolica planicie, eu pensava na differença que havia entre a pura e benefica doutrina, que se pregou primeiro na India em tempos Apostolicos, e aquelle codigo sanguinolento, que depois de huma

longa noite de escuridão, se lhe annunciou debaixo do mesmo nome; e ponderava naquella mysteriosa Providencia que permittio que os ministros da Inquizição, com a sua tortura e flamas vizitassem aquellas terras, primeiro que os arautos do Evangelho de Paz. Porem a mais dolorosa reflexão era, que este tribunal ainda existia sem se intimidar da vezinhança da humanidade e domínio Britanico. Não satisfeito com o que tinha visto ou dito na Inquizição, determinei voltar ali. Os Inquizidores estavam entao sentados no tribunal, e eu tinha hum pretexto para voltar; por quanto eu devia receber huma carta do Grande Inquizidor que elle disse me havia dar, antes que me fosse embora, para o Rezidente Britanico em Travancor, o Coronel Macaulay, sendo a resposta á carta daquelle official.

Quando cheguei a Inquizição, e subi a escada exterior, os porteiros me olharaõ duvidosamente, mas deixaraõ-me passar suppondo que eu voltava com permissaõ e beneplacito da Inquizição. Entrei na Grande Sala, e fui em direitura para o tribunal da Inquizição, descripto por Dellon, em que está o Grande Crucifixo. Sentei-me n'hum banco, escrevi algumas linhas, e pedi a hum dos familiares, que levasse o meu nome ao Inquizidor. Ao tempo que passeava na Sala, yi huma pobre mulher sentada sozinha, n'hum banco junto a parede, com vizos de huma pessoa em estado de afflicão. Ella apertava as maõs quando eu passava, e lançou-me hum olhar expressivo da sua consternação. Esta vista gelou o meu espirito. Os familiares me disseraõ que ella estava esperando ser chamada ante o tribunal da Inquizição. Em quanto eu estava fazendo perguntas a cerca de seu crime, o segundo Inquizidor chegou com manifesta trepidação, e começava a queixar me da intruzão, quando, eu lhe disse que voltava a buscar a carta do grande Inquizidor. Elle disse que ella me seria enviada a Goa logo atraz de mim, e conduzio-me para a porta com passos rapidos. Passando pela pobre mulher eu apontei para ella, e disse para elle com algum emphase. "Eis aqui, Padre, outra victima da Santa Inquizição!" Elle nada respondeo. Chegados ao patim da grande escada, elle fez huma reverencia, e eu fiz a minha ultima despedida de Jozephus a Doloribus, sem expremir huma so palavra."

O author termina este artigo, indicando o fim porque se tem repetido aos ouvidos da nação Inglesa estes particulares relativos á Inquizição de Goa. "Se os Romanos" dis elle pela boca de Montesquieu, foraõ benemeritos da humanidade por estipularem nos seus tractados com os Carthaginezes

“que estes se deviaõ abster de sacrificar os seus filhos aos Deoses,” porque não hade a nação Ingleza imitar este exemplo? e induzir seos alliados a extinguir os sacrificios humanos da Inquisição? Tem-se censurado nos papeis publicos o nosso Governo pela sua indiferença a este respeito. Note-se porem que a mesma cauza que produzio a Inquisição a pode extinguir, isto he, a indiferença pelos principios religiosos. O terrivel despota que supprímio a Inquisição na Hespanha, não foi instigado por motivos de humanidade; vio com ciume hum tribunal que se arrogava hum dominio independente, e deitou-o a baixo, pelo mesmo principio porque deitou a baixo o poder papal, para que elle mesmo fosse Pontifice, e o Grande Inquizador. E assim será por hum tempo, até que os fins da Providencia se completem sobre elle. Mas devemos nos entretanto olhar em silencio, a esperar que ultteriores melhoramentos da especie humana se effitnem pelo despotismo, ou por grandes revoluçoens? O dia em que se completar a total aniquilamento da Inquisição sobre a terra, será o dia mais importante e feliz para a especie humana. O periodo deste grande acontecimento esta mais perto na Europa e na America do que na Asia, e a sua terminação ali depende tanto da Graã Bretanha como de Portugal. E porque não hade a Graã Bretanha acelerar esta epocha apeteçivel? Esperaremos que o poder da hum infiel abula as outras inquisiçoens da terra? Não buscaremos entretanto fazer alguma couza sobre principios christaõs, em honra de Deus e da humanidade? Reccamos a cazo exprimir este sentimento nas nossas Assembleas Legislativas, ou noticialo em os nossos tractados? He seguramente do nosso dever declarar os nossos dezejões, pelo menos, tocante a abolição deste tribunal deshumano (pois que tomamos huma parte activa em promover o bem das outras naçoens) e dar o nosso testemunho contra elle na presença da Europa.

Este cazo não he de similhante a sacrificação das mulheres em Bengala: com a mais aggravante atrocidade de ser o rito perpetrado em nosso proprio territorio. A humanidade se revolta so com a descripção

de taes crimes. Mas não basta desaprová-los; he preciso procurar a sua extinção; e em quanto fomos indifferentes expectadores das fogueiras do Paganismo, ouviremos com indifferença os horrores da Inquisição.”

CONCLUZÃO.

Sentimos que os nossos limites nos não deixem alargar sobre quotaçoens de tam bella obra, e em materias tam interessantes; mas pensamos que os extractos que temos dado bastaraõ para que o Leitor collija as principaes vistas do author nas suas *Indagaçoens Christans* na Azia, e note a seria attenção que o Governo Inglez presta a todos os objectos religiosos, como intimamente connexos com a segurança e prosperidade nacionaes. Com effeito, quando nos reflectimos nos males, com que o Superstição tem desfigurado a especie humana, quando notamos as alluvioens de miseria e calamidade que em todos os tempos ella tem derramado sobre a terra, não podemos deixar de nos doer profundamente do descuido que tem havido em illuminar as naçoens sobre os seos mais caros interesses, a pureza de religião, e de costumes consequentemente; e de consolar-nos as mesmo passo na esperança da proxima e total cessação desses males na Azia, pela efficaz intervenção de hum Governo illuminado e activo, que não desliga os seos bens temporarios de suas melhores e permanentes vantagens. O Governo Inglez considerando que a grandeza moral e fecunda energia de toda a nação depende grandemente dos seos costumes moraes, ou religiosos, qualquer que seja a forma do seu culto, trabalha com infatigavel disvello por manter a pureza e incorruptibilidade daquelles. Abolindo no Oriente as ceremonias degradantes da superstição, elle estende as suas vistas beneficas, a extremidade dos seos dominios; busca expurgalos, e se he possivel alimpar a superficie da terra das feias manchas da idolatria, e concorre com os seos allia-dos para dezagravo do puro christianismo, fazendo abolir a Inquisição.

Notaremos aqui que muito antes de ser levado ao

oriente este tribunal, tiverão os Monarcas Portuguezes a gloria de trabalhar tanto ou mais do que se fez ao depois, e do que faz hoje a Graã Bretanha, em propagar o Evangelho, e extirpar a Idolatria, tanto na Africa como na Azia. Mas rendido ali o nosso imperio, e passando aos Egoistas Hollandezes; reservou a Providencia aos principios luminosos que dirigiraõ os dous Governos Portuguez e Britanico em a sua ultima e nova alliança, o revindicar a Religiaõ, fonte de todos os bens, das imputaçoes com que os maledicos a deterioravaõ. S. A. R. o Principe de Portugal guiado alem disso de huma inspiraçaõ salutar, de hum animo verdadeiramente humano e religioso, e do puro zelo Evangelico de seos illustres Avoz, declarou solemnemente abolida a Inquiziçaõ de Goa,— e semelhante a esse magnanimo Rei de Syracuza, quiz ligar a hum tractado de commercio, e de intima e sincera alliança aquelle testemunho de seos generos sentimentos, e disvello incansavel pela cauza da humanidade, e da verdadeira Religiaõ.

Eis aqui realizadas em parte ou antecipadas as prophcias de Buchanan. A Inquiziçaõ de Goa extincta com tam authentica solemnidade, deixando o campo livre na Azia a propagaçaõ do puro Christianismo, da o signal a Europa e America que o resgate dos principios sublimes do Evangelho se tem ali começado, e que a sua anciedade pela consumaçãõ desta obra divina não hade ser frustrada. He chegado finalmente esse grande dia, em que os verdadeiros Portuguezes transportados do mais puro jubilo conhecem, que são designados pelo Poder do Altissimo para serem os defensores incontrastaveis não menos da sua Patria, que da sua Religiaõ. Esse dia começou a raiar do oriente, reverberado do extremo occidente, e continua pela uzual carreira da luz. Graças a efficaz co-operaçaõ dos dous firmes Alliados, e esclarecidos Governos! Graças a rezoluçaõ de hum Principe, que não se atterra com os sustos do Fanatismo, e supplanta as insidiosas suggestoes da Intriga. Que estende o seu influxo paternal igualmente aos seos vassallos em todas as partes do mundo.

Portugal berço dessa raça de homens, que apesar do seu pequeno numero, encherão de suas proezas as quatro partes da terra, pode jactar-se de ter sido a primeira potencia da Europa, que deo as suas Leis e Religião, a verdadeira Religião Christam, aos povos idolatras da Azia. Elle foi o Mancebo das Escripturas, que abateo o monstruoso gigante da Impiedade, assim como he hoje o unico do Continente, que lucha cheio de triumphos contra o dominio extranho e contra os ferros da escravidão universal. A sua defeza que he a defeza da humanidade e da Religião, effeituada pelo valor Portuguez e auxilio Britanico do baixo da sabia da efficassissima direção do immortal Wellington, deve ser o novo e mais bello penhor daquella alliança, que tem por objecto contrastar e repellir as invazoens tanto da Tyrania como do Erro. Deste modo o despota e verdugo das naçoens será mais depressa confundido, o mundo resgatado, o Christianismo restituído á sua pureza, e a Igreja militante guiada com mais segurança no meio das tempestades que a combatem.

LITTERATURA PORTUGUEZA.

O nosso cuidado em colligir, e publicar documentos de litteratura nacional, ainda que seja interrompido pela necessaria introdução de outros objectos de nenhum modo tem afrouxado nem por falta de assumptos tractados em Portuguez, e com gloria deste nome, nem pelo temor de invectivas ou calumnias de ignorantes e mal-intencionados zoilos. Nos ja confessamos que a Litteratura Portugueza não he geralmente conhecida, sobre tudo a moderna, cujas melhores peças não existem impressas, e apenas paraõ nas maõs do curioso, ou nas gavetas do seu author. Mas pode-se com justiça dizer que huma nação não tem Litteratura, ou se a tem não merece elevado conceito, so por que ella se ignora? Quem, sobre tudo, desconhecendo os excellentes modellos d'antiga e os brilhantes ensaios da moderna, que pelo prelo se tem feito patentes, poderá a juizar d'ella? Sem duvida hum tal illiterato, que for inimigo do seu paiz, ignorante da sua lingua, e tiver ao mesmo tempo a raiva de escrever, que desporpositos que inepcias não dirá fallando ou escrevendo a cerca de Litteratura Portugueza? Porem se hum nacional assim destituido de patriotismo e luzes não pode dar senão erroneas e acanhadas ideas a este respeito, que miseravel não deve ser a opiniaõ do estrangeiro, que bebe unicamente desta mesquinha e infecionada fonte de informação? Tal estrangeiro fallando ou escrevendo de Portugal, não pode senão trilhar os mesmos passos, e seguir a mesma rota de falsidade e difamação.

He para combater e dissipar este erro que se pretende introduzir em algum partido, e desmentir a afrontoza asserção, com que se tem calumniado a nação Portugueza, que Investigador Portuguez tem

gado, e continuará a dar provas, pois lhe não faltaõ, de que existe huma Literatura em Portugal, apezar das difficuldades que os tempos lhe offerecem; e obras deste genero não inferiores as das outras naçoens civilizadas. Os fragmentos poeticos que vamos dar são huma nova demonstração do que avançamos. São algumas das obras do illustre Jozé Anastacio assas recomendaveis, e como taes dignas da sua memoria, e do apreço universal.

Fallando de Jozé Anastacio, a quem o mundo scientifico reconhece como hum dos mais profundos mathematicos dos tempos modernos, não precisamos ajuntar encomios em favor das presentes obras. O nome de seu author, que reunio tam extraordinarios e quasi incompativeis talentos, basta para seu elogio. Não deixaremos com tudo de transcrever o que se le n'hum Jornal Inglez do tempo, em que elle era official de artilharia em Valença. O seguinte he copia de huma carta de hum Cavalheiro Inglez, que viajava por aquelle tempo em Portugal.

“Não posso deixar Valença sem fallar de hum dos genios mais extraordinarios, que jamais se ouviu. He hum moço de quasi 24 annos Portuguez, e Tenente de artilharia naquella praça. He de familia pobre e sem alguma educação; veio a ser por força do seu engenho e grande applicação hum prodigio deste seculo; he tam grande mathematico que o Coronel Ferrier profundo nesta sciencia me diz que este moço o excede em muito. Elle he senhor de todas as obras de Sir Isaac Newton, ainda daquellas partes mais escuras, que os mesmos mathematicos julgaõ difficultozas: consequentemente he hum algebrista completo, e hum bom astronomo; tem-se applicado nas mathematicas a sciencia particular, que se requer na sua profissão, que inclue engenharia, artilharia, e outras muitas couzas pouco necessarias em mathematicas puras; mas o que he ainda mais extraordinario, elle acrescentou a esta applicação, (que absorve a attenção de todos as que as estudão) hum perfeito conhecimento da historia, das lingoas, e bellas lettras. He excellente poeta, he bom critico nas lingoas mortas, e sabe muito bem a Italiana,

Franceza, Hespanhola e Ingleza; e o Coronel Ferrier que possui perfeitamente estas linguas e pode ser juiz competente, me diz, que este moço escreve a sua propria lingua com mais pureza que muitos, e talvez que qualquer dos mais celebres authores deste paiz.

“Tem traduzido em elegante Portuguez, não so algumas das melhores obras de Pope, mas tambem algumas das nossas mais famosas comedias; sendo precizo hum perfeito conhecimento de ambas as linguas, para conservar o espirito e fineza das expressoens, porque não percaõ a sua força e belleza. Elle traduzio no mesmo idioma algumas peças do celebre poeta Grego Anacreonte, por onde diz o Coronel Ferrier bom conhecedor do Grego, que lhe parece que a graça destas peças não so se conservou, mas se aperfeiçou com a sua tradução. Parece que não emprega o seu tempo em estudar, e pela sua grande cobardia não conversa ainda nas materias mais indifferentes, se não com os seus intimos amigos. Elle he tosco na sua pessoa, e familiaridade; e parece que tam pouco conhece os termos da civilidade, quanto elle he intimo com a sciencia e literatura. Com seus amigos algumas vezes repete algumas das melhores obras de nossos poetas Inglezes, particularmente Shakespeare; e faz nelle tal effeito a sua repetição, que parece arrebatarse, e nestas occasioens huma so gotta de vinho do Porto, de que elle gosta, o faz alienar. Este homem extraordinario parece a qualquer desconhecido hum simplez. Ri-se muito e em toda a sua conducta não descobre nenhuma daquellas excellencias de que he ricamente adornado.”

ODE

Escrepta na convalescença, ou no intervallo de huma dolorosa molestia.

1.

Pesado alfange, golpe fero,
Hes da doença, ou hes da morte?
Eu me resigno, e firme espero,
O derradeiro fatal corte.

2.

Tu leve sopro, entendimento,
Alma immortal por onde andavas?
Qual luz de vela exposta ao vento
Me pareceu que te apagavas.

3.

Se a vida so vira extinguir
Ah, que he a vida e o mundo? Nada
Mas ver se huma alma dividir
Mais que de si, da sua amada!

4.

Morrer! e sem ao meu encanto
Poder mostrar o affecto meu!
Ah, sem poder mostrar-lhe o quanto
Sou todo inteiramente seu.

5.

Ah Ceos....porem—Eu me resigno
Mas se aqui findo os dias meus,
Ah! algum Zefiro benigno
Ao meu amor leve este Adeus.

6.

Adeus objecto indolatrado
Do mais intenso e puro amor.
De amor tao doce acerbo fado
A gentil planta sega em flor.

7.

Adeus! Adeus! Sabe que em quanto
O espirito ou corpo existe, he teu.
Vive feliz, tao feliz, quanto
Se foras minha, o fora eu.

8.

Mas para mim o agudo estoque
Furioza a dor torna a apontar.
Desfeito em sombra ao fino toque
Tudo de mim vejo affastar.

9.

E tu essencia incomprehensivel,
Tu do Universo ou Alma ou Rei,
Patente em tudo, e invisivel,
E em quem hum Pai, creio, acharei.

10.

Levo a teus pes qual mo entregaste,
Simples e humano coraçao:
Amor ao Bem, qual me inspiraste;
Fraquezas e erros—crimes nao.

11.

Pia amizade acaba em tanto
O triste officio derradeiro;
E as libaçoes me faz de pranto
Na pedra rasa e sem letreiro.

12.

Terna a amizade (se sentido
O nao tiver no peito amor)
Te hirá dizer manso ao ouvido;
“Ja nao he vivo o teu pastor.”

13.

E quando praia, e a espessura,
Que absorto ao pe de ti me via
Minha afeição (tao terna e pura)
Te debuxar na phantazia.

14.

Brandos suspiros nao engeito,
Nem gentil lagrima, que amor
Verter do mais—que—amado peito
Com saudade—mas sem dor.

15.

E diz e entaõ maviosamente
 “ Puro e leal foi o amor seu.
 “ Meu foi, meu todo inteiramente ;
 “ E se inda existe, ainda he meu.”

O ABRAÇO.

Alta Rocha, sustem-me que esmoreço.
 De amor não sei se estou para expirar
 Como me aneia !... Em quanto não faleço,
 Co' a Noite quero a qui dezabafar.

Oh meu, oh meu Amor ! Aonde fugiste !
 Onde estou eu agora ? e aonde estava ?
 A alma começa a conhecer que existe
 Que ate agora sabia so que amava.

Não estive n'hum mar quasi afogado
 De ineffavel angelica ternura ?
 Respiro apenas : inda estou cercado
 De extranha grossa nevoa de Luz pura.

De amor prodigios inda não ouvidos
 Que absorto sinto, e que entender não sei !
 Solta-se me a alma dos mortaes sentidos ?
 Ou acordo de hum sonho ? Ah não sonhei.

Não, não sonhei,—que estes teos braços vejo
 Inda n'acção de te abraçar pasmados !
 Não sonhei não,—que inda o celeste bejo
 Gozo nos beiços mais que namorados.

Sinto estalar-me docemente o peito
 C'os impetos de hum coração que he teu,
 Coração que em amor se vio desfeito
 Na doce vezinhança desse meu.

Oh guarda, Mundo vaõ, tua riqueza
 Que vale o ouro e joias que contens ?
 A vista da Virtude e da Belleza
 Que vale o que da Sorte chamaõ bens ?

D 2

Mortaes que ou da Fortuna os grossos mares
 Com risco vosso e alheio mal cortaes ;
 Ou do mau Fanatismo nos altares
 Ensanguentado incenso vil queimaes.

Interesseiro vulgo dos amantes
 So de si realmente namorados
 E quantos ou de maus, ou de ignorantes
 Atraz dos vicios correm desgarrados.

Se he certo que so vista a formuzura
 Da Virtude, emendara os viciosos ;
 Oh do mundo e de vos para ventura
 Vede meu Bem—e sede virtuosos.

O feio negro fumo, o leve vento
 Da gloria que cuidaes no mundo achar
 Vereis desvanecer-se n'hum momento
 A vista da de ouvila, e a contemplar.

Pompas do Mundo, gostos tam buscados
 Que recreio encontrar em vos podemos,
 Se hum n' outro sempre e sempre embellezados.
 Excepto nos, do Mundo nada vemos?

Se aquelles que o sublime, o so louvavel
 Gosto de gosto dar nunca sentirao,
 De nossos castos mimos a ineffavel
 Suprema gloria virao!—Ah se a virao.....

Mas nao ; por que debalde esperaria
 Nosso amor abrandar almas tam duras,
 E approvaçao completa encontraria
 Entre Anjos so, e Intelligencias puras.

E nao cres tu, que hum coro de amerosos
 Seraphins sempre nos rodeia, e ouve?
 Com os gentis Espiritos ditosos
 De alguns amantes como nos, se os houve?

Se os houve! Oh! cuidas tu que se acharia
 Ou no Mundo ou do Mundo nos annaes
 Quem (milagrosamente) saberia
 Tanto e tao gentilmente amar jamais?

Nao ves inda de gosto soffocados
 Hum n'outro nossos peitos exculpidos?
 Nao sentes nossos rostos tam chegados
 E ainda mais os coraçoes unidos?

Oh mais, mais do que unidos ! Tu fizeste
Doce Encanto ! que eu fosse mais que teu.
Lembra, lembra-te qua do me diceste—
Meu Bem. Eu nao sou tu, tu nao hes eu ?

Faz de duas vezinhas gotas de agoa,
Huma so a invencivel attraccao.
Forma Amor em celeste ardente fragoa
De nossos coraçoens hum coraçaõ.

Mesma vontade, mesmo pensamento
Mesmos dezejõs, mesmo terno ardor,
Somos em fim (que gloria que portento !)
Nao dõs amantes ; mas hum mesmo Amor.

Oh gloria incomprehensivel ! quem me dera
Palavras dignas do que amor me influe
Ou as tuas, meu Bem ! e entao dissera
Quanto n'hum breve abraço Amor inclue.

N'hum breve abraço ? oh Ceos ? e porque breve ?
Sois bons, e ate a morte nao durou ?
Tudo podeis, e a oppor-se ha quem se atreve
A vossa maõ, que as almas nos ligou ?

Impias leis, e costumes dos humanos !
Que hum innocente abraço embaraçoes,
Tam diverso dos gostos vis mundanos.
Como de pejo as faces nao coraes ?

So de abraçar-te a gloria aos Ceos e ao Fado
Peço para antes e depois que expire.
No seio da Virtude reclinado
A que mais gloria quereraõ que aspire ?

Sim, do terrestre corpo libertados
Viver em fim (que Amor que o diz nao mente)
De Deus no seio hiremos abraçados
Doce estreita continua—eternamente.

Isto dizia hum tam perfeito amante
Que nem tempo presente, nem passado,
Nem mostraraõ ainda semelhante
Fabulas de Poeta namorado.

No golfo de tam grata eternidade
Com a contemplação se submergio,
Embebido na quasi realidade
Até que a Aurora ao Sol a porta abrio.

O mizerrimo Amante mal sonhava
 Que de dentro da horrenda escuridao
 De huma nuve infernal ja levantava
 Sobre elle a Desventura a cruel mao.

Todo o seu gosto que empregado tinha
 No agrado do seu Bem, todo o perdeu.
 Perdeo a gloria de dizer.—He minha.
 So se avienta com dizer.—Sou seo.

NOITE SEM SOMNO.

Imagem! nao por dextra mao pintada;
 Ou em precioso marmore lavrada;
 Mas por mao da Virtude e Formuzura,
 N'huma alma impressa—oh Deuzes! fraca e pura.
 Imagem, que o meu Bem agora auzente
 Offreces quasi aos olhos meos presente,
 Cauza unica da minha distraccao
 Minha mais doce, e seria occupacao.
 No somno, á noite, ou no occupado dia
 Sempre desta sua alma companhia,
 Desta sua alma para amar nascida
 Com tigo ao menos sempre sempre unida.
 A cuja vista a mais severa pena
 Do semblante enrugado o horror serena.
 De teu resplendor cego se nam vejo
 Da fortuna outros dons, nem os dezejo
 Quanta me dá suave recompensa
 Sua mais que bellissima presenca!
 Virtude, Graça, Engenho, Amor, Pureza,
 E em que grao?—quasi encobrem a Belleza
 A Belleza que so converteria
 O duro gelo em fogo, a noite em dia.
 Olhos—oh luz ternissima e divina
 Que o mais sublime e puro amor me ensina!
 Que ao estúpido Mopso nao agrada
 Pelo desprezo seu melhor louvada.
 De olhos vulgares pode o movimento
 Dezejos accender por hum momento
 Olhos vulgares matao de amores,
 Vida, e Amor dao vossos resplendores.

Olhos—em cuja doce claridade
 A alma exhala a celeste suavidade
 Olhos, olhos!—oh Ceos! vos que os fizestes
 Vos o nome dizei que entao lhes destes.
 Oh Imagem! principio d'attracção,
 Que invencivel me leva o coração,
 Leva-o? ou elle mesmo alvoraçado
 Voa? para seu Bem mais que adorado.
 Quantas vezes pergunto estupefacto
 Se hes da Virtude ou do meu Bem retrato.
 E huma voz d'entro d'alma—nao sei donde,
 “Pois nao he tudo o mesmo,” me responde,
 Tu que a Virtude amado tens sem vêla
 Vê no teu Bem agora como he bella.
 Começa a dar-te a paga merecida
 Benigno o Ceo de huma innocente vida.
 Do Ceo murmurar deixa o vulgo rude
 Ve na Virtude o premio da Virtude.
 Voz intima e por certo mais que humana
 Se o Ceo os innocentes nao engana.
 (Como de me enganar posso ter susto
 Se me prova talvez que o Ceo he justo?)
 Voz, quanto mais a escuto, mais me anima
 A amar meu Bem, mais alma me sublima.
 Original da Image encantadora
 Que do somno me estas privando agora,
 Objecto amabellissimo, ineffavel
 Cada dia, hora, instante mais amavel,
 Se hoje em sonhos nao queres ser amada
 Voe ati toda esta alma arrebatada;
 A força augmenta da attracção possante
 Goza de tudo, goza o teu amante.
 Unidos ambos—oh! e estais tam perto?
 Meu Bem!—deliro, sonho ou estou desperto?
 Ambos unidos em mimoso laço,
 Faces, bocas unidas—ah que faço?—
 He ar—quando que a abraço me parece
 A mim me abraço, e em ar se desvanece.
 Mas porque hesito com abraço estreito
 Cingir me—ah dize, nao hes seu, meu peito?
 Oh meu Encauto! ah dize-me, esquecida
 Podéras ser ainda alem da vida?
 Pode do tempo a maõ frequente e dura
 Na minha alma apagar fua figura?
 Se altas montanhas entre nos se erguerem,
 Largos rios com impeto correrem,
 Se espessas selvas nunca penetradas
 Campinas cruelmente dilatadas

E outras selvas depois é outras campinas
 Famintas feras e naçoens ferinas
 Entre nos estender Fado tyrano;
 Se bramir entre nos todo o oceano
 Se entre nos se metter inexhoravel
 Da Terra a curva espada impenetravel,
 Dize, meu Bem, dize-o tu só; e hade
 Em toda a inteira angustia da saudade
 Perfeita angustia, angustia sem mistura
 Ensopada em mortifera amargura,
 Hade a imagem que está tao bem gravada
 Na phantezia mais que namorada
 Fugir-me? oh! julgas tu, que hade somente
 Começar a apagar-se levemente?
 Deixará tua falta de a avirar?
 Ou quando vivo assim de a contemplar,
 Cada vez mais co' a fria negra maõ
 Deixará de apertar-me o coração?
 Se so lembrada faz que huma alma forte
 Affeita a muito a desprezar a morte,
 Trema gele desmaie espavorida
 Pode deixar de me matar sentida?
 Ou se talvez então mais occupado
 Em adorar-te quanto mais lembrado,
 A tua imagem todo unido absorto
 E á tudo o mais cego insensível morto,
 O tempo me correrá docemente
 Quasi sem advertir, que estás auzente.
 Ah! eu vejo a alma anciada que fluctua
 Entre a imagem prezente e auzencia tua.
 Quando aquella consola, esta atormenta;
 Devora-me huma, e outra me alimenta
 Qual vencerá! Sois justos Ceos supremos?
 Se o sois, ah! nunca nunca o saberemos
 Vai voando o vulgár grosseiro amor
 Qual borboleta vai de flor em flor.
 Ve luz, e á ella namorada corre,
 Goza queimando-se, e em gozando morre,
 Chamma que consumindo resplendece
 E co' alimento, que queimou, fenece.
 De gozar so tem vida na esperança
 Que muito que se extinga assim que alcança.
 Quem abraza do vulgo o coração
 Não he amor, feros desejos são.
 Da especie são do somno, sede, ou fome
 Nem merecem de amor o sacro nome
 Não, não merecem—nelles nascimento
 Tem dos tormentos o peor tormento,

Os loucos, turpes, vis, infernaes zellos
Dize capazes somos nos de telos.

Oh mal, mal sabe o vulgo dos amantes
Quanto de que he amor estaõ distantes.

Amor! nome suavissimo e sagrado!
Pelo vulgo a loucura e vicio dado.

Amor profanaõ por diversos modos
Ou ao menos o ignoraõ quasi todos.

Huns o pintaõ rapaz cego frecheiro,
Outros tyrano ou vil interesseiro.

E os poucos bons que o nome de amizade
Lhe daõ, quanto inda distaõ da verdade.

Divina força Espirito celeste
Que so de te sentir poder me deste,

Se para alliviar o coração
Da pezada suavissima oppressaõ

Podera com palavras explicar-te
Ou nos suspiros e olhos meos pintar-te.

Se conhecer-te o mundo vao podera
Para a virtude atraz de ti correra.

Mas oh! quem sem virtude pode ver-te?
Quem sem sentir-te pode conhecer-te?

Ah! do meu Bem no angelico semblante
Com que gloria o admiro radiante!

Amor de especie mais sublime e pura
Respira, quando em sua formazura

A minha alma contempla quasi louca
Face attractiva e attractiva boca.

Rosto que encanta affavel ou sizudo
Olhos, palavras, movimentos, tudo.

Pode nunca esquecer-nos esse dia
Em que por mais que humana sympathia

Sentimos nossas almas attrahidas
E para sempre e para sempre unidas?

Tosca estreita Palhoça, a fortunada
Em que a nossa uniaõ foi celebrada!

Tosca estreita Palhoça, em ti contemplo
De todo o mundo o mais augusto templo,

Que mais augusto, e esplendido apparato.
Que mais solemne e respeitavel acto.

O Ceo—dize, meu Bem, do Ceo naõ vias
A maõ em tudo quanto em nos sentias?

Sim nosso amor o Ceo nella approvou.
Maons e almas o Ceo nos enlaçou.

Pergunte o vulgo vao, que amor juramos,
Que fe? demos as maons e suspiramos!

Com promessas do sustincto a liberdade
Querer ligar! redicula vaidade.

Os loucos juramentos dos humanos
 São crueis mas fraquissimos tyranos.
 Amor se o mundo vis prizoens lhe tece
 Sacode as azas e dezaparece.
 Jurar? e o que? qualquer de nos não via
 Tam claro no outro quanto em si sentia?
 Cheio de amor, admiração, respeito,
 Quando a mão me tomou e unio ao peito,
 Não via, oh Ceos! não via a luz divina
 Que de dentro da forma christallina
 De gloria enchendo quanto a rodeava,
 A virtude, que a anima, derramava?
 Não via absorto a affavel magestade?
 O Amor, Amor angelico, a verdade?
 Goza meu Bem, em quanto a sorte avara
 Com tanta crueldade nos separa,
 Goza do allivio que nos concedeo
 De dizer com certeza, he minha! he meu!
 E se he força que até ao fim da vida
 Tam injusta distancia nos divide,
 Morramos, quando grato aos Deuzes for.
 N'algum tranze suavissimo de amor
 Viviremos entao. A alma o affirma
 E inda mais o amor nosso mo confirma.
 Livres de todo o humano injusto laço
 N'hum sempre estreito amante eterno abraço.

Estas são as poucas obras poeticas, que podemos obter deste homem extraordinario. Não nos lizongeamos que sejaõ tam correctas como quando sahiraõ da sua pena; mas cremos pelos manuscriptos que temos conferido, que pouco poderaõ deferir das originaes. He huma perda sensivel para a literatura, que as outras obras deste genero que sabemos o author escrevera, e mesmo traduçoens que fizera de poetas Inglezes, de que tinha vastissima lição, e algumas de poetas Gregos, se não possaõ conseguir, a pezar das diligencias que temos feito pelas recobrar; logo porem que algumas d'ellas nos venhaõ as maons, as publicaremos em o nosso Jornal, não so como hum objecto de prazer e instrução para nos e os nossos leitores, mas como hum tributo dividido a sua memoria. Deploramos amargamente a morte prematura, que arrebatou este profundo sabio no meio da sua carreira, cauzada talvez pelos desgostos e intrigas de que foi victima. As sciencias mui cedo foraõ

privadas de hum brilhante descobridor, a patria de hum genio transcendente, a humanidade de hum bello ornamento, e o amor de hum dos seos mais puros e sublimes cantores. Com effeito o "Abraço" e a "Noite sem Somno" mostraõ bem o que este sentimento tem de mais refinado e mais bello; daõ a ver o tacto subtil e delicado, que possuem os verdadeiros poetas, pelo qual elle só pode ser descripto; isto he, esse formoso ideal de sentimento, que o instincto por si só não pode suggerir, mas que he obra de huma viva e creadora imaginação; e que faz o melhor ornamento da natureza humana. A pequena Ode, que a dor e resignação de huma alma grande parecem ter dictado, he de huma excellencia sem igual no seu genero. A emoção que ella cauza, anuncia o verdadeiro philozopho, o homem de apurada sensibilidade, e o religioso sem fanatismo.

O nome de Jozé Anastacio da Cunha terá pois hum lugar sempre distincto no catalogo dos homens illustres; e recordando-nos dolorosamente essa combinação infausta, que mais de huma vez temos visto, de merito e desventura, de gloria e desdoiro nacional, atrahirá sempre a seu tumulo, ornado de louros e ciprestes, huma lagrima de sympathia terna e grãta veneração!

As seguintes peças são tambem dignas da publica recomendação. Os objectos, que os seos authores dezempenhaõ, são objectos nacionaes e difficeis. As Muzas Portuguezas não cessaõ de apparecer no theatro da litteratura. Huma que tem brilhado, como a de Santos e Silva, o insigne cantor da "Sepultura de Lesbia," outras que principiaõ a raiar com hum lustre esperançoso, como a de Guimaraens, e Costa. Hum no Brazil, e outro em Portugal, igualando os sublimes assumptos, que tractaraõ com tanto briiho, mostraõ ao mundo que o nome Portugues he illustre em ambos os hemispherios.

VERSOS

Que José Pedro da Silva, fez imprimir, para distribuir, como costuma, e que additou á sua *Iluminação* na Praça do Rocío de Lisboa, pelo plauzível motivo do Faustissimo dia Natalicio de S. A. R. a Serenissima Senhora D. Carlotta Joaquina, em 25 de Abril de 1812. No centro da costumada profusaõ de lumes, estava collocado o Retrato de S. A. R., pintado por Henrique José da Silva, tendo aos lados as Inscriptões seguintes.

DO LADO DIREITO ESTES VERSOS.

Na Iberia apenas os teus dons fulgiraõ,
Carlotta excelsa, dos Bourbons Herdeira,
Mortaes, e Numes jubilo sentirão,
Surrio-se a vasta Natureza inteira.

DO LADO ESQUERDO ESTES.

Retrilha affoita as vagas espumantes,
Da oppressa Hespanha Augusta Successora;
Dos Povos, por te verem anhelantes,
O refugio vem ser, e a Vingadora.

ODE.

De nascer, e morrer em giro eterno
Cançado Phebo pulcro,
Depois que de seu Berço recamado
D'aljofares, e perlas,
Hoje sahira, e que tocára quasi
Em seu meio caminho
A doce Escala a seus fulgentes raios,
Os Brazís venturosos,
A prumo já do Ponto lédo, opimo,
Onde seu nome dérao
Mez ao Rio, e o Sacro Dia ao Porto,
Ora Emporio do Mundo :

Ah! nao` mais (so comsigo Elle dizia)
 Nao` mais de tal excesso
 Em tao` extença rota! o negro Occaso,
 Onde outr'ora tendia
 Meu rubro coche, a pena desmerece
 D'huma via tao` longa!
 A preciosa Hespanha, Lysia amavel,
 A qual dellas mais linda,
 Q'em minha antiga, perenal Carreira
 Eu jamais me fartava
 De vizitar, e vêr, dilicias minhas,
 E de Jove recreo,
 Por influxo fatal, Viuvas, Orfaas
 De Joao, e Fernando,
 Pouco me attrahem ja, disvellaõ pouco! . . .
 Neste centro apprazivel,
 Onde por dita d'Ambas, a bem do Orbe,
 Dilacerado, oppresso,
 As glorias d'huma; e d'outra as esperanças,
 CARLOTTA, em si preserva,
 Reluzir ea farei perpetuo Dia
 Em rizo, em mimo, em graças,
 Cada vez mais gentil, mais bello sempre:
 O Resto d'essa Europa
 Q'assim degenerado; obtuso, e cego
 Oscula, abraça o jugo
 Do curso assolador, e que sem pejo
 As trévas lhe promove,
 E o luto applaude, em luto gema, e trévas,
 Sem mais olhar me a face! . . .
 Disse, e parou; mas Jove Omnipresente
 Q'immutavel, e fixo
 Em seus tremendos, tacitos Decretos,
 Nao` manda nem precisa,
 Que suas priscas Leis Natura inverta
 Em sua altiva marcha,
 A fim de castigar d'Impios perversos
 A força, a trama, o dolo,
 Em quanto lhe pezar na Dextra fulva
 O Raio vingativo,
 A demora lhe incrépa, e assim lhe torna
 Em voz de si terrivel,
 Q'avante impelle os rapidos Ethontes,
 Sem que por tempo largo
 Exijao` mais o troador flagello:
 Procsegue, nem t'importe

Do tetro Usurpador intriga; ou vanha,
 Com a de seus nefandos
 Satellites iniquos, a quem tenho
 A punição guardada!
 Vai, aclára entretanto a piza illustre
 Dos Varões portentosos,
 Que por Fernando, e por Joaõ derramao
 Suor, e sangue, e vida
 La nessa mesma invicta Lysia, e Hespanha,
 Dignas de Luz eterna;
 N'huma nasceo Carlotta, impera em Outra,
 E talvez inda hum dia
 Em ambas dicta as Leis, domine em Ambas
 A Paz volvendo ao Mundo.

SONETO.

Viera o doce Abril, e os Terreos Lares
 Bordar-se viaõ de fragrantés flores,
 Aos campos matizando lindas côres,
 Brio, esmalte accrescendo aos vitreos Mares:
 Gentís Volateis povoando os Ares
 Seu gorgêo duplicaõ, e em fulgores,
 Ou dia, ou noite, os Astros nutridores
 Fingem reproduzirem-se a milhares:
 Parecia, q'em torno léda, e lhana
 Os Cofres seus a Natureza esgota,
 A fim d'embellezar sua Obra ufana;
 Ah! tudo, menos Eu, revive, e brota
 Em nova graça, exclama a Espece Humana;
 E compassivo o Ceo lhe dá Carlotta!

Por Santos e Silva.

VERSOS

Que no dia 13 de Maio de 1812, faustissimo anniversario de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, distribuio José Pedro da Silva, havendo illuminado as casas de sua residencia na praça do Rocio, como indica a seguinte Descripção.

No Centro hum magestoso Quadro, onde ao proprio
se representa a Effigie de S. A. R.
Lysia offerendo-lhe o coração de seus Vassallos, e hum
Genio amostrando na fita, que suspende o Quadro,
este Verso :

TEM SOBRE CORAÇÃO ES FIRMADO O THRONO.

Do lado Direito :

Eis Joao, eis o Principe jucundo ;
Em Africa, em Europa, em Asia Impéra,
America o possue ; nao ha mais Mundo,
Mais havendo, adorar-se lá fizera !

Do lado Esquerdo estes :

Com este Sol numéra lustros nove,
Hum sem o vêr lamenta Lysia chára ;
Se do Sol a privasse hum lustro Jove,
Talvez Lysia nao tanto lamentára !

Santos e Silva.

GLOSANDO O VERSO DO CENTRO.

SONETO.

Se em nossa idade, oh ! Jupiter, quizeste,
Com terrivel aspecto olhar a terra,
Se os males todos da sanguinea guerra
Surgir do negro Bárathro fizeste :

Outorgaste a Joao poder celéste,
Que o pertendido Heróe de longe aterra ;
Monstro dos Monstros, que no peito encerra
Tartareas Serpes, que vomiaõ peste.

Joao, d'altas virtudes coroado,
Olha nos filhos seus o firme abono
De hum futuro feliz, sempre invejado :

Nunca em Lysia hade vêr intruso Dono,
Que dos Lusos fiéis amante, e amado
Tem sobre coração es firmado o Throno.

Por M. A. de Barros.

GLÓSANDO O VERSO DO CENTRO.

SONETO.

Thronos ha tido o Mundo, que producto
 Foraõ taõ só das Leis, e Sangue herdado,
 Quaes d'esde longo tempo celebrado,
 Os goza Portugal indissoluto :

Outros naõ foraõ mais, q'excelso fructo
 Da Justiça, e do Mérito elevado,
 Qual Viriato, e qual Sertorio honrado,
 Reis, ou Chefes, por sólido attributo :

Taes houve, e inda os ha, a quem Cobiça,
 Ou Accaso erigio ; contra seu Dono
 Fervendo execrações, q'a raiva atiça !

João sómente, em seu mais alto abõno,
 Além de o ter nas Leis, e na Justiça,
 Tem sobre coraçõ es firmado o Throno !"
Santos e Silva.

O D E.

Eu, se o Cantor do Tybre,
 Ou se o Thebano me doasse a Lyra,
 Hoje, montando affeito
 No ardente Carro de Thymbreo fogofo,
 O sem medida espaço correria
 Até dar nos umbráes da Eternidade :

E, erguendo-me soberbo,
 C'o facundo buril do Enthusiasmo
 Hum Nome gravaria,
 Que, ficando entre todos o primeiro
 No summo capitel, melhor que todos,
 Assim como no Tempo, alli brilhasse.

Que Nome?...Hum que desdoira
 Os priscos, aureos sonhos. Ah ! já cuidoo
 Que o torvo supercilio,
 Ouvindo-o, alizao carrancudos Fados !
 O Nome de João, que em Lysia vale
 Mais do que Tito em Roma, Aurelio, ou Numa.

Porém, se novo Cysne
As Delphicas balizas não transponho,
Posso ao menos singellos
Da Verdade accordar os sons na Lyra ;
Posso ao menos, unido á Patria minha,
Em seu fausto Natal cantar seu Nome.

O' Lysia, eu bem te escuto,
Cuidosa repassando as Er'as todas,
Contar que ha já completos
Giros de Phebo cinco vezes nove
Desde quando, Astros novos, scintillárao
Os olhos de Joao na Esphéra tua.

E oh ! como, de prodigios
O intervallado tempo semeando,
Com Thémis, com Astrea,
Ou já com Marte revezando as lidas,
Máo grado ás mil Politicas procellas,
Tem com gloria Joao sustido o Sceptro !

Corre sobre Ulysséa
A Córscica torrente impetuosa ;
Da Prudencia no escudo
João rebate ao Despotismo os golpes ;
E, á Britannia alliança recorrendo,
Com força aberta lhe reprime a força.

O' minha Patria, ó Lysia,
Em quanto a Europa trepidando geme,
A triumphal Cabeça
Ergues ufana de laureis cingida ;
C'o influxo de JOÃO voando ás armas
Sempre a victoria te precede a marcha !

Mas ai ! já quatro vezes
Tens visto renascer seu alma Dia,
Suspirando por vê-lo,
E debalde por vê-lo suspirando !
E, manchado c'o as sombras da saudade,
Vai teu prazer de pranto humedecido.

Apressa, apressa, Wellington,
A carreira feliz dos teus triumphos ;
Por elles Lysia espera
Vêr outra vez seu Príncipe em seus braços...
Se Tu lho restitues, em seus louvores
A' Fama eterna voaras com Elle.

N. A. P. P. M.

O D E.

DEIXANDO o Berço de purpúreas rosas,
 Que lhe serve de leito, e os jasmims alvos,
 Q' o sobreceço lhe formaõ, guapo, ledo,
 Como em Dia de galla, Phebo altivo
 D'entre as diversas Estaçoens mimosas,
 Que lhe saõ guarda-roupa, a tela rica
 Do manto luminoso, que mais preza,
 D'aromas, perfumado, já pedira
 A' grata Primavera, e a dextra ornando
 Do fulvo Sceptro, que Monarca o inculca
 Dos Astros rutilantes, sobre a frente
 O gemoso galero, e á planta aptado
 O Luzente cothurno, as aureas redeas
 Já brandis dos fulgidos Ethontes,
 Q' insoffridos da marcha fremem hinnem,
 Mordendo o argenteo, freio, e bocejando
 Orvalhados da noite, e mal despertos,
 Ceos, e Terra d'aljofares rociao,
 Em torno fluctuando ás rubras rédeas
 As igneas borlas, e fendendo os áres
 Do cocar multi-cor a pluma acceza!...
 Eis que de Lysia o Genio, q' affanozo,
 E sempre attento aos treze suspirados
 Do florecente Maio, audaz madrugã,
 Porque ao brilhante Luminar espere,
 E conduzindo o aos Climãs venturosos,
 Lhe aplane a via, os raios lhe tempere;
 Vendo-o agora partir, dest' arte exclama:
 Vai perpetuo Pharol, q' á Nau do Mundo
 Tolhes de soçobrar em cahos novo!
 Vai; mas que demudado, e que diferente
 Encontrar vás esse Paiz ditozo,
 Lysia deliciosa, Lysia amavel,
 Em cujos fidos braços, sempre amigos,
 T'apraz folgar da rispida tarefa
 Em tãa longa, perenal rotina!
 Nao te recordo os dias fortuneosos,
 Em q' esse Manoel, estreito achando
 Para ponte o Occéano, o primeiro
 Ouzou vir convidar-te, e attrahir-te
 Das Plagas opulentas, onde nasces,

A's Regioens opimas, onde morres ;
 Dias abençoados, em que o Téjo
 Por sua foz arfando em seu tributo,
 Senda trilhando, d'outro não trilhada,
 Via quanto produzem Indo, e Ganges.

Menos eu te recordo os dias faustos
 D'essa adoravel, immortal MARIA,
 Q' embalsamada em vida, e de dois Mundos
 Aos trabalhos affeita, os Ceos prezumem
 Por Elysios talvez o chaõ, que piza,
 Porque nelle a demorem, qual Modélo
 De Virtude exemplar ao Orbe insano ;
 Dias d'oiro, em que a placida bonança :
 A paz, os bens, e as sólidas riquezas
 Do vasto Globo, em Lysia pareciao
 Ponto fazer, e della circularém
 A pró do Mundo, q' inanio com ella!

Basta que de JOAÕ confrontes dias
 Com dias de JOAÕ: espaço longo
 Inda não ha, que vias apoz Elle,
 Mal o disco tocavas, que hoje tocas,
 Nessa propria Metrópole das Gentes
 Correndo á competencia o Rizo, e as Graças,
 Com o Oiro, a Prata, e as Joias, por beijar-lhe
 A Maõ Augusta no Belem devoto,
 Ou no ameno Queluz : ao mesmo tempo
 Q' esquecido de Jove o Bronze duro,
 Por Mar, por Terra em éccos rebombava,
 E unido aos Vivas d'huma turba immensa
 O Nome de JOAÕ subia aos Astros !
 S'hoje essa Capital bem tu notares
 Pouca será reminiscencia tua
 A fim de conhecêlla, ermas, dezertas
 Ruas, e Praças no pomposo dia,
 Que delicias foi suas, figurála
 Has qual triste Viuva, que só lembra
 Seu dia Natalicio, porque chóre
 A perda infausta do querido Esposo,
 Unico esteio á mizera Familia !
 E essa mesma Nobreza, q' inda á pouco
 De prazer não cabia em si, no Mundo,
 Exulada verás, banida, errante
 Por feio dólo, e por cabála enorme :
 Ou do ferro vestida, em frente aos Campos,
 Obrigada a arrostar as Santas Quinas,
 Que o Ceo creou, que só por Deos brigááo,

Contra vis Salteadores, crus, nefandos,
 Que desconhecem Deos, que Ceo não temem !...
 Oh Sol! oh Sol! s' he certo, s' he constante,
 Que primo Agente, ou que Ministro primo
 De Jove sempre igual, de ti dimana
 O bem, e o mal, a provida saude,
 E o mórbo infesto ás Terras sempre injustas,
 Vai, e ao passares pelo fóco iniquo
 Da Praga horrenda, que devora o Orbe,
 Tua peste, e teus toxicos désata
 Sobre o monstro feróz, motor da Guerra,
 Do incendio, da rapina : e quando chegues
 A' baliza gentil do teu caminho
 O Cofre esparze de teus dons preciosos,
 Conforta, anima, os coraçoes bizarros,
 Q' á liberdade o sangue, e a vida imólaõ;
 As terras abençõa, e sobre tudo
 Os escarceos, as vagas amacia
 Do Pélago inconstante ; porque volva
 JOAÕ de novo aos cubiçosos lares,
 E Lysia torne a ser quem d'antes era !...

Santos e Silva.

ODE.

*Forse un di fia che la pressaga penna
 Osi scriver di Te quel ch'or n'accena.*

Tasso Gof. Cant. I. St. 40.

Quando tentava desferir na Lyra
 Portentosas açções de Heroes valentes,
 Que em Europa, Asia, e Africa ensoparaõ
 Em sangue a imiga terra :

Quando entre turbilhões de fogo, e fumo
 Ja Sampaio eu via, Castros, Cunhas
 Sobre cahidos thronos, razos muros
 Ir tremular as Quinas!

Fragrante exhalação (qual sahe das rosas
 Ao surrir da manhã) perfuma os ares,
 E, ao fulgor de hum relampago, me assoma
 Donzella sobre humana!

Na fronte a laurea, em purpura cingida,
De neve o cincto, o manto de esmeralda,
Solta a voz, que dos Ceos remeda a fraze,*
E que serena os Ventos.

‘ Vate, (ella diz) não mais! de sanha, e de odio
“ Embreagado o Mundo assas tem visto,
“ E ouvido, com prazer, soar no Pindo
“ Da humanidade o estrago.

“ Oh não foi o tal fim, q’entre meus braços
“ Te surri ao nascer; que a Lyra de ouro†
“ Te confiei benigna, e no teu peito
“ Soprei divino alento.

“ Busque o arco Phebeo alvo mais digno,
“ E hoje qu’ a esphera lucido abrilhanta
“ O Dia de Joao, do Ismeno as flores
“ A Joao se tributem!

“ Joao, mimo dos Ceos, de Jove Alumno,
“ Da Patria Redemptor, do Mundo exemplo,
“ Prole de Reis Heroes, Heroe mais q’elles,
“ Da Liberdade esteio!

“ Remove á Lusitania a dextra sua
“ A negra Escravidao! . . . franco he seu peito
“ A’s lagrimas do afflicto, que alli pode
“ Depor sua amargura.

“ Comêo a hum riso de Jove a terra exornao
“ Metaes, Arvores, Rios, Plantas, Flores:
“ Ao favor de Joao Sciencias brotao,
“ E as melindrosas Artes.

“ Pasma o inculto Brazil, vendo em seu seio
“ A Policia d’Europa, as Leys, e os Uzos,
“ Vendo fructificar-lhe a Industria os Campos,
“ Erguer Palacios ricos!

“ Soberbo, reclinado em montes de ouro,
“ Vê como verga o mar, gemendo ao pezo
“ De mil, e mil Baixeis, q’lhe conduzem
“ Tributos de dois Mundos.

* Lucevan gli occhi suoi piu che la stella:
E cominciò a dir soave, e piana,
Con angelica voce in sua favèlla.

Dante Inf. Canto 2º

† Quem tu, Melpomene, semel
Nascentem placido lumine videris. Horat.

- “ Tanto deve a Joaõ! oh fausto Nome! . . .
 “ Nome sempre famoso em vossa Hesperia! . . .
 “ Eterno sejas no Orbe, e de Evo, em Evo
 “ Medrando vas em gloria! . . .
 “ Oh Nome de Joaõ! por Ti tres vezes
 “ Saccodio Lusitania o jugo estranho! . . .
 “ Oh Nome de Joaõ! por téu influxo
 “ Espera a Paz o globo! . . .
 “ Sim, eu vejo-a descer em rosea nuvem,
 “ Vem com ella a Virtude, e Amor, e as Graças,
 “ Riem-se os Montes, riem-se as Florestas
 “ Da Deosa á grata vinda!
 “ Desfaz-se a escuridaõ, q' assombra a Terra
 “ Quem a espada brandio, cultiva as messes,
 “ Quem deo planos de morte, as Leis protege;
 “ Nasce a geral concordia.
 “ E, curvando o joello, e as maõs erguidas
 “ Em torno ás aras, enflorada a frente,
 “ A Joaõ como a Numen daraõ culto
 “ As Naço'es do Universo.

Costa.

 EPICEDIO

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo
 de Sousa Coutinho, Conde de Linhares, Senhor
 de Payalvo, Conselheiro de Estado, Ministro e Se-
 cretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da
 Guerra, Graõ Cruz das Ordens de S. Bento de Avis,
 e da Torre e Espada, e Commendador da Ordem de
 Christo, &c., &c., &c. Offerecido á Illustrissima e
 Excellentissima Senhora Condeça de Linhares. *Por*
Manoel Ferreira de Araujo Guimaraes.

EPICEDIO.

*Non sibi, sed patriæ vixit, regique, suisque,
 Quod daret, inde dives; felix numerare beatos.*

Assim aguia veloz, cortando as nuvens,
 Vai de Phebo libar o lume eterno,

E dos mortaes os olhos assombrados
Seu trilho não rastejaõ.

Assim por Boreas bafejado o lenho
O salso campo de Neptuno lavra,
E de balde a Saudade mesta espreita
Vestigios de momento.

Maligna inveja, alçando a face horrenda,
Ora entre os immortaes procura o Justo*,
Contra quem despedio com furia brava
A setta envenenada.

Coutinho sobre as azas da virtude†,
Traspondo os astros, por vereda ignota
A' sedenta ambição, ao ocio torpe,
Encara a Eternidade.

Com suspiros saudosos Lysia expressa
Da perda ingente o amargo sentimento,
E culpa em sua dor o Ceo tyranno,
O Ceo que lho roubára,

Fatal necessidade ! Lei soberba‡,
Que os perversos e os bons baralha injusta !
Que não possa esquivar se á Urna Ingrata
O nome de Coutinho !

Levanta o vôo, ó Musa luctuosa,
Deixa da Sepultura as frias margens,
O Heroe, que merece os teus louvores
Da Parca tu defendes§.

* Virtutem incolumem odimus,
Sublatam ex oculis quærimus invidi.

Hor. L. 3. Od. 24.

† Virtus recludens immeritis mori
Cælum, negatâ tentat iter viâ,
Cœtusque vulgares & udam
Spernit humum fugiente pennâ,

Id. L. 3. Od. 2.

‡ Equâ lege necessitas
Sortitur insignes & imos :
Omne capax movet urna nomen.

Id. Ib. Od. 1.

§ . . . Dignum laude virum Musa vetat mori,
Cœlo Musa beat.

Id. L. 4. Od. 8.

Deixa á Morte os despojos mentirosos,
E em firme mausoleo que o tempo insulte,
Da tua gratidão grava a lembrança,
E do Varao a gloria.

Ainda em verdes annos esgotava,
Da Sciencia os arcanos mais sublimes,
Espantou-se o Mondego dos talentos
Do segundo Bernoulli.

O Pado vê do zelo mais ardente,
E profundo saber nobres ensaios,
Em quanto da Nação da Patria amada
Os direitos sustenta.

O Pado e o Doria virao ternos laços
Hymeneu apertar com bons auspicios,
E as chammas, que accendeu nos firmes peitos,
Já mais se entibiarão.

Já de Lysia feliz ao vasto Imperio
Encosta os hombros com valor prestante,
Qual o robusto Atlante o globo immenso
Sustenta denodado.

Caudaloso Amazonas, Indo, Ganges,
Quantos do claro Tejo as leis recebem,
O collo inclinão ao Monarca Excelso,
E o Ministro respeitão.

Intrepida Marinha arrostra os perigos,
Debella os inimigos, vence Eolo,
E de Joao á Dextra entregaria
De Neptuno o Tridente.

Mas não bastava que de Pitt a estrada
Trilhasse gloriosa : novo Cesar,
Em quanto algum rival vencer lhe falta,
Nenhum vencido julga*.

Colbert, Richelieu, fracos modelos
A' Sua imitação inda prestavao,
O Amigo do Seu Rei, mais que Ministro,
Sully he Seu exemplo.

* Nihil putans actum, siquid superesset agendum.

Tacit.

Em fervidas procellas, entre escolhos,
 Por miseros naufragios infamados,
 Guia o ufano baixel seguro e forte,
 As ondas nao recêa.

Nuvem ligeira esconde agora o Sabio,
 Que brilhava, qual Phebe entre as estrellas,*
 Aos Livros volve, aos Livros companheiros
 Na muda soledade.

Assim de Roma nos vieçosos dias
 Pequeno campo cultivava ledo
 Illustre Senador, que as leis dictára
 Ao Orbe amedrentado.

No clima que elle preza, clima ingrato,
 O amor da Patria desenvolve extremo,
 Da Inteiresa escudado e da Verdade,
 Que o berço lhe embalárao.

As Sciencias que fogem de Mavorte
 O sanguinoso estrepito, se abrigaõ,
 Do Throno de Joao sob os auspicios,
 No Brazil venturoso.

As vedadas prisões quebra o Commercio,
 Salta barreiras que a ambição defende:
 Por vez primeira caudalosos rios
 Sob a quilha se curvaõ.

Minerva e Pallas, em abraço eterno,
 Juraõ da Gloria transportar á Estancia,
 O Ministro immortal que o Bem do Estado,
 Nao o proprio, desvela.

Mas onde, ó fantasia, onde te engolfas?
 Onde da gratidaõ te eleva o fogo?
 Ao pranto volve, ao pranto, que he devido
 A's cinzas de Coutinho.

*Micat inter omnes
 ...Velut inter ignes
 Luna, minores.

Hor. L. 1. Od. 12.

Eu nao temo pizar accesas brazas,*
 Quando á virtude o elogio teço:
 Recêo sim que as vozes da amizade
 Suspeitosas pareçaõ.

A' Inveja deixemos triste pezo
 Da sua confusãõ, do seu opprobrio,
 O rubor, que lhe tinga a baça frente,
 Louvor he mais seguro.

—— Aut virtus nomen inane est,
 Aut decus & pretium recte petit experiens vir.
 Hor. L. 1. Ep. 17.

* Incedis per ignes
 Suppositos cineri doloso.

Hor. L. 2. Od. 1.

CORRESPONDENCIA.

SNRES. REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ EM
INGLATERRA.

Lisboa, 2 de Março de 1812.

§ I.

O TRATADO de M. Croft (muito impropriamente intitulado sobre os vinhos de Portugal) que Vm^{ccs.} inseriraõ no VII. No. do seu interessantissimo Jornal, excitou em mim ideas, que ha muito tempo germinavaõ confuza, e alternadamente sobre as vantagens, ou prejuizos que rezultaraõ a Portugal do estabelecimento da Companhia dos vinhos do Alto Doiro; e pensei por hum momento em imprimir aqui as minhas reflexoens; mas reparando no que Vm^{ccs.} referem a pag. 492 do VIII. No., e a pag. 629 do VIII., e concluindo que o assumpto he objecto de discussao actualmente entre os dois Governos Portuguez, e Inglez, mudei de parecer, receando dar lugar a altercaçoens desagradaveis com os Censores, e comprometter-me, se me representassem com falsas cores ao nosso Governo, que ninguem respeita mais do que eu, nem pode estar mais arredado da ten ao de o offender, pois tenho a honra de conhecer pessoalmente alguns dos seos Membros, tao estimaveis pelas suas qualidades particulares, como todos juntos saõ respeitaveis pelo notavel Patriotismo, e talentos que tem mostrado nas difficeis circumstancias em que se tem visto — O assumpto he da maior importancia para a nossa Naçaõ; porem com a impressao de livros sujeita a huma rigorosa, e previa censura, duvido que jamais questaõ alguma d'Interesse Publico possa entre nos ser tratada com aquella reverente * liberdade

* Sempre me cauizou admiraçaõ a liberdade com que Joaõ de Barros Diogo de Coito e os mais A. A. Portuguezes escreveraõ a historia do seu tempo! O facto he que o Alvara de 4 de Dezembro de 1576 he a primeira fonte de ordenaçãõ Liv. V. tit. 112, que impoem a previa censura. Este tit. naõ tem o seu correspondente na ordenaçãõ de El Rey D. Manoel. Logo os gloriosos Reinados de D. Joaõ II, de D. Manoel, e grande parte de D. Joaõ III. pederãõ passar sem previa censura.

dãde, que he necessaria, para que o Governo venha a con-
hecer qual he o sentir dos Homens instruidos na theorica, e
na pratica dos Negocios.

Se os Censores se limitassem a absolver ou condemnar
o M. S. debaixo de certas rubricas, sem se intrometter no
merito da obra, penso que se affastariao menos os Authores
do que succede prezentemente—ou ao menos doque tem suc-
cedido nos tempos passados, pois a guerra tem actualmente
absorvido a attençao geral, de modo, que poucos escriptores
se podem agora esperar em assumpto que nao seja relativo á
mesma.

A censura rigorosa do M. S. parece-me hum instrumento,
cujo gume se volta contra o Governo, que delle se serve, as-
sim que tiver alguma discussao de interesse geral com ou-
tra Naçao, emque a Imprensa gozar de mais liberdade.—
Nesse Paiz onde Vm^{as}. rezidem, qualquer assumpto seme-
lhante pode ser (creio eu) discutido livremente por qualquer
individuo, qualquer que seja a opiniao do seu Governo.—
Eu reprezento como huma demanda em que as duas Naçoes
seriao as Partes, e os leitores Inglezes o Juiz; e se elles
fossem imparciaes a sentença seria dada a favor da Naçao
que tivesse melhores Advogados—Nao succederia assim
entre nos, nem succedera diversamente em qualquer Naçao,
cujo Governo responde por quanto se imprime no seu territo-
rio, logo que tiver huma discussao destas com os Governos,
que seguem diverso systema.

Destes ultimos (graças á tyrannia, e crueldade de Bona-
parte) nao restao ja no mundo senao dois—a Grã-Breta-
nha, e os Estados Unidos.—Bonaparte nao só se tem apode-
rado de todas as Imprensas do Continente, onde tem pene-
trado as suas armas; mas aterrou todos os Impressores com
o barbaro procedimento que uzou com o Livreiro de Nu-
remberg—Mas esses mesmos Governos que nos seos Domi-
nios consentem a liberdade da Imprensa, soffrem mal qual-
quer coiza que se imprime em seu desabono nos Paizes que
seguem o methodo da previa censura; e quanto a mim tem
razao; porque imputao a cargo do Governo quanto se imprime.—
O argumento de que elles podem uzar parece-me irre-
zistivel.—“Se vos nao consentis que se imprima coiza que
“vos desagrade claro esta que vos agrada quanto se imprime;
“e se o impresso me offende, vos sois quem me offende—
“a vos pois peço satisfacao.”

Nao ha muitos annos tivemos nos aqui hum grande espa-
lhafato com hum artigo, que a nossa Gazeta copiou impru-
dentemente do *Moniteur*, e que apezar de ser huma relacao
official estava cheia d'injurias grosseiras contra a Naçao In-
gleza, de que o seu Representante se deo por muito offendi-

do, e muito justamente, porque a Gazeta he previamente censurada.

Eu oiço que em Inglaterra ha huma Gazeta da Corte, que ninguem lê em tempos de paz senão por negocio, ou interesse proprio, porque não contem senão promoçoens no Exército, e na Marinha, preços dos comestiveis, leiloens, &c., &c., &c., e so em tempo de guerra he interessante por ser aquella em que o Governo publica as relaçoens officiaes dos seus Almirantes, e Generaes. Se isto he assim como o tenho ouvido, e se nos imprimissemos o nosso antigo Correio Mercantil em algum tanto melhor papel, e lhe ajuntassemos agora as relaçoens officiaes, teriamos huma Gazeta de Corte verdadeiramente á Ingleza, e verdadeiramente innocente; nem precisaria o nosso Governo de responder por qualquer outra Gazeta, ou livro, pois ninguem pode dizer que lhe faltaria poder para castigar os Authores, que transgredindo as Leis, que lhes fossem impostas, escrevessem em desabono das Naçoens Estrangeiras com quem estamos em amizade.

Desculpem Vm.^{as}. esta digressão, que tem somente por objecto justificar o favor que lhes peço de inserir a minha carta no seu Jornal se a acharem digna de apparecer nelle, que para este fim a abreviei muito.

§ II.

A instituição da Companhia dos Vinhos do Alto Doiro he obra tão artificial; e tão differente de todas quantas associaçoens ha em diversos Estados, com o nome de companhia, que me parece mais facil descreve-la pelas suas qualidades negativas doque defini-la rigorosamente; e não será pouca honra para ella o resultado desta investigação, se ella ficar como o antigo elemento, o qual quanto mais attributos se lhe negão, tanto mais puro!

Ella não he por certo huma sociedade de Negociantes de baixo da mesma firma.

Não he huma associação de Accionistas para gozar d'hum privilegio exclusivo, como o são as companhias da India de varias Naçoens Europeas.

Ella não he huma reunião voluntaria para objectos Religiozos, Scientificos, ou Patrioticos, como se achão em muitos paizes.

Não he huma Sociedade formada para hum objecto temporario.

Não he hum Corpo Administrativo posto que faz regulaçoens economicas.

Não he hum Tribunal Regio puramente, posto que execute jurisdicção, poisque taobem negocea.

Não tem só por objecto favorecer a lavoura, porque a limita; nem o Commercio porque o restringe, se bem que faz avanços aos Lavradores, e procura novos mercados aos vinhos do Douro.

Não he hum Padrao levantado unicamente contra o conloio dos compradores dos vinhos; pois ella he obrigada a conceder aos Negociantes Estrangeiros favores, que nega aos Nacionaes.

Em huma palavra parece tao difficil reduzir este Estabelecimento a qualquer genero, ou especie das que se conhecem na ordem social dos Estados Modernos da Europa, que para não desvairar muito nos meos raciocinios acho necessario chamar em meu auxilio alguns principios abstractos geralmente admittidos para me servir de guia.—Quando fizer applicação dos factos aos principios geraes que vou estabelecer —ou para melhor dizer que vou lembrar aos meos leitores. Espero que esta analyse parecera o unico methodo, ou o mais livre de erro a todos os leitores imparciaes, ainda áquelles que não tiverem a minima informação das circumstancias da Companhia do Alto Douro; pois que os seos apaixonados dizem o que ella na sua opiniao deveria ser, e não o que ella he: Os adversarios pintão na com tao feas cores, que se diria que he hum Monstro, a que se deve fazer huma montaria geral ate o apanhar, e aniquilar.—Huma especie de Chimera como a da Fabula, que se precisa hum Bellerofonte para a vencer.

Deixando porem o estilo figurado, e a ironia, começarei pela exposição d'alguns factos historicos notaveis, e agora com o livro de Mr. Croft admittidos por ambas as partes, amigos, e inimigos; porque o conhecimento destes he necessario para que o leitor julgue comigo se he bem feita a escolha dos principios que reclamo, e depois a applicação que delles faço.

§. III.

Factos—O Primeiro facto de que geralmente se convem com Mr. Croft he que a cultura das vinhas d'Alto Douro he de mui recente data—talvez do anno de 1720 por diante.

De facto Duarte Nunes de Leão, que escreveu no principio do seculo XVII, exaltando a bondade geral dos vinhos de Portugal e citando alguns com especial louvor não falla dos vinhos do Douro ao menos com aquella preferencia, e importancia, com que fallaria hum escriptor moderno. Elle diz —os quaes (falla dos vinhos d'Alenquer, Torres Vedras, &c com os de Lamego, e Monção, poderiao bastecer hum Reino, deixando a parte os que se daõ na Beira; e Macedo.

—*Flores d' Hespanha, e excellencias de Portugal citando os vinhos*, refere-se a Duarte Nunes de Leão.

O segundo he que a mistura do suco de plantas para dar cor aos vinhos, como bagas de louro, e de Sabugeiro, &c. &c., e de ingredientes Chimicos, foi aconselhada aos lavradores por Negociantes, ou Feitores Inglezes.

O terceiro he que a pratica de lotar os vinhos huns com outros he especulaçãõ mercantil para fazer hum vinho medio, hum preço, e factura igual em Londres.

O quarto he que os vinhos decahirãõ tanto de preço em 1750 ate 1756 que chegarãõ a vender-se por duas ou trez libras a pipa, e que depois da creaçãõ da companhia conservarãõ sempre melhores preços.

O quinto—que os Negociantes Inglezes, ou Nacionaes, ou todos juntos fazião conloio entre si para abateros preços dos vinhos no anno de 1756.

§ IV.

Postos estes factos fora de toda a duvida, estabeleço eu os principios seguintes.

Principios—1. Se para obstar ao conloio entre si dos compradores de vinhos quando tornassem a repetir se as scenas de 1754, (e taobem para animar a lavoira, e commercio, melhorando o genero, abrindo lhe novos mercados, &c.) se formasse huma sociedade numeroza composta principalmente de lavradores e negociantes que juntassem em aççoens hum fundo adequado para comprar, e soffrer o empate dos vinhos, que comprasse: se esta sociedade em seos ajuntamẽtos escolhesse livremente o Presidente, e Membros, ou como lhe chamamos o seu Provedor, o Deputados de huma junta que se encarregasse da direcçãõ dos seos negocios—Se esta Junta obtivesse a Sancçãõ do Soberano, e que a Authoridade Real naõ intervisse, senaõ para conter os partidos, que em todas as eleiçoens atormentao os ajuntamentos hum pouco populares—Se estas eleiçoens se fizessem regularmente cada anno, ou triennio, segundo os Estatutos, que fossem adoptados, e estes se observassem exactamente: parece que nem os mesmos compradores de vinhos teriaõ justo motivo de queixa contra este Estabelecimento; e por certo o Soberano, a Naçãõ e particularmente os Lavradores teriaõ eternos agradecimentos que dar aos que o idearãõ, e promoverãõ.

N.B. Os fins propostos requeriao hum fundo ao menos igual ao valor da producçãõ annual, alem dos avanços aos Lavradores, e mais despezas.

II. Se esta companhia fosse puramente huma especulaçãõ particular, claro está, que para conhecer a quantidade da producçãõ, para examinar a sua qualidade, descobrir, ou

prevenir as adulteraçoens de generos, aconselhar a melhor cultura, e impedir os máos methodos, não poderia empregar senão meios indirectos, e estimulos de premio, mas nunca meios coactivos.

III. Se houvesse hum ou mais Magistrados propostos para impedir que Lavradores adulterassem os vinhos, e para castigar os transgressores—ninguem poderia arguir semelhante Instituição, senão com argumentos geraes, como os seguintes—1. Se a adulteração dos vinhos he hum delicto, como tal se deve reputar em todo o Reino, porque todo elle produz vinhos: porque razão se estabeleceo logo essa legislação somente para o Douro? 2. Não he pratica muito commum estabelecer-se huma Magistratura criminal, e especial para cada Crime! Porque razão hade haver huma so para os crimes de vinho? 3. Não sei que entre as ordenaçoes do Reino se lea alguma relativa ao da adulteração dos vinhos; devendo esta ser hum ramo da repartição de Saude Publica. O Senado na Capital, as Camaras, ou os Almotaceis nas Provincias deviaõ vigiar sobre este uzo pernicioso, assim como o fazem sobre o pão, pescado, fructa, &c. Poude o cuidado de não envenenar alguns poucos Inglezes mais do que o da saude de todos os Portuguezes, pelo espaço de 616 annos! 4. Porque não se pensou em achar methodos praticos (e talvez qualquer processo chimico bastaria) para descobrir no vinho a baga de louro e a de Sabugueiro, a caparroza o Pão Campeche, &c. e impor nesses cazos a pena de perdimento de vinho, que parece adequada, em vez de todo o estrago, e tribulação de devassas, denuncias, e prizoens, que arruinão os mesmos Lavradores, que se querem favorecer. O methodo de fazer os homens felizes á força de espanto, e castigos parece-me muito máo.

He verdade, que nos aqui não estamos muito acostumados a reparar nestes inconvenientes. A nossa Legislação tem huma infeliz tendencia para a pena de prizaõ ja como ultimo castigo, ja como processo preliminar—Nada ha de mais commum do que—pague, ou faça da Cadea o que muito bem se podia pagar, e fazer de fora. Seja dito sem a minima falta de respeito ás nossas ordenaçoes, que por antigas merecem dobrada veneração. Oxala que os seus preceitos tivessem sido sempre e inviolavelmente observados! Os seus defeitos, e inconvenientes teriaõ sido melhor conhecidos, e remedios com mais facilidade do que adoptando em seu lugar modos de pensar, e maximas estrangeiras, e deixando cahir as Leis em desuzo, sem as revogar, por onde se habituaõ os subditos a olhar com indifferença para a transgressão dellas, e se autorizaõ os Jurisconsultos a responder—*assim diz a Lei Romana, assim determina a Ordenação, mas não lhe posso dizer o que*

se pratica no Foro.—Repito os seus defeitos e inconvenientes, para d'hum vez atalhar qualquer imputação que se quizesse fazer-me de partidista dos principios modernos, com que os Demagogos confundirão e impossibilitarão para sempre a Europa de se aperfeiçoar nas Artes do Governo, em que ella levou sempre tanta vantagem a todas as outras partes do Mundo na historia antiga e moderna. Todo aquelle que pertender que ha legislação sem defeitos originarios, ou procedidos da mudança dos tempos; ou que ha no Mundo hum Governo perfeito, escolha o modelo, e bem depressa achará quem o convença, que esse não pode servir de Prototypo.—He logo por enxertia antes, que por amputação, como disse hum grande Author Inglez, que se devem remediar os damnos, que pelo andar do tempo se descobrem nas Instituições humanas. Deixemos a regeneração *ab ovo* aos Jacobinos sinceros, que assas castigados ficarão com o *Napoleon* que provocarem.

Não he pois tanto d'injustiças, e oppressões parciaes que se possam imputar aos nossos Magistrados, e Poderozos nas Provinciaes, que eu me queixo; he desta tendencia ao procedimento de prizaõ, que eu me lastimo, e que dezeria ver remediada, não por modo de pensar moderno, ou moderação pessoal mas por huma Lei, que assim como a da Reformação da Justiça, cahida em desuzo, fixasse com principios racionaveis os cazos em que he indispensavel proceder á prizaõ do individuo. Vm^o disserão no seu No. III. que era manifesto desdoiro, manifesta deshonra nossa exigermos os vassallos de todas as Nações hum Juiz Conservador entre nos, como se não tivessemos Juizes, ou Tribunaes.—Em abono doque Vm^o disserão accrescento que interrogado hum estrangeiro pela razão deste uzo singular respondeo—“quem pode sujeitar-se á pratica da vossa Legislação, onde por, qualquer coiza se prende hum homem?”

Os ricos naturalmente ficão izentos deste incommodo, ate sem empenho, dando fianças, ou gozando do privilegio de homenagem.—Sobre quem recahe pois o incommodo? Somentemente sobre o pobre, o lavrador, ou o artifice, que vive do seu jornal, ou pouco mais possui do que isso; e por tanto sobre o que menos pode supportar para si, ou para a sua familia a privação delle.—Necessitando nos tanto, ou mais doque qualquer outra Nação de braços para a Agricultura e para as outras Artes; e tendo huma grande inclinação para o Commercio, cahimos na contradicção de prender por tudo quanto ha, excepto por dividas.

Terminemos aqui abruptamente esta digressão, que dezejarei não pareça aos meus leitores nem demaziadamente

longa, nem muito fora do assumpto,—mas que por certo me levaria bem longe d'elle, se eu não atalhasse de repente a multidão de ideas que me occorrem, chamando por esta contradicção notavel nas Leis d'hum Povo essencialmente commerciante qual devia ser o Portuguez.

O resultado desta discussão he, que parecendo as minhas razoens justas, deveria o Governo adoptar meios efficazes, e menos oppressivos de prevenir, ou de castigar a adulteração dos Vinhos do Douro; mas alias o methodo que se tem seguido ate agora não he alheio da pratica em Portugal e por consequencia não se pode considerar como fundamento de queixa nem da parte dos Estrangeiros nem dos Nacionaes.

O IV. principio—será que encarregando-se huma companhia (como a que descrevi no Principio I) da Cobrança dos Direitos que se percebem sobre os vinhos do Douro, pode ser hum objecto conveniente para o Governo, assim como o Banco de Inglaterra serve ao Governo Inglez; com tanto que o de Portugal não imite o exemplo de todos os Governos absolutos da Europa, que metendo a mão nos fundos de propriedades particulares de Negociantes, sacrificão, por hum pequeno lucro temporario, interesses permanentes.

O V. principio he—que executar huma companhia composta como no principio I., obras publicas, ou por zelo, e patriotismo, á sua custa, ou por incumbencia, e com fundos do Governo, he huma obra muito meritoria, e digna de louvor do 1 caso—no 2 pode ser objecto de conveniencia para o Governo, e talvez de vantagens problematicas—e em geral pode-se dizer, que estes attributos são estranhos á grande questao de utilidade, ou prejuizo da Companhia dos Vinhos.

VI. principio—Sendo notoria a differença que produz nos vinhos qualquer variedade na exposiçãõ, e natureza do terreno, &c. parece incoherente, e impossivel a demarcação de hum districto que produza os mesmos.

VII. Se os vinhos d'hum certo districto se distinguem dos outros por huma qualidade geral, como por exemplo em França os de Borgonha, os de Bordeaux, &c., bem que os qualidades, ou bondades particulares sejam de diverso grão—parece que he menos ao districto local, doque a qualidade geral a que se deve attender.

VIII. As muitas alteraçoes que o Governo fez a primitiva demarcação do districto de vinho d'embarque, parece concorrer com os dois principios acima expostos para provar a facilidade com que se engana hum Governo, quando se intromette nos negocios dos particulares—quaes são os preços, e as qualidades dos generos.

IX. A notoria lotaçãõ dos vinhos tolerada, approvada e

praticada ate nos armazaens da Companhia no Porto, prova que o vinho de feitoria, ou d'embarque, he hum vinho artificial, inda que nao adulterado—isto he, hum termo medio e hum composto de vinhos realmente differentes.

X. Se huma companhia da natureza da que fica descrita no principio I. pedisse ao Governo o privilegio exclusivo da venda por miudo dos vinhos n'hum, ou mais districtos, como, por exemplo, na Cidade do Porto, ou no terreno da demarcação; e allegasse, que sem este lucro nao poderia sustentar o empate de vinhos, que era obrigada a comprar para ajudar os Lavradores, e conservar os preços:—deveria observar-se em primeiro lugar, que o privilegio exclusivo he hum dos methodos de favorecer a industria mais reprovado pela moderna Economia Politica—de mais que a compra de vinhos para vender por miudo, sempre teria lugar, e por consequencia com essas compras para o consumo interior nao acrescentava á companhia exportação alguma.—Que a companhia por este modo revendia aos mesmos de quem comprava, seguindo o systema mais reprovado pela Ordenação do Reino.—Que seria necessario, e prudente ao menos, que o Governo visse as contas da Companhia para vir a saber se este lucro era indispensavel.—Com tudo huma vez concedido este privilegio, o Governo se quizer ter credito, deve conserva-lo por todo o tempo, que o prometteo, ou dar huma indemnização, a aprazimento das partes.—O Governo deve em contractos figurar como hum individuo honrado.

XI. Se constasse de facto nao dar o Reino aguas ardententes em quantidade, ou qualidade sufficientes para os vinhos d'embarque, e se admittissem como certas as opinioens geralmente recebidas, que os ditos vinhos carecem d'huma addição maior d'agoa ardente para se conservarem, e para serem bem accitos no mercado de Inglaterra; e que para despertar a Nação d'hum estado de energia incomprehensivel em objecto de tanto interesse para os individuos (se fosse provado que procedia somente de culpa sua, e negligencia em hum Reino que todo elle produz vinho).—Repito, se para despertar a industria da Nação neste ponto, o Governo adoptasse a proposta de hum individuo, ou Sociedade que se offerecesse a distillar as quantidades sufficientes com tanto, que se lhes concedesse hum privilegio exclusivo do fabrico, e venda d'agua ardente nas tres provincias do Minho, Trasmontes, e Beira, seguiria o Governo methodo mais reprovado por todos os A. A. modernos de Economia Politica, e de que ate a experiencia das fabricas em Portugal, e n'outros Reinos deveria ter dezenganado todos os Estadistas.

XII. Se o Governo com a louvavel intençaõ de favorecer o individuo, ou Sociedade que se encarregasse de remediar o danno existente, lhe concedesse de mais o privilegio exclusivo de elle, ou ella só importar de fora do Reino as aguas ardentes, que faltassem; cahiria na contradicção palpavel, provocando nesse individuo ou sociedade a mesma enercia de que pertendia curar a Nação,—porque esse individuo, ou Sociedade (postos de parte os estimulos do patriotismo) vinhaõ assim a ter a certeza do lucro em ambos os cazos, ou produzindo maior quantidade d'agoa ardente no Reino, ou importando-a de fora.

XIII. Se de duzentas e tantas fabricas que se estabelece- raõ durando o Ministerio do Marquez do Pombal, tao poucas foraõ ávante, e nenhuma prosperou ao ponto de competir com as estrangeiras, segue-se que os privilegios exclusivos, e todos os methodos ate agora uzados para este fim saõ máos; ou se elles saõ bons, que ha no Reino causas possantes, que contrapezaõ toda a acção do Governo para excitar a industria do Povo.—O exame, e a destruição destas causas he que devia ser a primeira pedra do edificio.

XIV. Se a companhia descripta no I. Principio preenchesse os seos fins conservando a regularidade dos preços commodos para o Lavrador, e para o Comerciante, melho- rando a qualidade do genero, e segurando, e estendendo a venda delle, seria a primeira, e natural consequencia o aug- mento da producção annua, por effeito da melhor, e maior cultura das vinhas ate onde desse o districto demarcado.—A segunda consequencia seria o dezejo, e o interesse de muitos que se estendesse a demarcação. A terceira prova- vel seriaõ os empenhos, e consequente irregularidade com que esta extensaõ se faria pela Authoridade Publica enganada. A quarta o excesso da producção superior a toda a exportação.

XV. A Companhia descrita no I. Principio devia ter pre- venido, e estar preparada para este resultados, buscando aug- mentar proporcionalmente a exportação para novos merca- dos, ou distillando huma quantidade muito maior de vinhos em aguas ardentes, e em vinagres.

XVI. Naõ o tendo feito, ou naõ o podendo fazer, e dando as razoes porque o naõ fez, se instasse o excesso de pro- dução, varios remedios occorreriaõ.—O I. que seria o re- vogar todas as concessoes feitas posteriormente á primeira demarcação, provavelmente os mesmos empenhos o fariaõ impraticavel,—pois que os recentes favores suppoem recentes patronos. Outro remedio que seria o pôr todo esse com- mercio em liberdade, meteria medo pelo baixo preço a que os vinhos se venderiaõ, pela impossibilidade em que a Com-

panhia se acharia de comprar todo o excedente da exportação ordinaria, ou de o distillar. O terceiro arbitrio não sei aquem poderia occorrer, e seria o de multar com a pena de não exportação huma dada porção de vinho em cada adega do districto demarcado—e chamar-se a porção multada—*vinho separado*.

XVII. Este terceiro arbitrio foi comparado á retenção annual, que a Corte fazia da producção dos Diamantes para vender a restante por melhor preço—e á queima das especiarias, que fazia a Companhia Hollandeza, quando a importação excedia o consumo annual que lhe podia dar na Europa; de que differê todavia—em quanto ao 1. (e sem de modo algum offerecer aqui opiniao sobre o monopolio dos Diamantes), em que a Corte emprega nas lavras delles o numero de obreiros, que lhe parece; e sendo estes escravos importados de fora, pode a Corte sem inconveniente para o seu Povo diminuir a importação desta triste mercancia—em quanto os Lavradores de vinhos são subditos uteis, que se multão pela sua industria, e se confundem de sorte que não sabem como haõ de exercita-la para o futuro.—Alem deque he de recear, que nesta separação se commettao muitas injustiças particulares.—Differê do segundo, porque a Companhia Hollandeza tinha o monopolio das especiarias, e somente restringia a venda n'hum anno para conservar o seu lucro na mesma altura em todos os annos.—Nos não temos o monopolio do vinho em Inglaterra, ou em outra parte alguma.

§ V

Tendo assim exposto os Principios geraes sobre todos os pontos a que as transacções da Companhia podem ter alluzão, passo a applica-los aos factos, que tem chegado ao meu conhecimento; pareceo-me esta analyse mais segura para não cahir em erro, se misturasse a cada passo a theoria, e os factos. Fica assim mais livre o entendimento para bem discutir o principio em abstracto; e os leitores terão mais facilidade taobem para a applicação que delles faço e aos resultados que tem occorrido.

Ponho de parte nesta investigação todo o exame da parte Diplomatica da questão—*Non nostrum inter nos tantos componere lites*.—O Tratado não falla claramente na Companhia do Porto, nem o nome lhe pronuncia.—Se decidir se a interpretação virtual basta, não sei.—O que sei he que de tudo quanto se tirar á companhia antes da expiração do seu privilegio deve ella ser previamente indemnizada, e completamente em attenção ás partes que na boa fé do Governo ali depositarão seus cabedaes.

Digo de mais que essa questao Diplomatica, em que alias nao posso entrar, admite outro ponto de vista differente da abolição da Companhia, se for provado que a sua conservaçao he util ao Reino, e he, se nao pode preencher-se rigorosamente o Tratado sem a abolir?

N. B. Aqui me occorre huma confuzão de ideas com que sahimos da Universidade, e que levamos com nosco a todos os lugares da Magistratura. De certo existe hum Direito Natural, se por elle se entende o Codigo da razao, e do sentimento—qualquer homem dotado de igual força de raciocinio poderia como Martini, ou Wolfio, passear com a sua razao por todas as Instituições da Sociedade, e definir as obrigações, e os direitos do homem civilizado em cada situação—porem n'algumas a razao titubeara, e as opinioens serao varias; em outras achar-se-ha contrario ás leis positivas de hum ou d'outro Paiz. Hum Codigo semelhante, se o houvesse geralmente approved, seria mais proprio para ser consultado pelo Legislador do que pelo Magistrado. Espero por tanto, que me nao accuzem de desconhecer a pureza das intenções do nosso Legislador, se digo, que se inverteo a ordem das coizas, quando se deo aos Juizes o preceito, ou insinuação de interpretar as Leis positivas pelos principios de Direito Natural. (Lei de 21 d'Agosto de 1769.)

Assaz incerteza e confuzão tem introduzido no Foro as opinioens varias dos J. C. em pontos nao claramente definidos, para se lhe ajuntar mais huma fonte de discordia—e havendo-se observado que os Povos Monarchicos inclinão para a interpretaçao da mente, ou espirito da Ley, e os Republicanos para a intelligencia literal; e que os Letrados torcem o espirito em hum Paiz, e as palavras em outro; parece que o Legislador deve ser attento a limitar o poder dos Letrados, e nao a augmenta-lo.

Da mesma Sorte existe hum Direito dos Gentes—mas tao incerto como o Direito Natural, em quanto nao he definido, e modificado pelas Leis Positivas, que só podem ser Tratados, ou uzos geralmente adoptados entre as diversas Nações—e por isso mui propriamente lhe chama Mably, Direito Publico da Europa, e (diria melhor) da Europa Moderna—pois a historia prova que a Religiao Christaa he que teve o merito de restituir á sua pureza o Direito dos Gentes no artigo dos prizeiros de guerra, e que os principios do Direito das Gentes nao tinhao applicação entre muitos povos da Azia, da Africa, e da America—nem a podiao ter completa quando o Imperio Romano absorveo quasi toda a parte civilizada do Globo; nem a tera na Europa outra vez, se a nossa resistencia Peninsular nao despertar de veras os abjectos Povos do Continente.

VI.

Se da revista attenta dos principios expostos rezultar que elles sao bem geraes, ainda que escolhidos evidentemente com alluzão as diversas regulaçoens do systema que se seguiu na creação e continuação da Companhia do Alto Douro, e que sao incontestaveis por serem conformes ás doutrinas geralmente recebidas por todos os Escriptores de conceito tanto em Direito Publico, como em Economia Politica*; Sera facil ao Leitor intelligente suprir a seguinte parte do meu trabalho, comparando elle mesmo as regulaçoens adoptadas com os principios, e determinar onde as primeiras se apartao dos segundos—A unica difficuldade sera depois descobrir os motivos que induzirao o Legislador a arredar-se dos regras geraes; e com o escrutinio da experiencia de 56 annos, achar o verdadeiro pezo que tem na epoca presente esses motivos.—Se a observação que se lê nos Estatutos da Universidade he bem generica, e que as razoes dadas pelos Legisladores nas mesmas Leis nao sao frequentemente os verdadeiros motivos dellas, mas apenas razoes suasorias—esta indagação se torna nao pouco difficil quando se trata d'uma Instituição absolutamente sem modelo, ou exemplo.

Eu taobem nao dezejo abuzar do favor que peço a Vm.^o e huma vez que me rezolve a nao imprimir aqui esta Memoria, convem muito que a abrevie.

Para facilitar somente ao Leitor o trabalho, que lhe reservo, junto o seguinte mappa ou tabella dos males a que se procurou obviar com a creação da companhia, e dos remedios naturaes, que se offereceriao ao escripto das pessoas que tem algumas noçoens da Administração dos Estados Modernos,

TABELLA

Males a que o Governo procurou acodir em 1756 com a creação da Companhia do Alto Douro.

Remedios mais simples que occorreriao, e que se devem comparar com os que forao adoptados em 1756, e

* Entendo principalmente os Escriptores Inglezes, seguidos geralmente em França, Allemanha, e Italia :—porque os Estadistas antigos da nossa Península tinhao principios mui diversos que nao sei se herdarao mais dos erros dos J. C. Romanos, se da barbaridade dos Godos.

annos seguintes, ou com outros quaes quer que ao Leitor intelligente possaõ occorrer.

I.

Conloio, ou conjuração entre os Negociantes compradores de vinhos, como succede em 1754, para dar a Lei, e o preço aos Lavradores; e com avanços antecipados aos mesmos, que os constituem em dividas, e atrazos, senho-rear-se inteiramente da cultura e do commercio como se diz que succede taobem com o commercio dos figos, e posas do Algarve.

II.

Mistura de vinhos improprios para se unirem, e adulteração de todos com baga de Louro, de Sabugueiro, caparroza, páo campeche, fo-lhelho. Deterioração da qua-lidade dos vinhos pelo uzo de estrumar as vinhas—Mistura de uvas pretas, e brancas.

I.

Huma Sociedade livre como a que descrevemos no I. Principio Sanccionada pelo Governo (quando muito;) o qual devia reflectir que o effeito immediato desta associacão seria o de altear os preços do genero, visto que esta-belecia huma competencia artificial.

II. No. 1.

A pratica de 56 annos con-corre com o raciocinio ab-stracto para fazer suspeitar impossivel a demarcação do districto, que só, e todo elle produziria vinhos para o em-barque; a prova geral e quali-ficação especial por pipa não no lugar da producção mas no d'embarque, feita sempre com intervenção das partes, e com Authoridade Publica, seria hum methodo muito me-nos vexatorio.

No. 2.

A mistura de ingredientes heterogeneos no vinho pode, e deve ser descoberta por pro-cessos simples chimicos, feitos como acima com inter-venção da Authoridade Pu-blica, e em prezença das Partes.